

Cancioneiro Alegre – I **de Camilo Castelo Branco**

ÍNDICE

Prefácio

Álvares de Azevedo – Minha desgraça e Namoro a cavalo

Anónimo – Um jantar de barões

Azevedo Castelo Branco – Frutos piedosos

Barão de Roussado – Roberto

Brás Luís de Abreu – A uma pelada

Cabedo (António de) – Carta a um regedor e Resposta do regedor

Camões – A uma senhora – Idem

Cláudio José Nunes – O poeta e Em que pararam as musas

Correia de Almeida – O Carnaval

Diogo de Macedo – ilusões

Fernando Caldeira – Uns pezinhos

Filgueiras (Dr. Caetano) – Canção do marinheiro

Franco de Sá – A esbelta e Amor e namoro

Gil Vicente – Auto da Barca do Inferno e Cantiga

Girão (António Luís Ferreira) – Viva o progresso!

Gonçalves Crespo – Um número do «Intermezzo» e Quando canta a Maldonado

Gonçalves Dias – Que coisa é um ministro

Guerra Junqueiro – A morte de D. João

Guilherme de Azevedo – Um bote e Os palhaços

João de Deus – Teatro de Lisboa e A Escritura Sagrada

Jorge de Aguiar – Contra as mulheres

Nunes da Ponte – Vaivéns

Papança (Macedo) – Incompatibilidades e Duas épocas

Paulino Cabral – Verdades singelas

Sá Coutinho (Teodoro de) – Carta de guia

Sousa Andrade (Joaquim de) – «Mademoiselle»

Tomás Pinto Brandão – Décimas

Tomás Ribeiro – Faço ideia

Vidal (Eduardo) – A raposa e as uvas

Visconde de Almeida Garrett – O Natal em Londres e As férias

Viterbo (Sousa) – As senhoras fidalgas da confraria de S. Tartufo

Xavier da Cunha – Descrição do quarto do autor

*Ao bom senso
da Rua das Flores e da Rua dos Capelistas*

O. D.

O COMENTADOR

PREFÁCIO

Esta ideia de um Cancioneiro Alegre sugeriu-a ao comentador um formoso livro escocês intitulado The book of humours poetry, impresso recente e primorosamente em Edimburgo. É leitura variada, deliciosa, ridentíssima sempre, não das casquinadas que nos distinguem tristemente entre os animais, mas do sentir Intimo de contentamento quando vemos bem solfejada nos versos a prosa ridícula das nossas esquipações.

Ambicionei patrioticamente ver assim um livro de poetas portugueses e brasileiros; mas logo me assaltou a contrariedade de que o poeta, em Portugal principalmente, por via de regra, desabrocha os seus botões de flor às lágrimas da aurora – nasce a chorar; e, se chega a adulto e secou os prantos, é porque foi despachado – arranjou-se; e, enquanto o não arranjam melhor, chora em prosa no seio do deputado amigo, em memoriais plangentes, que entram como sudários na pasta do ministro. Se o ministro já trovou como Serpa, ou Andrade Corvo, Mendes Leal, Tomás Ribeiro, ou Couto Monteiro, o poeta, mais hoje ou mais amanhã, se for de pouco sustento, pode contar que sobreviverá ao seu despacho e enxugará as pérolas dos seus olhos ao plastron do ministro como Horácio limpava as suas remelas às tapeçarias do monopódio de Mecenas.

Entreí a inventariar na minha estante de poetas uns que tinham parecido de amores fulminantes e outros de anemia, antes de chegarem ao capitólio de verificadores de alfândega, de escriturários da Fazenda e ministros da coroa. Esses pouco me deram. Pertenciam à quadra ominosa do sentimentalismo. Estavam mortos para todos os efeitos.

*

A poesia sentimental acabou. Devia naturalmente acabar assim que o amor se julgou supérfluo no casamento do vate. Eram, noutra tempo, os poetas uns amadores vitalícios que cantavam e amavam todas as meninas de uma ou duas freguesias; mas não casavam com elas. Enfeitavam-nas de flores para maridos maganões, que sorriam deles com uma piedade quase benévola e os tratavam, com excessos de delicadeza, até ao requinte de os porem na rua com poucas bengaladas. Os maridos, às vezes, quando os poetas bisavam os seus cantares, faziam no espinhaço das esposas o compasso. Isto soube-se; a desordem da família constou cá fora, e o lirismo começou a cair como imoral.

Caído o lirismo, o poeta foi compreendido nas regras do género humano. Entrou a casar sem versos. Em vez de perguntar à vizinha quantas estrelas tinha predilectas no azul, indagava quantos prédios tinha o papá: e, se era órfã e herdeira, não lhe azedava saudades do progenitor com necrologias: ia ao cartório do escrivão do inventário

examinar o formal de partilhas; e, recolhido ao silêncio do seu gabinete com os apontamentos, em vez de:

Mulher amada, que o meu peito abrasas,

escrevia:

Por metade do prédio da Rua das Congostas... 2750\$00

Acabou assim a poesia amorosa. Não foi Charles Baudelaire, nem a devassidão dissolvente do Segundo Império, nem os progressos da etnografia e da química, como pretende o Sr. Guerra Junqueiro. A poesia sentimental acabou porque poetas que exercitem a arte por amor da arte já não há nenhum, nem tão-pouco há mulheres que sintam no peito o vácuo dos sonetos; e, se acontece ainda alguma experimentar vágados íntimos e palpitações estranhas – cousas que outrora se chamavam

Vago aspirar de virginais enlevos,

come uma sanduíche, um bife de grelha, e fica melhor. Elas, quando saíram do colégio, não traziam geografia e ânsias de ideal: traziam clorose, e fome.

Desfibradas as cordas da citara, era, não obstante, necessário e fatal que alguém cantasse. O génio é rebelde: se o espezinham, ressaltava. Alguns poetas, quais vasos de porcelana frágil, não puderam conter as raízes da flor do sentimento, que se lhes radicaram profundas e largas até os estourar em poemas, nem românticos nem clássicos. Semelhantes coisas são uns extractos sulfídricos necessários ao riso moderno como o estrume à seiva das finas flores aromáticas. Como não podiam cantar com aplauso a violeta roxa, cantam a alporca rubra.

Que eu, a falar verdade, não creio em Goethe. Ele diz que não há literatura clássica nem romântica: há literatura sã e literatura podre. E renovar o feio e a podridão – acrescenta Philarète Chasles –, o falso e o trivial, o frenesi e a obscenidade, o imenso e o exagerado, pela enfermidade e pela demência, é facilíssima empresa¹.

Digam lá o que disserem os oráculos. A literatura não é Aristóteles, nem Horácio, nem Boileau, nem Goethe. A poesia, essência fétida ou aromática da literatura, é a expressão de uma época. «O feio é o belo, e o belo é o feio.» Fair is foul, and foul is fair, diz Shakespeare. Ontem cantava-se a sociedade dispéptica em uso de fígados de bacalhau; hoje canta-se a sociedade podre em uso do proto-iodeto de mercúrio.

*

Se a tranquilidade pública perdeu ou ganhou com o desuso do sentimentalismo é outra questão. Creio que a sociedade lucrou em peso e perdeu em feitio. A mulher, amada do poeta e conhecida como tal, tinha certo prestígio e uns aromas particulares das grinaldas de rimas que lhe ajardinavam o salão, a alcova, a igreja, o teatro, o passeio, a praia e os sonhos – sobretudo os sonhos, quando não procediam das ceias copiosas. Estes aromas adelgaçavam-lhe o espírito; elas viam as coisas da vida a uma luz eléctrica; tinham a palidez ebúrnea das Ofélias cuidadosas dos seus doidos contrafeitos, às vezes sandeus legítimos; sabiam traduzir Telémaco e os segredos da Lua; mas não conheciam o processo de fazer bons caldos e marmeladas. Depois, as que

¹ *Psychologie sociale*, obra póstuma.

entraram pela infiltração do matrimónio na substância do poeta, caíram em si, pasmadas e cépticas, quando viram os maridos preferirem a uma meditação de Lamartine um prato de esparregado. Eles é que as despoetizaram, os maridos, pedindo-lhes caldo substancial em vez de um

riso
liso,

como diz a trova.

E as esposas, com o espírito engordurado da gula dos maridos, ensinam às filhas o desprezo da velha poesia; e, quando as colhem de assalto embebidas no êxtase dum moço magro e macilento, dizem-lhes: « Vosso pai também assim era delgado e pálido antes de casar; mas depois, com os caldos fortes, engordou.» Estas palavras são o epitáfio do lirismo escrito no seio da geração nova. Toda a menina que prevê a poesia flutuante do esposo consolidada em tecido celular prefere as formas finas e flexíveis de um marido sem exame de instrução primária.

*

Tudo o que nos alegre, poema ou tolice, é um raio da misericórdia divina. Das poesias deste Cancioneiro pode dizer-se o que o conde de Chevigné dizia dos seus Contes Remois:

J'ai, pour guérir, des recettes certaines;
Chaque ordonnance est un joyeux récit.
On souffre moins du moment que l'on rit.
Je vous apporte un remède aux migraines.

«Que há-de fazer a gente senão alegrar-se?» – pergunta Hamlet: Whast should a man do, but to merry?

A seriedade é uma doença, e o mais sério dos animais é o burro. Ninguém lhe tira, nem com afagos nem com a chibata, aquele semblante caído de mágoas recônditas que o ralam no seu peito. Há nele a linha, o perfil do sábio refugado no concurso ao magistério, do candidato à Câmara Baixa bigodeado pela perfídia de eleitores que, saturados de genebra e Carta Constitucional, desde a taberna até à urna, fermentaram a crisálida de consciências novas. O burro é assim triste por fora; mas é feliz por dentro, e riria dos seus homónimos se pudesse igualá-los na faculdade de rir, que é exclusiva do homem e da hiena, a qual ri com umas exultações ferozes tão autênticas como as lágrimas insidiosas do crocodilo.

Nestes ramilhetes de poesias não há flores para jarras de altares nem de jazigos. Umás são a facécia antiga portuguesa, sinceramente lorpa e boa; outras são a ironia moderna, o riso amargo da decadência que espuma fel pelos lábios lívidos. On ne rit plus aujourd'hui, on ricane (diz Léon la Forêt). Si l'on fait parfois de l'esprit, c'est de l'esprit facile, au dépens du prochain. On ne rit plus que pour mordre, et le plus grand poète de notre triste temps pourrait lui appliquer ce vers, où il ne voit dans le rire qu'une menace:

D'une bouche qui rit on voit toutes les dents.

O leitor tem entre mãos o livro mais consolador que se lhe poderia oferecer no

mais triste período das artes, das letras e das indústrias honestas em Portugal.

Quando se reformar o Curso Superior de Letras com todas as disciplinas indicadas urgentemente pelas necessidades da ciência moderna, e se criar uma cadeira de Poesia patusca, este Cancioneiro será a selecta do curso.

E o aluno, então, a impar de ontologia e antropologia, como se comesse o indigesto Sr. Teófilo e mais dois marmelos crus, irá à aula dos saudáveis risos tonizar a arca do peito de ar bem oxigenado de chalaças luso-brasileiras.

São Miguel de Seide, 1 de Janeiro de 1879.

CAMILO CASTELO BRANCO

GUERRA JUNQUEIRO

Lisboa faz e desfaz, com a mesma sem-cerimónia, os grandes poetas. É a moderna Jerusalém dos judeus antigos. Recebe em Santa Apolónia com hossanas e fados os pregoeiros da Ideia Nova em prosa e verso. Depois enfastia-se deles, cai em si, chama-se tola, e crucifica-os. E eles, os crucificados, chamam-lhe *Lourinhã*; e, se não receassem ferir conveniências pessoalmente topográficas, chamar-lhe-iam *Freixo de Espada à Cinta*.

Lisboa encerra entre os seus mármore e granitos grandes cabeças antigas; mas paradas como os preciosos relógios de Luís XIV – monumentos em bronze com verdete, e em crânios descabelados. Uns literatos que já foram de maço e mona estão nas secretarias, estão nas suas casas a comer o País, a descascar os joanetes e a envelhecer num egoísmo sórdido. Tolhe-os uma desdenhosa indiferença por coisas literárias. A Ideia Nova de vez em quando cita-os para os enxovalhar. Mendes Leal é o *vate*, Latino Coelho é o *retórico*, António de Serpa é o *citarista dos solaus* de 34. Como que esbatidos para dentro da Idade Média, nem são respeitados nem temidos na sua indolente cobardia.

Ora, cada jornal tem uma célula em que esfervilha um recheio de ignorância hostil à autoridade. Destas fermentações fumegam os eflúvios, que, um dia, incensaram Teófilo e noutro dia Guerra Junqueiro. Os escritores sérios, a quem cumpria retardar pelo menos com o cautério da zombaria o lavrar do cancro, esses fazem da política uma filosofia de mais e um prato à maior na sua mesa. Para não comerem favas, trocam por lentilhas a dignidade das letras. São desprezados como merecem.

O Sr. Guerra Junqueiro é actualmente um poeta inspirado de si mesmo. É o pelicano que se bica e pica nos seios da sua alma e sangra de lá a seiva de sílabas com que alimenta os seus filhos queridos – os alexandrinos. Há onze anos, todavia, não era ele tão estremadamente original. Modelava-se por mestres de autoridade e gosto muito equívocos e não se dedignava de subscrever poesias triviais surradas dum rococó patriota e chocho.

Não é mau exemplificar, quando se põe um grão de heléboro na âmbula com que me proponho engrossar os vapores do incenso que o trazem endeusado em fumo desde a Casa Havanesa até ao Pote das Almas, e daí pelo resto da Península dentro.

Em 1867, o Sr. Guerra Junqueiro deu à luz um livrinho de versos, chamado *Vozes sem Eco*. A pp. 125 e 126 deste opúsculo há umas quadras (improviso) intituladas *Na Cruz Alta do Buçaco*.

Agora, outra coisa.

Na *Guia Histórica do Buçaco*, por Augusto Mendes Simões de Castro, p. 220, há umas quadras (improviso) intituladas *Buçaco*, datadas em 1862, e assinadas Luís Carlos.

Confrontem-se:

Luís Carlos, em 1862:

NO BUÇACO

(IMPROVISO)

Foi aqui, foi aqui que o povo lusitano

*O trilho da vitória achou mais uma vez;
Foi aqui que, gemendo, as águias do trano
Rojaram pelo chão ao gládio português!*

*Parece-me inda ouvir o grito dos vencidos,
O estrépito da luta, as vozes do canhão;
Parecem retumbar ainda a meus ouvidos
Os ecos do clarim, perdidos na amplidão!*

*Meus olhos cuidam ver o aspecto majestoso
Daqueles que o pendão da pátria defenderam!
O canto da floresta, um canto grandioso,
É hino de triunfo e nénia aos que morreram!*

*Bravos, dormi em paz, dormi em paz agora;
Tranquilos repousai da ingente heroicidade:
Raiou de vossa campa a deslumbrante aurora,
Que ao Velho Portugal deu vida e liberdade!*

Guerra Junqueiro, em 1867:

NA CRUZ ALTA DO BUÇACO

(IMPROVISO)

*Foi aqui, foi aqui que o braço lusitano
Os livros da vitória abriu mais uma vez!
Foi aqui, foi aqui que as águias do tirano
Rojaram pelo chão ao gládio português.*

*Parece-me inda ouvir o grito dos vendidos,
O estrondo da batalha, os roncões do canhão!
Parecem reboar ainda aos meus ouvidos
Os ecos do clarim, perdidos na amplidão.*

*Nos robles estou vendo o vulto valoroso
Dos nossos que o pendão das Quinas defenderam!
O canto da floresta, altivo, rumoroso,
É hino de triunfo, é nénia aos que morreram!*

*Bravos, dormi em paz, dormi em paz agora;
Das lides descansai na santa eternidade:
Raiou de vossa campa uma sublime aurora,
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade!*

À primeira vista, figurou-se-me que o Sr. Guerra Junqueiro, ainda verde, escrevesse em 1862 com o pseudónimo *Luís Carlos*; e cinco anos depois, inscrevendo-se com o seu já maduro e genuíno nome, emendasse a poesia, substituindo as palavras que sublinhei.

Sendo assim, é de notar que as emendas pioraram as quadras; mas assim não foi. *Luís Carlos* não é pseudónimo: é o Sr. Bacharel Luís Carlos Simões Ferreira, redactor que foi do *Instituto* de Coimbra e autor de alguns poemas bons, impressos naquele semanário desde 1862 até 1864.

Vê-se pois que há dez anos ainda o Sr. Junqueiro se acingia à autoridade, tinha predilecções por certos exemplares, perfilhava dezasseis rimas de quatro quadras feitas por Luís Carlos e improvisadas por ele, Sr. Guerra, porque as rimas são de toda a gente; e Miguel do Couto Guerreiro, quando fez um *Dicionário de Consoantes*, não disse que era dono das consoantes como das suas botas e do seu nariz. Pelo que respeita à analogia das ideias dos dois improvisos, o reparo seria uma niquice. Guerra Junqueiro servia-se então dos pensamentos comuns e contraditórios; o tesouro das coisas originais abriu-o mais tarde, quando as *Flores do Mal* de Baudelaire se desabotoaram no bom guano que lhe ofereciam os espíritos tábidos da juventude pátria.

A Morte de D. João é uma desova de toda a sua originalidade francesa. Tem coisas de tanto chiste que bem se está revendo nelas uma graça estrangeira. O que mais realça neste livro é o que nos faz rir à custa das desgraças sociais, à custa da lepra do vício, por conta do diabo «a quem quebraram os cornos», e à custa do Padre Eterno, que morreu primeiro que o «diabo derrabado».

Este jeito de poesia tem de olho regenerar os costumes nacionais – pondo o velho lirismo fora das alcovas corrompidas pelo madrigal. A maneira de virginizar os corações das mulheres canceradas pelo sentimentalismo de Vidal e de outros eróticos é dar-lhes Impéria, como escarmento, leprosa e hidrópica, com chagas na cabeça e pústulas vermelhas, porque

A sífilis bestial roeu-lhe as sobrancelhas.

Este quadro deve fazer arrepiar carreira a muita menina incauta que está ouvindo a guitarra de D. João à porta das tabernas do Borratém: e não é para admirar que as escoriações que mancham as epidermes do Beco da Água de Flor venham a desvanecer-se com o uso deste poema e do sublimado corrosivo.

Contra os poetas sentimentalistas articula galantemente o Sr. Guerra Junqueiro no prefácio da 2ª edição do seu poema: «Os poetas sentimentalistas cantam trezentas meninas num livro de duzentas páginas, menina e meia por página, e sendo essas meninas as vossas irmãs, as vossas filhas e as vossas esposas (porque eu não posso acreditar que tais declarações sejam feitas a meretrizes), os bardos dizem-lhes coisas de tal modo indecentes que, se fossem pronunciadas no meio da rua, seriam presos pela polícia, e, apesar disso, vós admitis esses trovadores nas vossas salas, o Estado condecora-os e a sociedade aplaude-os. Ora, de duas uma: as confissões amorosas que constam desses livros ou são verdadeiras ou falsas. Se são verdadeiras, isso equivale a uma confissão de réu, e portanto o poder judicial que proceda: levem Apolo à polícia correcional; se são falsas, então nesse caso revelam uma espécie de ninfomania platónica e literária que vós deveis expulsar para sempre das vossas memórias, das vossas estantes e dos vossos pianos.»

Ninfomania, diz o poeta. Mas quem é que escreveu essas declarações amorosas e indecentes às filhas e às esposas dos leitores? Foi a Srª D. Maria José da Silva Canuto? Seria acaso a Sr. a D. Maria Adelaide Fernandes Prata? Praticou tal excesso a Sr. a D. Maria Rita Chiappe Cadet? Se foram elas que deram o escândalo desse delírio erótico, é anatómico e criticamente justo acusá-las de *ninfomania* platónica e sujeitá-las a um tratamento lácteo e vegetal, banhos frescos, infusão de alface para bebida com sementes emulsivas de melancia e pepino. Porém, se os poetas sentimentalistas são homens, o

dotá-los de *ninfas* o Sr. Junqueiro é um hermafroditismo que excede a alçada do seu poder criador, porque vai de encontro a todos os anatómicos desde Galeno até Bichat. Pela mesma razão, se aquelas três referidas senhoras, na escandecência do seu estro e paixão, começassem a enviar poemas fesceninos e lúbricos ao Sr. Guerra Junqueiro, S. Ex^a não poderia correctamente dizer que as três damas sofriam priapismo platónico, nem aconselhá-las ao uso de clisteres canforados e sanguessugas nas regiões circunvizinhas.

Em a nota final *d'A Morte de D. João* escreve o autor com pena copiosa: «Em geral, o poeta moderno não compreende o seu tempo. Ignora os resultados assombrosos da química, da geologia, da etnografia, da linguística.» O Sr. Guerra Junqueiro, poeta moderníssimo, diz modestamente que ignora coisas que tomara eu sabê-las, como S. Ex^a, excepto a anatomia, que ele descara, fazendo as ninfas comuns de dois.

Quanto à linguística, este seu poema dá testemunho de que o filósofo é muito superior ao anatómico. Não está bojudado de vernaculidades rançosas nem impertigado nos espartilhos de uma severa gramática: mas, em geral, quem tiver alguma leitura de livros franceses percebe-o. Ele conhece os galicismos – di-lo na carta que precede as *Caricaturas em Prosa* de Luís de Andrade – conhece-os; mas gasta-os no uso das suas ideias, porque «as palhvas do século XV não servem para exprimir os pensamentos do século XIX».

O autor *d'A Morte de D. João*, se o forçassem a falar com palavras de Luís de Sousa, de António Vieira e de Bernardes, calava-se, porque os pensamentos do século de Guerra Junqueiro não podem exprimir-se com palavras do século de D. Manuel. Por exemplo: quer S. Ex^a pedir num restaurante uma *omelette*. Decerto a não pode pedir como a Maria Parda de Gil Vicente pediria ovos fritos na taberna de Martin Alho. Claro é portanto que a palavra do século XV não exprime o pensamento do século XIX. Então era *ovos fritos*, hoje é *omelette*. E assim por diante em tudo que intente com o paladar e com os quatro restantes sentidos corporais. Já agora a gente só poderá expressar-se em português castiço e fazer-se entender se acertar de encontrar-se nas esplanadas infinitas das ilhas Beatas do poeta Alceu com o historiador Fernão Lopes e com as poetisas Luísa Sigeia e Paula Vicente.

Mas o Sr. Guerra Junqueiro, num escrito mais recente, inclina-se a julgar que a antiga língua portuguesa é necessária a quem escreve no século XIX. Na apreciação dos romances do Sr. Eça de Queirós escreve judicioso: «Infelizmente, Eça de Queirós não conhece ainda todos os recursos brilhantes de que pode dispor, manejada por um espírito moderno, a antiga língua portuguesa.» (*Ocidente*, nº7.) Parece, todavia, segundo estes dizeres, que esses recursos só pode dispor deles um espírito moderno. Há espíritos antigos que não sabem manejar os referidos recursos. Lucena e Camões escreveram para subsidiar os espíritos que bordam os matizes da ideia em bastidor francês; os espíritos antigos, se escrevem, esses, os jarretas, consultam Amaro Mendes Gaveta e o *Alívio de Tristes*, do padre Mateus Ribeiro.

O Sr. Eça de Queirós é mais bizarramente generoso com o seu amigo que o acoima de escasso na prosódia: «O grande poeta moderno da Península» (*Renascença*, p. 18), escreve com a maior liberalidade geográfica o autor *d'O Primo Basílio* – o romance mais doutrinal que ainda saiu dos prelos portugueses.

Eu abundo nas dimensões que o romancista marca ao poeta no mapa da Europa. Vingo-me assim da onça do Escorial que nos mostra os velhos grifos nos sorrisos de Fernández de los Rios e Castelar. Os Espanhóis pode ser que venham a desnacionalizar-nos; mas em matéria de poetas e prelados, a primazia há-de ser sempre do Sr. Guerra Junqueiro e do arcebispo de Braga.

Enquanto se falar a língua de Portugal, Algarves e dalém-mar em África, fusca

Etiópia e Guiné, dir-se-á sempre:

D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo primaz;
Guerra Junqueiro, poeta primaz;
Ambos das Espanhas.

Neste *Cancioneiro Alegre* frisaria todo o poema do triunfante filho de Freixo de Espada à Cinta, porque não há aí página refractária aos sorrisos discretos ou às rinchadas dos risos que dão elasticidade à pleura e sacodem de sobre a alma o cisco das quimeras. Bom livro e bons livros quantos o Sr. Guerra Junqueiro florear nesta sazão das suas Primaveras felizes, com a carne alegre, o espírito funambulesco e os ossos sem reumatismo! *Laissez-les donc! c'est bien plus rigolboche!* é o estigma do estandarte que nos vai levando à treva inferior do utilitarismo e do asco infernal da Arte.

Com medo do Sr. Junqueiro já ninguém ousa consagrar à mulher amada duas redondilhas. Os amantes que sentem um Petrarca a vibrar-lhes a protuberância da amatividade abafam e morrem inéditos. Escassamente se remetem da província às gazetas as dores da alma com estampilha de vinte e cinco.

O Sr. Guerra, flor das Espanhas – o Muságeta da ocidental praia – fez calar todos os seus domínios intelectuais – a Península, incluindo Belém. Jaime, ultimamente, não nos há dito o que lhe vai na alma. Como a poesia não pode espumear do seio em trovas mais ou menos coxas, mas pudicas, os trovadores amordaçados, em vez de enroscarem as meninas nos alexandrinos, requestam-nas à unha; e pois que a alma não pode guindar-se pelas estrofes aos terceiros andares, içá-se pelos degraus de seda. Quem tiver génio e três francos para um Baudelaire senta-se na esteira dos prostíbulos e harpeja na guitarra a canção das chagas de Impéria e do nariz purpúreo de D. João. E quem não puder tomar pé nesta angra de lama contente-se em reatar na sua memória o ramal de pérolas que eu ao acaso tirei do guarda-jóias do nosso «Cristo da poesia», como lhe chama um tal Sr. Oliveira Martins. – Que Martins este e que Cristo aquele!

Agora, e finalmente, sério:

O Sr. Guerra Junqueiro tem legítimo direito a que os seus admiradores sensatos o denominem um *brilhante paradoxo*; porém, como arde em luz por demasia intensa e artificial à custa de espelhos ustórios, receio que se carbonize depressa e descambe de paradoxal a sem-sabor. Precisa de ter génio muito fecundo para equilibrar-se na maroma literária que escolheu. A poesia actual é uma bizarra pecadora: é a Cora Pearl um pouco já desbotada e com dois dentes postiços. Entrou em Portugal, onde tudo entra vinte anos depois que sai de França. Cora Pearl trazia um cravo encarnado no decote sujo: este cravo é o Sr. Guerra Junqueiro. Ora eu, por mim, receio que ele perca o aroma, porque as flores, em contacto com os seios calcinados dessas mulheres, murcham depressa.

Mas conta-nos o poeta, no prefácio da 2ª edição *d'A Morte de D. João*, que da 1ª se venderam rapidamente mil e duzentos exemplares.

Quanto a isso, contarei ao Sr. Guerra Junqueiro uma coisa de ranço antigo: um grande poeta cómico de Atenas, chamado Menandro, sabendo que o público aplaudira delirantemente uma comédia muito ordinária e obscena de um versista chamado Filémon, procurou o versista aplaudido e perguntou-lhe: «Não te envergonhas dos teus triunfos?».

A MORTE DE D. JOÃO

(D. João olha para um canto e vê o Diabo escondido dentro dum confessionário)

Que vejo eu, Senhor!
O arcangélico príncipe das trevas,
O velho tentador
Das inocentes Evas;
O espírito orgulhoso,
O espírito revel
Que atirou para o céu esplendoroso
A ameaça da torre de Babel;
O herói que andava em noites tenebrosas
A levantar cidades monstruosas,
Babilónias ciclópicas, estranhas,
Onde os gigantes ruivos, indomáveis,
Construíam palácios formidáveis
No ventre das montanhas;
Ele, o chefe dos trágicos guerreiros,
O negro salteador
Que ia lançar o fogo nos mosteiros
Para roubar as filhas do Senhor;
E que entrava nas velhas abadias
Despedaçando os túmulos reais
E vertendo o falerno das orgias
Sobre as letras dos góticos missais;
O alegre tentador de formas várias
Que com lascívias mórbidas, secretas,
Ia tentar os pálidos ascetas
À boca das cavernas solitárias;
Ele, o pajem que em noites luminosas
Às castelãs dormentes, vaporosas,
Ia cantar as lânguidas baladas;
E que às vezes parava em seu caminho
Seduzindo as crianças virtuosas,
Que estavam descuidadas,
Fiando o alvo linho
À beira das estradas;
Ele, o filho da treva e do pecado,
O orgulhoso da raça de Caim,
Até me custa a crer que o veja assim
Repelente, grotesco, desdentado.
E que vida sombria, aventureira,
No seu nariz gigante,
Que parece uma tromba de elefante
Pintada com a cor da caparrosa!
Naquele olhar cansado, metafísico,
Nessas pupilas baças,
Revelam-se as desgraças,

*A hiponcondria dum macaco tísico.
É como um infeliz pelotiqueiro
Esguio, frouxo, velho, quase nu,
Desses que a gente encontra pelas praças
Vestidos em Janeiro
Com um manto real de pano cru.*

(Dirigindo-se ao Diabo)

*Por te ver sujo, escalavrado e roto,
Não me enganas maroto,
Bem te conheço a ti;
Não me causas nem ódio, nem horror;
Dize-me, pois: que vens fazer aqui?
Vens a buscar a alma do doutor?*

O DIABO

*Eu venho trazer a minha.
Ando já mesmo na espinha,
Sou como um figo maduro,
Um cão tihoso, nojento,
Que vai buscar o alimento
As podridões do monturo.*

*Os filósofos modernos
Foram lá baixo aos Infernos,
Destruíram-me os telhados,
Deixaram-me a casa nua
E puseram-me na rua
A pontapés. Que malvados!*

*Fui o exemplo dos reinantes;
Tive trezentas amantes
Metidas no meu harém,
Como um ilustre varão,
O frascário Salomão,
Que eu conheci muito bem.*

*Fui católico-romano:
Também tinha um Vaticano
Onde os bons dos cardeais,
Com teologia excelente,
Discutiam sabiamente
Pecados originais.*

.....

*Quando cheguei a este mundo
Vinha roto, vinha imundo,*

*Cabeça nua e pés nus;
Que martírio inda não visto!
Para o Diabo ser Cristo
Faltou-me apenas a cruz.*

*Fui a Roma. O padre-santo
Mal me viu, banhado em pranto,
Logo me fez cardeal:
Vesti saíotes vermelhos,
E encobriram-me os chavelhos
Com a mitra episcopal.*

*Era eu quem dirigia
A sagrada mercearia
Dó velho mundo cristão;
E o pontífice entrevado
(Que belo homem! coitado)
Chamava-me seu irmão.*

*Afinal, oh, coisa incrível!
Tornei o papa infalível,
Tomei-o santo três vezes;
Mas o bom senso do povo
Respondeu ao dogma novo
Como Cambrone aos Ingleses.*

*Perdi tudo. Um belo dia
Ergueu o colo a heresia,
Como se diz nos jornais;
Quebra depois um banqueiro,
E foi-se todo o dinheiro
Do papa e dos cardeais!*

(Neste ponto o Diabo enternece-se, as lágrimas saltam-lhe dos olhos e os soluços embargam-lhe a voz. Passados alguns momentos, continua num tom grotesco e lastimoso):

*E ao terminar desta vida
Aqui me vês sem guarida,
Morto de frio e de fome;
Não tenho casa, nem cama;
Já toda a gente me chama
Robert Macaire Gentilhome.*

*Quando passo nas estradas
Sou corrido com pedradas
Pelo povo.
Uns saltimbancos, há dias,
Entre mil judiarias,
Tiraram-me um fato novo.*

*Esmurraram-me a corcunda,
Chamaram-me em língua bunda
Coisas feias, coisas más,
E deram-me (que lembrança!)
Piparotes sobre a pança
E beliscões por detrás.*

*Depois, com risos ferozes,
Gritaram em altas vozes:
« Vamos tirar ao Diabo
Os satânicos adornos»!
E um deles partiu-me os cornos
E o outro levou-me o rabo.*

*Ora aqui tens afinal
Desta vida original
A abreviada notícia:
E acrescento-te em segredo
Que ando aqui com muito medo,
Sabes de quem? da polícia.*

*Há-de haver coisa dum mês
Furtei um lenço a um burguês,
Um rico lenço encarnado;
Ando mais morto que vivo:
Talvez por esse motivo -
Não serei canonizado.*

.....

D. JOÃO

*E não passa ninguém por esta rua!
Se o demónio da chuva continua
Por mais um dia ou dois,
Jantarei como tu, Ezequiel,
Os estercos dos bois.
Antes eu fora besta de aluguel
Ou sapo das latrinas,
Que não andava aqui pelas esquinas
Leproso como Job!
Ai que frio, que frio insuportável!
Ó carne miserável,
Custa-te bem a transformar-te em pó!*

.....

*E a caridade, a virgem da agonia,
Que estende a mão aos pobres infelizes,*

Hoje não sai de casa; a noite é fria
 E tem medo aos pleurises.
 Fazes tu muito bem, ó caridade!
 Que a chuva na verdade
 Causa graves transtornos à saúde;
 Para prova que o diga o meu abade,
 E mais esse é um monstro de virtude...
 Fazes tu muito bem! deixa-te estar
 Ao canto do fogão
 Com as irmãs a rir e a conversar
 Nas modas da estação.
 E adormeci nas lânguidas poltronas,
 Ao narcótico som dos vendavais,
 Ó magras solteironas,
 Desdentadas virtudes teologais!

.....

Ó Deus forte, á Deus justo, ó Deus clemente!
 Para que eu seja um verdadeiro crente
 Com muitíssima fé nos teus assombros,
 Tu, que fizeste já parar o Sol,
 Digna-te, á Deus, lançar nestes meus ombros
 Um capote espanhol!
 É um milagre tão fácil, tão vulgar,
 Que qualquer alfaiate o arranjará,
 Coa a simples condição de lho pagar.
 E é teu dever, ó filho de Maria,
 Dar um alívio pronto às nossas dores;
 Para isso te rezam de mãos postas,
 E te trazem às costas
 Em cima dos andores.

.....

Homens e deuses tudo está perdido!
 E em vão contemplo a abóbada celeste,
 A ver se cai o enxofre derretido.
 Para curar a peste,
 A peste que nos mata,
 Já não basta o enxofre, é necessário
 O nitrato de prata.
 Hoje o homem, ó mártir do Calvário,
 Está mais podre do que um velho escriba;
 Queres regenerar os corações?
 Não nos mandes sermões,
 Manda-nos copaíba.
 E até mesmo no crime e no deboche
 A humanidade é chata e pequenina:
 Que vale a Rigolboche

Ao pé de Nero e ao pé da Messalina!
Os juízes agora
São muito mais baratos
Do que foram outrora
No tempo de Pilatos.
Os dândis dissolutos,
Raquíticos pagãos,
Têm medo a Jeová,
E incendeiam charutos
Por não poder incendiar cristãos,
Que é coisa que não há.
Os pais são os negreiros
Das suas próprias filhas;
Os gordos merceeiros
Vendem as consciências por lentilhas.
Ai, que frio! que horror!
Se eu ainda tivesse consciência,
Ai, que frio!... comprava um cobertor.

.....

Fugiu do mundo a cândida inocência.
Desgraçada donzela!
Há quase seis mil anos
Não tornamos a ter notícias dela.
Também pouco me importa; eu, afinal,
Mesmo sem paraíso terreal.
Acharia esta vida muito linda
Se não houvesse ainda
A tolice do Código Penal.
Há tempos para cá eu tenho andado
Quase constantemente
Pelas prisões do Estado;
E é uma coisa indecente,
Uma coisa esquisita,
Que vá prender-se um homem simplesmente
Por ter furtado uma mulher bonita. -
E além disso a mulher de que se traia
Não era aí nenhuma aristocrata,
Era apenas a filha de um barbeiro
E, ainda mesmo assim,
Não era para mim,
Foi para um brasileiro.
E por isso, eu o juro,
Não tornarei a ser alcoviteiro.
Pedir esmola é muito mais seguro;
Tenho uma chaga preta
No sítio onde devia
Trazer uma grilheta.
Esta chaga é o pão de cada dia.

*Ando a mostrá-la sempre às multidões
 Salmeando lamúrias guturais;
 Rende diariamente três tostões,
 E nos domingos talvez renda mais.
 Eu digo desta chaga o que alguém disse
 Do Deus imaculado:
 Se ela não existisse,
 Já a tinha inventado.*

.....

*Que horror, que horror! os ventos infinitos,
 Os ventos penetrantes,
 Malditos!
 Riem como estudantes
 Às grossas gargalhadas,
 E atravessam-me a carne apodrecida
 Como um milhão de espadas.*

.....

*Sinto exalar da lâmpada da vida
 O último perfume...
 Ó burgueses! quem compra D. João?
 Quem quer fazer estrume?
 Meu velho coração
 Pára como um relógio;
 Escrevei-me depressa o necrológio,
 Ó menestréis da moda,
 Bardos do romantismo!
 Vem apagar a luz que me incomoda
 E mergulhar no abismo.
 E tu, á sociedade,
 Ingrata concubina!
 Se me não lanças pão, faz-me a vontade,
 Lança-me estriçnina.
 É um remédio seguro
 Para quem traz o estômago vazio...
 Oh, que frio! que frio!
 Partam-me esta cabeça contra o muro,
 Que eu não posso sofrer nem um instante
 A dor que me consome...*

IMPÉRIA

*D. João, ó meu amante,
 Diz-me, que tens!...*

D. JOÃO (*expirando*)

Não é remorso... é fome.

FERNANDO CALDEIRA

Acerca de pés, poesia tão imbrincada, tão fagueira, tão dengue, com tantos suspiros e aromas e beijos e quindins, ninguém a urdiu como este poeta. Fazer de um composto do tarso, metatarso, falanges, músculos, nervos e cartilagens um tecido de frases tão ternas e lânguidas, isso, para mim, tem mais engenho e poesia, mais ideal e estética, mais perretil e atavios, que os dois pés reais da dona do pé cantado.

Esta poesia em Inglaterra seria inverosímil. Ninguém diz em Inglaterra *pé grande*: evitam-se cautelosamente os pleonasmos num país onde o tempo é dinheiro e as palavras de mais são desperdícios. Tenho a colecção dos poetas britânicos de Samuel Johnson. São sessenta e oito tomos. Pois não há poeta, um só, que cante um pé de inglesa, nem de ninguém.

O próprio Byron, posto que desdenhoso da sua pátria, respeitava por tanta maneira os pés das senhoras suas patrícias que, nas poesias enviadas às suas amadas italianas, ou lhes não falava nos pés, ou, se a rima o obrigava, abstinha-se de lhes chamar pequenos. Aqui tenho um exemplo à mão. É uma poesia à condessa Guiccioli, que devia ter um pé benemérito das carícias de Fernando Caldeira. Diz Byron, com os olhos postos no rio Pó: «A corrente que meus olhos seguem irá lambar as muralhas da sua terra natal e murmurar-lhe aos *pés*.»

*The current y behold will sweep beneath
Her native walls, and murmur at her feet.*

Feet somente. Um poeta qualquer, que não fosse insular e um pouco coxo, não deixaria de adjectivar aqueles pés. Parece que os meteu na estância por causa da rima *eath*.

Ainda bem que o meu prezado Fernando Caldeira floresce numa região em que, se por capricho quiser cantar um pé grande, tem de passar com a fantasia o canal da Mancha.

UNS PEZINHOS

*Cismo, cismo e não sei inda
como tu, sendo tão linda
e tão vaidosa de o ser,
tens ai no chão pousados
os teus pezinhos coitados!
aí como uns pés quaisquer!...*

*Eu não sei, não compreendo,
quando te vejo correndo,
mesmo que vás devagar,
como uns pés tão pequeninos,
tão delicados, tão finos,
assim te podem levar!*

*Faz-me pena, coitaditos!
tão galantes, tão bonitos,
vê-los assim pelo pó!...
Muita pena!... ainda ao menos
se não fossem tão pequenos...
mas assim faz mesmo dó!...*

*Ainda se toda a estrada
te fosse ao menos juncada
de rosmarinho e alecrim,
como a santa da capela
quando sai no andor, mas ela
nunca teve uns pés assim!...*

*Olha! às vezes endoudeço
quando tos vejo, e apeteço
duas semanas... um mês...
dois meses... nem sei eu quanto,
ser um sapato, contanto
que tu me tragas nos pés!...*

*Às vezes, quando à tardinha
tu vais cismando sozinha
por sobre a relva ao de leve,
suspira cada folhita
d'inveja a mais pequenita
que o teu pezinho conteve!*

*E se paras distraída
junto d'alva margarida,
ou malmequer, ou bonina,
faz gosto ver o jeitinho
com que a flor torce o pezinho*

e sobre um dos teus s'inclina!

*Que amor! que amor, ó meu Deus!
e não é por serem teus
que os amo tanto, não é...
Esse teu pé pequenino
foi obra dalgum destino
que eu tenha de amar um pé.*

*Mais ai! são tão desdenhosos!
mostram-se assim descuidosos,
mas eu conheço, eu bem sei...
mil beijos, que me rejeitam,
nem por tapete os aceitam,
pobre de mim, que os sonhei!*

*E verás que dentro em pouco
nem sei da cabeça, louco
por ele... e seus desdéns!...
Que tu também, coitaditos!
tens uns pés tão pequenitos
que por um triz que os não tens.*

*Esconde-me esses traidores,
esconde-mos. Sedutores!...
nem são pés, são um feitiço!...
Esconde-me esses ingratos,
nem as pontas dos sapatos
quero ver-lhes, antes isso.*

*Que hei-de eu fazer, quando os vejo,
a tanto faminto beijo
que tos quisera calçar?
que nem os peixes no rio
se juntam tanto a fio
na veia d'água a brincar?*

*S'inda fosse a tua meia
destes peixes rede cheia
quando a fosses vestir,
e em cada malha embrulhado
ficasse bem emalhado
ao menos um sem cair!*

*Ou, ao menos, se as pedrinhas
onde os pões quando caminhas
fossem todos beijos meus,
que, nem indo a pé descalço,
pusesses um pé em falso...
mas assim!... valha-me Deus!*

*Olha, a dizer-te a verdade,
eu acho que é crueldade
deixá-los ir pelo chão...
Se queres, poupa-lhes passos,
levo-te a ti num dos braços
e eles ambos noutra mão.*

JOÃO DE DEUS

É sempre admirável, excepto quando rima versos deste feitio, como em uma estrofe da poesia *Dinheiro*:

*E a cegueira da justiça,
Como ele a tira num ai!
E sem pegar numa pinça:
É só dizer-lhe: ai vai...
Operação melindrosa
Que não é lá qualquer coisa...*

Diria Molière:

*Je soutiendrai, morbleu, que ces vers sont mauvais,
Et qu'un homme est pendable après les avoir faits.*

Enforcado, não; mas admoestado pela critica devia tê-lo sido o grande poeta, para que nas Flores do Campo, p. 148, 2ª edição correcta, não reaparecessem tamanhas incorrecções.

Houve um homem que lhe queria muito. José Cardoso Vieira de Castro – aquele meteoro que se exsolveu em lágrimas e cobriu com o seu cadáver a nódoa que elas puseram na lama onde caíram – dizia-me: «Se visses João de Deus, amava-lo; se o ouvisses adorá-lo.»

Conheci-o.

Ele tinha saído da urna de um circulo do Algarve. Era deputado pelos processos ordinários. Saíra do mesmo ventre que gerara o Sr. José de Morais – ventre da Carta, laxo, descaído, pilharengo, distendido pela abundância dos partos. Visto das galerias, não me pareceu mais poeta que o Sr. Arrobas. Estava sentado com as coxas horizontais, o tronco perpendicular e as pernas verticais, com os pés em baixo e a cabeça em cima: tal qual como o Sr. Arrobas, como o Sr. Thiers e como Washington. Tinha entre mãos um papel impresso, que lhe entregara um sujeito de calções, trajado como os criados nos dramas, que entram com uma salva de lata e dizem: «Uma carta da Sr.ª Marquesa para o Sr. Conde.» O papel que João de Deus lia poderia ser a edição fólho dos *Chatiments*, se não fosse o *Diário das Câmaras* – espécie de biblioteca económica do corpo legislativo e dos salsicheiros, a 250 réis a arroba. Figurou-se-me por momentos que à volta e por cima da sua cabeça resplendia uma grinalda, ou auréola, ou turbante muçulmano branco e cor-de-rosa. Miragem de míope. Era o semblante açafroado e a calva brunida e espelhenta como o aço de uma joelheira do Cid campeador, pertencentes a um corpulento abade do Minho que estava sentado atrás do poeta e alçava com ímpetos a cabeça, toda atenção e orelhas, para não perder alguma das pérolas que o Sr. Martens desprendia do lábio ubérrimo, atirando-as àquele particularmente.

Saí pois de São Bento sem ver o João de Deus de Vieira de Castro.

Daí a dias apresentou-mo no Passeio do Rossio o Sr. Luciano Cordeiro – literato bom e industrial sagaz, a quem se devem dois livros de sã e ruidosa critica que não melhoraram o espírito público e a implantação exótica dos americanos, que deu movimento passivo à matéria inerte dos Lisboaetas. Não me pareceu ainda então o poeta um homem extraordinário. Eu esperava que ele, alteando o peito e cruzando os braços, passeasse os olhos no azul e nas papoilas dos tabuleiros; e assim, na atitude dos

inspirados, me declamasse um improviso acerca de Neptuno do lago, que parece estar procurando com o tridente no fundo da sua tina os miolos da Câmara Municipal. No dia seguinte encontrei-o no Martinho. Disse-lhe que tratasse de colocar-se bem enquanto era deputado, repeti-lhe todas as trivialidades que se expectoram contra a poesia considerada como substância alimentícia, que eu pus abaixo da batata e um pouco acima dos tremoços. Depois, disse-lhe que eu tinha a ténia, e ele recomendou-me com grande veemência de gestos e convicções o uso das pevides de abóbora-menina.

Passados anos, tornei a vê-lo na Rua da Prata. Já não era deputado, nem tinha posição. Era poeta, poeta somente, o primeiro desta geração, em que há muitos segundos excelentes – a mais distinta vocação lírica de Portugal, o herdeiro do melhor ouro de Bernardim Ribeiro e Camões, acendrado, defecado das ligas que lhe desprimoravam os antigos quilates. João Deus não teve escola. É ELE, com uma individualidade tão característica e sua que ninguém ainda logrou imitá-lo, excepto Manuel Duarte de Almeida, que porventura se identificou pela admiração à índole de João de Deus. Para assomos de razão e raptos de alta filosofia, o máximo poeta foi Cláudio José Nunes; para os de coração é ele, o mestre de meninos que devia começar por onde acabou: primeiro, ensinar a ler o País; depois, publicar os seus deliciosos poemas.

TEATRO DE LISBOA

*Os versos não me dão bastantes meios
me gozar das distracções que há:
Por anúncios de teatro, leio-os,
Mas leio apenas, porque não vou lá.*

*Porém sucede às vezes que um amigo,
Que tem namoro ou que o deseja ter,
Não vai, diz ele, se não for comigo,
E eu vou com ele... para o entreter.*

*Num desses casos raros... porque em suma
O meu forte não é o lupanar,
Fui com um deles assistir a uma
Dessas peças que aí costumam dar.*

*Se o Barba-Azul, não sei; era notável,
Mas não me lembra; lembra-me que ao pé
Ficava uma família respeitável:
– Mãe, duas filhas, pai ou o quer que é.*

*Ela, as três, a qual mais elegante –
Com tanta coisa, que eu não sou capaz
De deslindar aquilo, só por diante;
E fora o que levavam por detrás.*

*Ele, calvo, figura majestosa,
Ar de capitalista português,
Com seus botões de pedra cor-de-rosa
Em punhos postos a primeira vez.*

*Contemplava eu o quadro, arrependido
De me não ter achado com valor
De conquistar as honras do marido
E a glória de ser pai, ou de o supor,*

*Quando vem uma das comediantes
E por esta engraçada exclamação:
«Se você é seu pai, já muito antes
Ela era minha filha... Saiba então!»*

*Ele começa a rir assim d'esguelha
Para a mulher que estava muito sonsa;
A mãe desata a rir para a mais velha,
Que desatou a rir para a mais moça.*

*E eu... para todos três; por achar graça,
Não só no dito, mas ainda mais*

*No chiste, na pilhéria, na chalaça
Daquelas filhas e daqueles pais!*

*A Escritura Sagrada
Lá diz que uma mulher má
Não há fera, não há nada
Pior no mundo: e não há.*

*Uma lá da minha aldeia,
Que era muito impertinente,
Muito má (e muito feia),
Morre um dia de repente.
Morreu; desgraçadamente
Mais tarde do que devia;
Mas em suma toda a gente
Teve a maior alegria.*

*Passados anos (é boa!)
Foi-lhe preciso ao coveiro
Abrir a cova e achou-a
Ainda de corpo inteiro,
Ainda rosas na face,
Ainda sinais de vida...
Milagre, coisa sabida.
Pois mais fresca que uma alface
Há tanto tempo enterrada,
Devendo estar reduzida
A pó, terra, cinza e nada...*

*Vem dar parte; e corre vê-la
O povo atrás do prior;
E passam logo a trazê-la
Em cima do seu andor
E a pô-la numa capela
De grande veneração
(Eles às costas com ela,
E ele a cantar cantochão);
Mas seja lá o que for,
O que é certo e mais que certo
É que santa como aquela,
E nem de mais devoção,
Não há por ali tão perto.*

*E dizem que não há santos
Como nos tempos passados!
É cá opinião minha
Que muitos (quantos e quantos)
Que ai morrem desprezados,
Se não são canonizados,
É que está cheia a Folhinha.*

DIOGO DE MACEDO

É um dos bons poetas que esmaltam o Parlamento actual. São bastantes. Se se combinassem, poderiam dar o *Diário das Câmaras* em quintilhas, ou redigir um lindo semanário intitulado *A Lira de São Bento*, 10 réis, vale a pena. E outrossim ilustrarem o periódico com veras efígies dos Isócrates em grupos e charadas e estudos sobre a língua para uso da casa. O Sr. Macedo entra no Parlamento com a fé robusta dos homens novos e com bom carcás de adjectivos lancinantes. Se tiver ocasião de os flamejar contra o Sr. Arrobas, peço-lhe que o reduza a meias onças.

ILUSÕES

*Ela, que eu não julgo feia,
possui a pupila azul
e dá sempre certa ideia
das filhas de John Bull.*

*Os bons pintores de França
coloriram-lhe o cabelo...
Que trança de ouro! que trança
se os seios não fossem gelo!*

*Seduz quando se lhe vê
do colo a brancura, e enfim
tem de alvos lírios o pé
e a mão é como um jasmim.*

*Ninguém no mundo presume
sonhar beldade maior;
nasceu num lençol d'espuma
depois de um sonho de amor.*

*É pena ter, como a face,
o seio desfeito em neve:
por mais que à porta se passe,
a sorrir jamais se atreve!*

*Esbanjei tempos imensos
no fervor de remirá-la,
e, apesar dos meus incensos,
nunca chegámos à fala.*

*Por fim mais me aproximei
Um dia pelo sol-posto,
e então com pasmo notei
que era pintura o seu rosto.*

*Fez-lhe o vestido a Férin
de um estofo um pouco espesso,
mas logo vi muito bem
uma boneca de gesso.*

*Uma boneca de sala,
inerte, desanimada,
sem luz, sem vida, sem fala,
uma boneca e mais nada!*

GIL VICENTE

Descobri o sítio onde ele nasceu em Guimarães. Já o disse ao País em uma novela, e ninguém fez caso disso. El-rei não me deu o hábito de Sant'Iago, que eu tinha de olho. Também eu desisti, por vingança, de fazer saber a el-rei e ao País onde nasceu Manuel Mendes Enxúndia.

Dos peitos nobres a vingança é esta.

Era filho de Martim Vicente, ourives, e neto de Fernão Vicente, sapateiro, morador no Casal da Laje, freguesia de Santo Estêvão de Urgeses, nos arrabaldes da antiga Guimarães. Gil Vicente é o criador da grande e gordurosa chalaça lusitana em diálogo e o revelador da linguagem usada na corte de D. Manuel e nas alcovas das rainhas quando elas davam à luz os seus infantes ou festejavam o natalício do Menino Jesus. Como só temos impresso o vocabulário desse século nas obras de Gil Vicente e nos falta a crónica dos costumes da vida íntima, não sabemos se o comportamento das famílias era cândido como os seus dizeres. As rainhas riam muito quando assistiam ao parto duma personagem em cena, ajudado pelas pitorescas reflexões da parteira, que, em presença de Suas Altezas, fazia o mesmo que fez o filósofo Alcidas, com o mais cínico desvergonhamento, no banquete do grego Luciano. Com tal baptismo, raiou a arte cénica em Portugal, e não há confrontá-la com os *mistérios* franceses e italianos, com os *milagres* em Inglaterra e com as comédias de Nabarro, impressas em Nápoles em 1517.

Gil Vicente saiu da Idade Média com toda a sua originalidade estreme e crua.

Precederam-no em Espanha as *Éclogas* de Juan de Encina, coisas insulsas que não têm vislumbre das facécias nativas do autor da *Ravena* e dos *Autos da Barca*. A sua originalidade era de tal quilate que não houve poeta cristão que atacasse os frades com tamanhas pulhas. Foi por isso que o herege Desidério Erasmo estudou a língua portuguesa para o entender.

Gil Vicente não se lê fora de um círculo estreito de curiosos e letrados. O arcaísmo e a indecência afastam-no de praticar com senhoras mais melindrosas que as damas da rainha D. Leonor e com pessoas menos lidas na velha linguagem. Nós temos somente dos séculos XVI e XVII dois gigantes – um que roça com a frente a máxima elevação da originalidade: é Gil Vicente. O outro, Camões, imitou muito; mas coloriu com tanto amor e tanto engenho, e matizes tão portugueses, que o somenos mérito *d'Os Lusíadas* é a urdidura trivial. Gil Vicente, se fosse tão lido em Virgílio, Plauto e Terêncio como Luís de Camões, teria escrito a *Eufrósina* e a *Aulegrafia* – sensaborias clássicas de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

AUTO DA BARCA DO INFERNO

(Entra um frade com uma moça pela mão, e vem dançando, fazendo a baixa com a boca, e, acabando, diz:)

Diabo. *Que é isso, padre? Que vai lá?*

Frade. *Deo gratias! São cortesão.*

Diabo. *Sabeis também o tordião?*

Frade. *É mal que me esquecerá.*

Diabo. *Essa dama é de entrar cá?*

Frade. *Não sei onde embarcarei.*

Diabo. *Ela é vossa?*

Frade. *Não sei;*

Por minha a trago eu cá.

Diabo. *E não vos punham lá grossa,*

Nesse convento sagrado?

Frade. *Assi fui bem açoutado.*

Diabo. *Que coisa tão preciosa!*

Entraí, padre reverendo.

Frade. *Para onde levais gente?*

Diabo. *Para aquele fogo ardente,*

Que não temeste vivendo.

Frade. *Juro a Deus que não t'entendo:*

E este hábito não vale?

Diabo. *Gentil padre mundanal,*

A Berzebu vos comendo.

Frade. *Corpo de Deus consagrado!*

Pela fé de Jesus Cristo,

Qu'eu não posso entender isto:

Eu hei-de ser condenado?

Um padre tão namorado,

E tanto dado à virtude?

Assi Deus me dê saúde,

Que estou maravilhado.

Diabo. *Não façamos mais detenção;*

Embarcai, e partiremos;

Tomareis um par de remos.

Frade. *Não ficou isso n'avença.*

Diabo. *Pois dada está já a sentença.*

Frade. *Pardeus, essa seria ela!*

Não vai em tal caravela

Minha senhora Florença.

Como! por ser namorado,

E folgar c'hüa mulher,

Se há-de um frade de perder,

Com tanto salmo rezado?

Diabo. *Ora estás bem aviado.*

Frade. *Mas estás bem corregido.*

Diabo. *Devoto padre e marido,*

Haveis de ser cá pingado.
 Frade. *Mantenha Deus esta c'roa!*
 Diabo. *Ó padre Frei Capacete!*
Cuidei que tínheis barre!te.
 Frade. *Sabei que fui da pessoa.*
Esta espada é roloa,
E este broquei rolão.
 Diabo. *Dê Vossa Reverência lição*
D'esgrima, que é coisa boa.
 Frade. *Que me praz, dêmos caçada.* (Esgrime.)

(Vem uma alcoviteira, por nome Brízida vaz, e chegando à barca do Inferno, diz:)

Brízida. *Ó da barca, olá!*
 Diabo. *Quem me chama?*
 Brízida. *Brízida Vaz.*
 Diabo. *Eia, aguarda-me, rapaz:*
Por que não vem ela já?
 Comp. *Diz que não há-de vir cá,*
Sem Joana de Valdeis.
 Diabo. *Entraí vós e remareis.*
 Brízida. *Não quero eu entrar lá.*
 Diabo. *Que saboroso arreçar!*
 Brízida. *Não é essa barca a que eu cato.*
 Diabo. *E trazeis vós muito fato?*
 Brízida. *O que me convém levar.*
 Diabo. *Qu' é o que haveis de embarcar?*
 Brízida. *Seiscentos v... postiços,*
E três arcas de feitiços,
Que não podem mais levar,
Três almários de mentir,
E cinco cofres d'enleios,
E alguns furtos alheios,
Assi em jóias de vestir,
Guarda-roupa d'encobrir:
Enfim casa movediça,
Um estrado de cortiça,
Com dez coxins d'embair
A mor cárrega que é,
Essas moças que vendia;
D'aquesta mercadoria
Trago eu muito à bofé.
 Diabo. *Ora ponde aqui o pé.*
 Brízida. *Ui! eu vou pró Paraíso.*
 Diabo. *E quem te disse a ti isso?*
 Brízida. *Lá hei-de ir desta maré.*
Eu sou uma mártel tal,
Açoutes tenho eu levados,
E tormentos suportados,
Que ninguém me foi igual.

*S'eu fosse ao fogo infernal,
Lá iria todo o mundo.
A est'outra barca cá em fundo
Me vou, que é mais real.*

(Chegando à barca da glória, diz ao Anjo:)

*Barqueiro, mano, meus olhos,
Prancha a Brízida Vaz.
Anjo. Eu não sei quem te cá traz.
Brízida. Peço-vo-lo de gíolhos,
Cuidais que trago piolhos,
Anjo de Deus, minha rosa?
Eu sou Brízida, a preciosa,
Que dava as moças ós molhos,
E que criava as meninas
Para os cónegos da Sé,
Passai-me, por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas,
Olhos de perlinhas finas:
Que eu sou apostolada,
Angelada e martelada,
E fiz obras mui divinas.
Santa Úrsula não converteu
Tantas cachopas como eu:
Todas salvas pelo meu,
Que nenhuma se perdeu:
E prouve àquele do Céu
Que todas acharam dono.
Cuidais que dormia eu sono?
Nem ponta; e não se perdeu.
Anjo. Ora vai lá embarcar,
Não me estejas importunando.
Brízida. Pois estou-vos alegando
O porque me haveis de levar.
Anjo. Não cures de importunar,
Que não podes ir aqui.
Brízida. E que má hora eu servi,
Pois não me há-de aproveitar!
Ó barqueiro de má hora,
Ponde a prancha, que eis me vou;
E tal fada me fadou,
Que pareço mal cá fora.
Diabo. Ora entrai, minha senhora,
E sereis bem recebida,
Se viveste santa vida,
Vós o sentireis agora.*

CANTIGA

A UMA SENHORA MARIA QUARESMA

*Uns esperam a Quaresma
para se nela salvar;
eu perdi-me nela mesma
para nunca me cobrar.*

*Mas com esta perda tal
eu me hei por mui bem ganhado,
porque o melhor de meu mal
está todo no cuidado.
Os que cuidam que a Quaresma
não é para condenar,
se a virem ela mesma,
mal se poderão salvar.*

TOMÁS RIBEIRO

Quando eu era pequeno, havia dois príncipes da lira, cada qual com seus vassallos: eram Garrett e Castilho. Garrett imperava na corte; Castilho nas províncias. *A Noite do Castelo* e *Os Ciúmes do Bardo* recitavam-se de cor em qualquer aldeia onde houvesse morgada ou abade com ciúmes de morgado. *Catão* e *D. Branca* eram livros escassamente conhecidos nas terras altas. Depois, estes príncipes passaram à classe de professores aposentados, quando surgiram outros dois príncipes, João de Lemos e Mendes Leal. Este ganhou fama com as xácaras dos seus dramas românticos. As morgadas cantavam o

*Nobre donzel, Dom Guterres,
Dom Guterres o infanção,
Por gentil donosa moira, etc.,*

com soluços e desmaios. De D. João de Lemos sabia-se *A Lua de Londres*, nos arraiais realistas e fora. Palmeirim esteve a ponto de destronar os dois príncipes com o seu *Camões*. Uma poesia quente de entusiasmo nacional era bastante para erigir um monarca do génio a quem se dava, por lista civil, um exemplar do periódico em que saíra a poesia.

Palmeirim gastou-se no Chiado, Mendes Leal nas tremendas batalhas de Suajo e João de Lemos na inércia de um cavaleiroso espírito posto como lâmpada sepulcral no velho jazigo dos reis.

Outro príncipe de curto reinado: Soares de Passos, que escreveu o *Firmamento* e o *Noivado do Sepulcro*, poesias a que a morte deu exagerada grandeza, como a das sombras que se estiram do ciprestal por sobre as campas banhadas de luar.

Apareceu em seguida um príncipe de mais pujança: Tomás Ribeiro. *D. Jaime* teve um êxito de prodígio; agitou as cabeças sonolentas de milhares de leitores. Espertou o gosto entorpecido dos versos e os brios do patriotismo. Fez tempestades no mar morto da literatura. «Aqui d'el-rei que ele não é melhor que o Camões, e o *D. Jaime* não pode medir-se com *Os Lusíadas*, como quer o Castilho!» Ainda eles, os ciclopes de um só olho crítico, formavam calúnias e sandices, e já Tomás Ribeiro descia do sólio, com a mão no nariz, por lhe dizerem o nome e as manhas doutro príncipe que chegava. Era Joaquim Teófilo Fernandes, com a *Visão dos Tempos*. Os localistas da capital – gente que viaja escoteira nas regiões das letras – aclamaram-no; ele, acabado o seu reinado carnavalesco, despiu o manto de príncipe e foi levá-lo ao adelo, que o alugou a Guerra Junqueiro, príncipe reinante que actualmente vive e viça. Quanto a João de Deus, outro príncipe, esse é um regente ocasional que assume as bridas quando os outros príncipes curveteiam desenfreados e se escouceiam a ver qual é mais imortal.

O certo é que todos vão passando, e *D. Jaime* ficou de boas avenças com D. Vasco da Gama. Pelas idades fora, se ainda houver portugueses, o poema de Tomás Ribeiro será um grito de alarme; se os não houver, será uma saudade para os netos dos que ainda conheceram pátria.

Tomás Ribeiro, ministro da Marinha, se isto te comove, faze-me almirante de uma das nossas armadas que fazem espumar o oceano.

FAÇO IDEIA

(NUM ÁLBUM)

– «*A proprietária do livro
que te aqui deixo, Tomás,
é minha amiga; e verás
que não tem nada de feia.*»
– «*Faço ideia.*»

– «*É Beatriz!*»
– «*O nome é lindo!*»
– «*E o corpo? airoso e gentil!...
e aquele nobre perfil!...
e a fronte que o orgulho alteia!...*»
– «*Faço ideia!*»

– «*E vai fugir-nos, poeta!...
cansada já de festins,
troca os salões por jardins,
a capital pela aldeia!...*»
– «*Faço ideia.*»

– «*Não fazes ideia! enganas-te!
não pode haver fantasia
que sonhe inteira a magia
de que a beatriz se rodeia!*»
– «*Faço ideia!*»

– «*Ai fazes?!... pois nesse caso
descreve-a assim – tal e qual.*»
– «*Mas... sem ver o original?!...*»
– «*Amigo, não se arreceia
quem faz ideia!*»

*O meu amigo, senhora,
que a verdade não falseia,
fez assim vosso elogio,
e eu fiquei... fazendo ideia!*

XAVIER DA CUNHA

Este poeta das margens do Vouga entra no templo de Apolo pelo cano de esgoto. Vivia sujamente: não outro merecimento além da bazófia e alarde da sua sordidez. No século passado, o poeta de ofício acanalhava-se, fazendo gala de pelintra. Era condição obrigatória para granjear a irrisória alcunha de poeta exhibir os cotovelos coçados da casaca, as melenas hirsutas a esvurmar caspa, os dentes lurados e os gestos idiotas da alucinação extática. Assim devia ser este Xavier da Cunha, que fez em um soneto a

DESCRIÇÃO DO QUARTO DO AUTOR

PEDIDA POR UMA SENHORA

*De escarros a parede matizada,
Sobre a mesa bastante papel velho,
Noutra parte sem aço antigo espelho,
E um tinteiro, que só vê tinta aguada;*

*Do tecto imensa teia pendurada,
Duas cadeiras já sem aparelho,
Imundície que dá pelo joelho,
E a pequena janela esburacada;*

*Quatro livros franceses emprestados
E um estreito lençol de cor mui preta
Aonde enrosco os membros descarnados;*

*De mordedoras pulgas tropa infecta,
Percevejos cruéis, ratos malvados:
Aqui tendes o quarto de um poeta².*

² *Poesias* de António José Xavier da Cunha, Porto, 1796, 8º.

BRÁS LUÍS DE ABREU

É o protagonista de um romance ordinário intitulado *Olho de Vidro*. Para se informarem da vida tempestuosa deste médico de Aveiro não lhes inculco o romance; antes lhes aconselho que leiam o *Portugal Médico*, do infeliz doutor, que, ao sol-poente da idade, vestiu o burel de frade, penitenciando-se por ter casado, por equívoco, com uma irmã. Entre excelentes receitas, deparam-se ao leitor do *Portugal Médico* poesias mais saudáveis que as drogas. A história das quadras feitas a uma D. Cláudia vem referida na novela.

A UMA PELADA

*Mulher, nesse teu desgarro,
Um Nabuco às vezes és;
Porque, tendo d'ouro os pés,
Tens a cabeça de barro.*

*Se alguma pedra travessa
Te quisesse derrubar,
Era preciso acertar
Mais que nos pés na cabeça.*

*Porque, se pelo mais fraco
Estala a corda mais grossa,
Quem quiser que estales, moça,
Há de cascar-te no caco.*

*Mais flamantes do que um ouro,
Mais lisa do que uma ostra,
A cabeça a coura mostra,
Os pés vão mostrando o couro.*

*Dize-me com que destino
Mesclas nessa estatua vã
Entre afectos de cristã
Heresias de Calvino?*

*Sem monho, e com cara alva,
Sais a toda a ocasião;
E vejo que tens razão,
Porque a ocasião é calva.*

*Sendo mal encabelada,
Para que andas, dize, à péla,
Se ninguém por ti se pela,
Por mais que venhas pelada?*

*Vai-te, e pede a Deus, ó louca,
Que te dê, com toda a pressa,
Cabelos para a cabeça
Em vez de pão para a boca.*

*Ao padre-nosso à porfia
Pede que te escabelize
E em vez de pão nosso, dize:
Cabelos de cada dia.*

DR. CAETANO FILGUEIRAS

Reli agora os *Idílios* deste brasileiro e achei ainda perfumadas, com os seus orvalhos da aurora, as flores da bucólica *Epístola* a Machado de Assis. Há seis anos que a li. Nem uma pétala descolorida, nem corola murcha pelo hibernar e queimar de seis anos que tantas ilusões esfumam e varrem nas perspectivas da literatura. É como a sólida beleza das mulheres de sangue rico, noites bem dormidas, madrugadas alegres, e dias aligeirados na suavidade dos labores domésticos. Nesta paisagem verdecem os antigos esmaltes virgilianos sempre modernos. É o pintar de Apeles – pintar para sempre –, tirar à natureza o seu imutável retrato, e pendurar o quadro na perpétua galeria dos seus grandes amigos, desde Teócrito até Delille. O Dr. Filgueiras não enfruteceu quanto podia. Abriu a porta do templo, deu o primeiro passo no umbral difícil, e ficou. O Brasil é assim. Morrem novos os poetas, ou envelhecem na força da vida, ao passo que nos climas brandos, de década em década, há um remoçar de espírito que faz estuar o cérebro debaixo dos cabelos brancos. O autor, no remate deste volume, prometia publicar mais quatro. Onde estão?

Peço vénia para refazer parte da ortografia do poeta. Ela é engenhosa, mas extraordinária. O Dr. Filgueiras escreve *agora* deste feitio: *haghora*. Esta profusão de *hh* confunde outros ortógrafos que dizem que o *h* não é letra. Por estas e outras incongruidades é que Edgar Poe fazia ardentes votos pela abolição da pena de morte e da ortografia.

CANÇÃO DO MARINHEIRO

*Ai, menina!... Tu não sabes
quanto é bom ser marinheiro!
Ficar com o rosto trigueiro
por aventuras no mar!
Trazer por dentro lavado
o peito que o sol nos pinta!
Tinir dinheiro na cinta
sem saber em que o gastar!...*

*Mar, espuma, céus e nuvens,
sargaço, peixes, gaivotas...
eis aqui os agiotas
que cercam nosso balcão!
Já vês, portanto – fragata,
por falta de compradores,
nem mesmo os nossos amores
nos saem do coração!*

*Mas isso foi até quando
virei no bordo de terra
e te avistei!... Disse: «Ferra!»
Mas era tarde... Bati!
Ao choque na pedra dura
saltou-me do leme a cana...
Perdi logo o tramontana;
o casco... só não perdi!*

*Mas esse, sobre o teu banco
– de popa à proa –, galgado,
sem ferro, desarvorado,
nem sinais pode fazer!
Só tu mesma, amolecendo
a rocha de que és formada,
podes safar a rascada
aonde eu me fui meter!*

*Tem pena de mim, sereia!
Já que não posso em teu porto
achar o mesmo conforto
que outrora no mar achei...
A nado põe o meu barco,
que logo e logo outro rumo
só de guindola e sem prumo,
te juro, demandarei!*

*E depois se à noite, ao quarto,
na vida parafusando,*

*em cada onda boiando,
em cada estrela eu te vir...
e julgar, nessa doidice,
que os tufões são mexericos
contra os nossos amoricos,
dos quais me fazem fugir,*

*que te importa? talvez role
pelo rosto magro e sujo
do malfadado marujo
o pranto – a primeira vez!...
Mas a bordo todos dormem
Ninguém viu. Volto a ampulheta.
Meu navio vai na alheta...
Pra ele é que Deus me fez!*

*Nele nasci. Nele tenho
minha casa e meu futuro.
Se os outros não acham furo
na vida que em terra têm...
eu cá... da maca e do soldo,
e do rancho dos gajeiros,
nem mesmo os duros pampeiros
– Por Deus!... – arrancar-me vêm!*

ANÓNIMO

É desconhecido o autor *d'Um Jantar de Barões*, impresso no Porto há vinte e cinco anos. Intitula-se o poeta «juiz das almas de Campanhã e sócio da Assembleia Portuense com exercício no *palheiro*». A obra realmente tem cheiro e cor da Assembleia Portuense. O *palheiro*, como fonte cabalina a seco, também não desmente a procedência do poema. Que o autor fosse simultaneamente juiz das almas, não creio. A Assembleia não podia exercer judicatura sobre objectos que não possuía. Naquele tempo, as almas que existiam no Porto estavam fora de portas – em Campanhã. O título é uma usurpação pretensiosa.

Como quer que fosse, esta sátira brutal desfechada ao peito magnânimo de um barão feriu no estômago vários amigos meus. O fidalgo afrontado mandou fechar a capoeira à maledicência e trasfegou em si próprio uma garrafeira coeva do marquês de Pombal. Eu também padeci na minha vaidade de orador de brindes, porque me atribuíram entre outros aleivos as inépcias do literato das

fantasiosas luzes,

que saúda

o barão dos Alcatruzes.

Desde essa época, em jantares, o meu lábio silente e amordaçado pela calúnia nunca mais se abriu em girassóis de retórica.

UM JANTAR DE BARÕES

INVOCAÇÃO

*Musa da sopa e do cozido, inspira-me!
Pândega musa, que sorrís ao vate
Em molho de açafião, e de tomate,
Um cego adorador... achaste em mim:
Transforma o astro meu em lombo assado,
Da minha inspiração faze um pudim.*

*Tu, filha dos barões, musa do unto,
Nascestes na cozinha entre caçolas;
Saudaram-te no berço alhos, cebolas,
Do cominho tiveste uma ovação;
Depois, trajando galas de toucinho,
Eu vi-te nas bochechas dum barão.*

*Namorado de ti, fiz-te meiguices
Por detrás de um peru, e tu de lá
Sorríste-me através da nédia pá
De vitela gentil, rica de arroz!
Ai! era!... e nem eu sei se foi mais linda
Aquela gorda pata... que te pôs!*

*Tu fizeste de mim um novo Cláudio,
Inspiraste-me a fé no rodovalho.
Traguei indigestões, arrotos d'alho,
Bernardas na barriga suporrei.
Tomei chá de macela... e, em prémio disto,
O teu auxílio, ó musa, não terei?!*

I

*Dentro e fora iluminado
O palácio dum barão,
Fulgurante representa
Um enorme lampião.
Jorram límpidas vidraças
Sobre as populosas praças
Ondas trémulas de luzes.
Vai lá dentro grande gozo,
Nesse alcáçar radioso
Do barão dos Alcatruzes.*

*D'Alcatruzes é chamado,
Porque, sendo ainda moço,
Muitos baldes de água fresca
Dizem que tirou dum poço.*

*Nenhum outro mais destreza
Revelou na árdua empresa
De puxar acima um balde.
Um que seja tão robusto
Há-de vir mui tarde e a custo
Do concelho de Ramalde.*

*É barão; não vale a pena
Discutir-lhe os nobres feitos;
É barão dos Alcatruzes,
Já tem pagos os direitos.
Inda é mais; pois além disto
É comendador de Cristo
Com bastante indiscrição.
Mal diria Cristo, outrora,
Que seria posto agora
No peito dum vendilhão!*

*E mais ele, que os tocava
Com terrível azorrague!
Mas os Judas vendem Cristo,
Ponto é haver quem pague.
E o barão dos Alcatruzes,
Neste século das luzes,
Também fez de fariseu.
E, também, se é necessário,
Representa de Calvário
Onde a cruz se suspendeu.*

II

*Num salão vasto, opulento,
Um banquete se vai dar;
Nos cristais reflecte o ouro
A fulgir, a cintilar.
Os rubis e a cor da opala
Transfiguram esta sala
Em olímpicas mansões.
Mas alma cai por terra
Quando vê que ali se encerra
Dúzia e meia de barões.*

*Da terrina a caudal sopa
Em silêncio é devorada.
Só então fingiram d'homens,
Porque não disseram nada.
Mas venceu a natureza!
Um barão por sobre a mesa
Estendendo o prato, diz:
«Ó compadre! isto é qu' é bô!»*

»Venha sopa, e acabô!
 »Cá de mim torno à matriz.»

*O barão de Cogumelos,
 Junto estando à baronesa
 Que se diz dos Saca-trapos,
 Quis fazer-lhe uma fineza.
 Arrastou pra junto dela
 Um peru, e a cabidela
 No prato lhe despejou.
 E lhe diz: «Cá isto é nosso;
 »Coisa que não tenha osso
 »É prô estâmagô, e arrimou!»*

*Outro diz à gorda esposa
 Que bem perto de si tem:
 «Bai-le bobendo po'riba,»
 »Ó mulher, come-le bem!
 »Este pede ao seu vizinho
 »Que lh'atice bem no binho
 »Qu' é da bela Companhia.
 »Diz aquele ao seu fronteiro
 »Que lhe chegue um frango inteiro,
 »e biba a santa alegria!»*

III

*As saúdes já começam.
 É um gosto agora vê-los.
 Estas caras representam
 Tomates de cotovelos.
 E através do escarlate
 Do legítimo tomate
 Transuda um óleo que brilha.
 Cada qual tem as orelhas
 Encarniçadas, vermelhas
 Como as asas duma bilha.*

*Pega no copo e exclama
 O barão das Pimpinelas:
 «Vitó sério! um home fala
 »Sem preâmbulos nem aquelas!
 »À saúde e alegria
 »Desta bela companhia
 »E com toda a estifação!
 »Pra que todos cá binhámos
 »Estifeitos como bamos
 »De casa do Sor Barão!»*

E os hurras retumbaram

*Pela sala do festim!
 Baltasar nos seus banquetes
 Nunca ouviu gritar assim!
 Sobre a mesa deram murros,
 Saudaram com grandes urros
 O barão dos Alcatruzes;
 Mas alguns, com mágoa sua,
 Já cuidavam ver a rua,
 Não podendo ver as luzes.*

*Mas, entre eles, um existe,
 Literato em seu conceito,
 A palavra pede, e reina
 Um silêncio de respeito.
 Ele diz: «Risonhas galas
 »Que refrangem nestas salas
 »Repercutem, simbolizam
 »Acrimónias insolúveis,
 »Nos acrósticos volúveis
 »D'epopeias que eternizam.*

*»Pandemónios exauríveis
 »D'indeláveis congruências,
 »Requintados se escurecem
 »Nos empórios das ciências
 »E libérrimos se escudam
 »Nas façanhas que transudam
 »Em fantasiosas luzes.
 »E, portanto, a mais aludo,
 »Quando, fêrvido, saúdo
 »O barão dos Alcatruzes!»*

*Sucedeu o grito ao pasmo!
 Nunca se viu coisa assim!
 O orador foi abraçado
 Com furor, com frenesim!
 «Isto é qu'él!», dizia um,
 Convertido em rubro atum,
 Beterrava até não mais.
 «Viva Cic'ro!», outro dizia,
 Despejando a malvasia
 Com grasnidos infernais.*

IV

*E a pândega findou. Mas alta noite,
 Disseram-nos fiéis informações
 Que grande movimento houve de tripas,
 E grande salto deram as torneiras
 Das pipas convertidas em barões,*

Ou, antes, dos barões tornados pipas.

GIRÃO

(ANTÓNIO LUÍS FERREIRA)

Era ele segundo-sargento e aluno de Ciências Militares quando nos encontrámos, em 1844, glosando motes em um abadessado no Porto. Ele e eu puséramos as nossas melhores décimas à disposição inteligente das criadas do mosteiro, às quais os nossos émulos em Apolo, com aristocrático desdém, chamavam «tachos». Estas criadas entendiam-se connosco sobre assuntos métricos, num beco para onde talvez davam as grades da cozinha. Enquanto as velhas filhas de Santa Clara gosmavam motes heróicos para sonetos a Xavier Pacheco, a Nogueira Gandra e a Ferreira Rangel, Girão e eu, no quinchoso escuro e pedregoso, recebíamos colcheias cantadas em vozes frescas, e com os motes uns vinhos velhos, e os conhecidos pastéis da santa. Verdade é que nós também, nas nossas glosas, não revelámos ideia que não fosse um amor honesto acompanhado do peditório de vinho e pastéis. E elas, liberalizando à sede e à gula o que não podiam satisfazer à ternura, delapidavam a garrafeira das amas, descendo em cestinhos as musas liquidas que nós lhes devolvíamos cristalizadas em redondilhas, vazias de conceito como as garrafas.

Foi António Girão o rapaz mais engraçado do seu tempo; e já quando envelhecia, os juvenis sensaborões da geração nova macaqueavam-lhe os gestos para armarem ao riso, se contavam alguma safada anedota. Houve tempo em que os sócios do Clube Portuense falavam quase todos com os trejeitos de Girão. Eram detestáveis até provocarem na gente o carniceiro apetite de os apunhalar.

A graça de Girão não era a das anedotas: era a sua. Quando engatilhava os beijos para disparar o chiste, já o auditório, para se rir, o dispensava de rematar o conto.

Evaristo Basto, primeiro folhetinista do seu tempo, Girão, o actual visconde de Benalcanfor e eu tínhamos dias assinalados, há vinte e quatro anos, de jantar no Reimão, na taberna de um maneta que levou deste mundo o segredo da boa pescada com cebolas. Eram uns jantares que eu chamaria girândolas de espírito, se não fossem também de linguados fritos. Se, quando, depois, os quatro entrávamos no Café Guichard, entrasse Garrett connosco, ele, conforme à sua teoria de ajuizar das terras pelos botequins, diria: «Estou em Paris.»

Até dos Brasileiros gordos extraíamos ditos finos, se de mexilhões se pudessem tirar pérolas.

Esta vida assim não podia durar. Girão tinha grande aptidão científica, ambições grandes de saber e de nenhuns bens da fortuna. Foi deputado e professor. Estudou muito e de afogadilho, com justificado aproveitamento. Afadigou-se para recuperar os desperdícios dos anos académicos, vividos na descuidada alegria daquela inteligente e doida Coimbra de Ricardo Guimarães, de Santos Silva, de Carlos Ramires Coutinho e Silva Gaio. Era ainda assim estudante notável, fazia as maravilhas do talento; mas parecia tratar as ciências naturais como os fidalgos da sua raça, doutores em agricultura que têm de olho os progressos da terra pela beterraba, e pedem conselho aos seus caseiros para plantarem couves lombardas. Escreveu livros de ciência, folhetos humoristas, poemetos são da graça antiga remoçada nas parvulezas contemporâneas.

Eu raras vezes o vi no lapso de doze anos; quando, porém, nos encontrávamos, dizíamos palavras tristes. Era a saudade: tínhamos vivido.

Eu soube um dia que António Girão chegara enfermo a uma hospedaria perto desta aldeia. Fui vê-lo. A minha presença afligiu-o.

– Estou moribundo – disse ele.

Ofereceu-me gelo com que refrigerava os beijos carbonizados. Disse-me com a voz já presa que se estava vendo e sentindo morrer; que assistia à dissolução da vida como se visse em si uma retorta num laboratório. E concluiu:

– Tomara eu isto acabado!

Expirou no dia seguinte, 2 de Agosto de 1876, na hospedaria de Vila Nova de Famalicão.

Dizem-me que até ao fim discutira com o médico, com o amigo extremoso que lhe assistira, com o irmão que o adorava e consigo mesmo os transe angustiosos que se deram naquela horrenda batalha entre a vida e a destruição. Teve o trespasses dum justo e dum sábio. Como epílogo amargo de trinta anos de incansável estudo, nos seus três últimos dias observava o processo da morte, e rejeitava esperanças e lástimas banais.

VIVA O PROGRESSO!

Quando nas noites de cruéis insónias,
 Papoilas colho pela nossa história
 Nos feitos nunca feitos dos antigos,
 Patetas tais lamento. – De que serve
 O puro amor da Pátria não movido
 Por luzente metal, mas alto, e grátis?
 Que lucraram Cabrais, e os Albuquerque,
 Em Diu os Castros, no Oriente os Gamas,
 Senão morrer de fome, e andar às moscas?
 Felizmente vai longe o tempo estulto
 De ideias carunchosas d'honra e brio,
 Que faziam girar estes e outros
 Por solidões de nunca vistos mundos.
 E houve quem louvasse estas carreiras,
 Quem cantasse os heróis, e os descrevesse?
 E há, oh, caso raro!, inda hoje em dia
 Quem Andrade e Barros saboreie?
 Eu por mim quando os leio o sono é certo.
 De que livra saber que o Sol nascendo
 No berço viu as lusitanas quinas;
 Ou que iroso Neptuno escoucinhando
 No mar se divertiu cos Palinuros?
 Sempre nossos avós eram bem asnos
 Em achar graça a ninharias destas!
 Que delírio fatal deu causa a tanto?
 Que modo de julgar o mundo e homens
 Tão outros do que são hoje os vemos
 À luz etérea do imortal progresso!
 O tal Gama que fez (haja franqueza)
 Para ser cantado por Camões, o torto,
 Num poema sem fim de insulsas trovas?
 Fez ele porventura à pátria amada
 Presente dalgum gás de novo invento?
 Roubou por lá dinheiro aos Hotentotes?
 Vendeu porção de terra aos estrangeiros
 Pra melhor se arranjar quando voltasse?
 Mas nada!... qual história!... o caso é outro,
 Fez... (modernos barões, morrei de riso!)
 Fez conhecido o lusitano nome!
 Em vez de tanta glória, o barbas-d'alho
 Dentuças d'elefante antes trouxesse,
 Que servem pra marfim, pimenta, e cravo,
 Como fazem por aí nos nossos dias.
 Estes, sim, são heróis, pintos arranjam
 Por finos estampados papelinhos,

Ou inocentes traficando em negros³.
*A honra, a probidade, a fama, a glória,
 E que tais palavrões é fumo, é nada.
 Quem troca por loureiros pão d'Avintes,
 Ou tostados biscoitos? – E inda há parvos
 Pregando sabichões que ter virtudes
 É melhor capital do que ter loiras!
 Viu-se sandice igual?! – O rumo é outro,
 É pé-leve, mão pilha, e ser maroto,
 Que esperto quer dizer, pois são sinónimos,
 Na do progresso singular linguagem.
 Que tempo tão feliz – que século d'oiro!*

*Salve, progresso tutelar e amigo,
 Que o fel adoças, que os espinhos cortas
 Do val que foi de pranto, e hoje é de rosas!*

*Nem tu, sexo gentil, ficaste isento
 Desta moda seguir. – (Pasmai, vindouros,
 Do lume vivo das modernas luzes!)
 As Marílias cruéis têm vindo ao rego
 A honra desprezando, inútil freio
 Não posto às más paixões, posto à fortuna.
 Isto, sim, que é pensar, ah! que inocência,
 Que formosura ingénua e recatada
 GANHOU por isso a vida! Avante, belas!
 Que o viver é gozar, e os fins são tudo.
 Teatros, o vestido, o baile e a festa,
 Dinheiro custam, não se dão de graça.*

*Amor, essa paixão que aos próprios deuses
 Faria tresloucar, e andar em brasa,
 Está posta em leilão, a lanço em praça.
 Ó tempos, ó costumes semibárbaros,
 Em que amar era andar atrás das moças
 A chorar, a grunhir e a fazer versos;
 Ou ir de ponto em branco, mata-moiros,
 Deixar-se esquarterar por dama ingrata!
 As nossas vestais hoje, em vendo as c'roas,
 Rendido o coração, dão corpo e alma.
 Os tolos Quixotões desconhecera
 Que a mulher é mulher; e o oiro é tudo.
 Mas isto é pouco ainda, 'inda devemos
 Mais ao progresso que eu adoro, e sigo.
 Era dantes mulher traste de luxo
 Sem valer um ceutil, cinco réis cegos;
 Hoje há pai que põe preço à própria filha,
 Marido que hipoteca a linda esposa,*

³ Verso alheio.

*E quem por um cavalo ou por dez libras
A ditoso rival a amada entregue.
Que moda tão feliz, se o preço abaixa!*

*Progresso, salve, tutelar e amigo,
Que o fel adoças, que os espinhos cortas
De vai que foi de pranto, e hoje é de rosas!*

GONÇALVES CRESPO

Chamam-lhe uns ateniense, outros brasileiro: eu quero que ele seja português, porque levo o amor da minha pátria ao latrocínio dum poeta que me diz pouco do sabiá no raminho da jatubá, e da araponga na copa do jaquitibá, e das falenas a esvoaçarem-se nos andá-açus e do macaco a gemer nas franças do ipé, nem me fala do jurubá, nem das flores do manacá a perfumarem as brisas dos cafezais, nem do inhambu a estorcer-se nas unhas do papagaio. É português como Garrett, francês como Gautier, americano sentimental como Longfellow, *humorist* como Godfrey Saxe e espanhol como Campoamor. É de todos os países que têm poetas com intercadências de tristeza, risos, energias satânicas e angélicas maviosidades; mas, na linguagem, é português sem joio; poliu os diamantes brutos dos clássicos, encravou-os em adereços de feitios novos, e traz assim tão de festa e tão casquilha a sua musa que, se acontece de lhe despeitorar o corpete, cobre-lhe os seios de jóias.

Ele está no Parlamento. No fim da legislatura, Gonçalves Crespo – explorador de góticas –, se não me engano, sairá Casti. Que os deuses o preservem para, gáudio dos políglotas e reinação da Casa Havaneza.

UM NÚMERO DO INTERMEZZO

*Ria tomando chá em torno à mesa
Da sociedade a flor;
E no campo de estéticas opostas
Discutia-se o amor.*

*«O amor deve ser etéreo e puro»,
O conselheiro diz:
Sorrindo a conselheira um ai! abafa
Com gastos de infeliz.*

*Diz o cônego: «O amor destrói, mas quando
Sensual, já se vê!»
A donzela pergunta ingenuamente:
«Reverendo, porquê?»*

*A condessa murmura em voz dolente:
«O amor é uma paixão.»
E lânguida uma chávena oferece
Ao pálido barão.*

*Era vago um lugar em torno à mesa,
Era o teu, minha flor!
Tu, só tu, poderias, se o quisesses,
Dizer o que era o amor!*

*Quando canta a Maldonado
E os quadris saracoteia,
Não é mulher, é sereia,
Não é mulher, é o pecado.*

*Ao vê-la, pois, enleado
Perco o siso, o verbo, a ideia,
E um desejo audaz se enleia
Neste peito meu bronzado.*

*Chamei-te sereia! engano!
Nunca tolice maior
Borbotou do lábio humano.*

*Que toda a sereia, flor,
Finda em peixe... e ou eu me engano,
Ou tu acabas... melhor.*

ÁLVARES DE AZEVEDO
E FRANCO DE SÁ

São dois dos mortos nomeados sempre que os vivos suspeitam que um astro funesto alumia lugubrememente a sepultura dos modernos poetas brasileiros, arrebatados em flor pelo ciclone da morte. Citam-se Dutra e Melo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Macedo Júnior, Castro Alves, Pena, Bernardino Ribeiro e Gonçalves Dias. Franco de Sá faleceu, aos vinte anos de idade, em 1856.

Um dos seus biógrafos escreve: «De tempos a esta parte dir-se-ia que maléfica estrela fada os poetas da nossa terra!»

O Sr. Pinheiro Chagas, no prefácio das *Primaveras*, de Casimiro de Abreu, diz: «Pesa uma fatalidade notável sobre a literatura, ou, pelo menos, sobre a poesia brasileira contemporânea!»

O Sr. Fagundes, em uma das suas *elegias*, exclama:

Fatal destino o dos brasílios vates!

Fatal destino o dos brasílios sábios!

Fatal destino o dos brasílios mestres!

O Sr. Reinaldo Carlos Montoro, óptimo escritor iluminense, explicando, responde que é o «vento áspero e ardente do século que seca e abrasa todos os espíritos nobres, que os arroja por desfastio ao gozo imoderado, e após à doença e ao túmulo em idade prematura.» E continua precisando mais a explicação do mistério: «Quereis a decifração do enigma dessa tuberculização do corpo social que vê morrer tão cedo os seus pensadores mais distintos? Procurai-a na ausência das crenças morais, que começa por tirar-nos do coração a religião da mulher e acaba por enregelar-nos o leito fúnebre com a negação de Deus.»

A resposta não satisfaz completamente a patologia; mas é sensata e justificada pela precipitação com que se atiraram de mergulho à torrente infecta dos deleites todos ou parte dos poetas arrebatados.

Franco de Sá, por desventura, seria um dos que não amavam a calma da vida de família, como diz com muito juízo o Sr. Fagundes. Os seus pulcros cantares não acusam os delírios byronianos de Alvares de Azevedo, é certo; mas também o Sr. Guerra Junqueiro escreveu da fome do Ceará com o estômago bem confortado; e outros, escrevendo ditirambos com invocações avinhadas a Baco, terão o estômago encharcado em água do Chafariz d'El-Rei.

Da poesia não pode bem inferir-se de que morreu o autor, nem tão-pouco a certidão dos seus bons ou maus costumes. Quem lê as *Viagens a Leixões*, de Alexandre Garrett, e não conheceu o autor, presume que ele fosse um deslinguado que ofereceu às senhoras portuguesas, e particularmente às Ex.^{mas} Cirnes do Porto, aquilo que Jeová mandava comer com pão a Ezequiel. Pois não era. Conheci-o. Era um velho discreto, delicado, religioso e de melindres muito de fidalgo com as damas. Todo o homem tem uma porção de inépcia que há-de sair em prosa ou verso, em palavras ou obras, como o carnicão de um furúnculo. Quer queira quer não, um dia a válvula salta e o pus repuxa. Foi o que se deu com Alexandre Garrett, que, feita a supuração, defecada a alma do seu quinhão de peçonha, sumiu-se nas brumas doutros planetas.

É a sorte comum dos nossos poetas e dos *brasileiros*, como diz Fagundes compungido. Os que não morrem inteiros – os que deixam um raio da sua luz perpétua no espírito das gerações por vir –, esses não vão mal. Ai, porém, dos que sofreram e

choraram na sombra e no silêncio heróico, de uns que não querem que as suas lágrimas sejam recitadas ao piano por uma menina que lhes troca em *bb* os seus melhores *vv*.

No Brasil não se trocam as letras, penso eu. Podem, quando muito, destilar-se os versos em fios de melão nos lábios de quem os recita. É uma delícia. Quem assim sobrevive na declamação do piano será eterno como os pianos – flagelação necessária ao Cosmo, como a chuva, a guerra, as moscas e outras calamidades.

À poesia de Franco de Sá, pouco pontual na contagem das sílabas, juntamos duas que deixou no génio humorístico Álvares de Azevedo. Este, sim: quando o Vesúvio de dentro não tinha mais lava que vulcanizar, atirou-se a si à cova como quem precisava repouso. Álvares de Azevedo sofreu e morreu por conta de Byron, de Musset e de Espronceda. Empestou-o a cólera da paixão e do conhaque que ardia na França, e passou ao outro hemisfério sem ferir este abençoado

Jardim da Europa à beira-mar plantado.

No período do romantismo, desde 1836 até 1856, apenas conheci em Coimbra um poeta que se embriagava e lia Manfredo e El diablo-mundo. Esse, porém, no dia seguinte ao da embriaguez, tomava capilés e caldos de frango. Um dia apareceu moribundo como Edgar Poë nos entulhos de beco de D. Sisenando. Os românticos quiseram enxertá-lo na árvore maldita dos *blasés*. Ora, ele, o infeliz, o que o

matara foi o mau vinho da Bairrada com uma lampreia requentada do Paço do Conde.

Deploro os poetas brasileiros que morrem cedo, e também os que morrem tarde, contanto que me dispensem de os ler; e ao mesmo tempo felicito os vates nacionais que nos períodos críticos em que vogavam ideias desorganizadoras do poeta e da família, eles, metendo-se nas alfândegas, antes quiseram ser almotacés de contrabandos que contrabandistas de paixões estrangeiras. Assim procederiam os brasileiros, se o sol lho consentisse e o grito do Ipiranga os não desconchavasse da nossa familiaridade. Fizeram mal. Nós havíamos de engordá-los, enchê-los de famílias, e do bom sol que por aqui nos aquece moderadamente a velha castidade da Lua, e dar-lhes finalmente alfândegas na metrópole e o exemplo saudável dos nossos amigos Vidal e Alexandre Monteiro.

ÁLVARES DE AZEVEDO

MINHA DESGRAÇA

*Minha desgraça, não, não é ser poeta,
Nem na terra de amor não ter um eco,
E meu Anjo de Deus, o meu planeta
Tratar-me como trata-se um boneco...*

*Não é andar de cotovelos rotos,
Ter duro como pedra o travesseiro...
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido
Cujo sol (quem mo dera!) é o dinheiro...*

*Minha desgraça, ó cândida donzela,
O que faz que o meu peito assim blasfema,
É ter para escrever todo um poema
E não ter um vintém para uma vela!*

NAMORO A CAVALO

*Eu moro em Catumby. Mas a desgraça
Que rege minha vida malfadada
Pôs lá no fim da Rua do Catete
A minha Dulcineia namorada.*

*Alugo (três mil réis!) por uma tarde
Um cavalo de trote (que esparrela!)
Só para erguer meus olhos, suspirando,
À minha namorada na janela...*

*Todo o meu ordenado vai-se em flores
E em lindas folhas de papel bordado
Onde eu escrevo trémulo, amoroso,
Algum verso bonito... mas furtado.*

*Morro pela menina, junto dela
Nem ousa suspirar de acanhamento...
Se ela quisesse eu acabava a história
Como toda a comédia – em casamento.*

*Ontem tinha chovido... que desgraça!
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,
Mas lá vai senão quando uma carroça
Minhas roupas tafuis encheu de lama...*

Eu não desanimei. Se Dom Quixote

*No Rocinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de medo, eu, mais valente,
Fui mesmo sujo ver a namorada...*

*Mas eis que no passar pelo sobrado
Onde habita nas lojas minha bela
Por ver-me tão lodoso ela irritada
Bateu-me sobre as ventas a janela...*

*O cavalo ignorante de namoros
Entre dentes tomou a bofetada,
Arrepia-se, pula, e dá-me um tombo
Com pernas para o ar, sobre a calçada.*

*Dei ao diabo os namoros. Escovado
Meu chapéu, que sofrera no pagode,
Dei de pernas corrido e cabisbaixo
E berrando de raiva como um bode.*

*Circunstância agravante. A calça inglesa
Rasgou-se no cair de meio a meio,
O sangue pelas ventas me corria
Em paga do amoroso devaneio!...*

FRANCO DE SÁ

A ESBELTA

*A Esbelta, o alvo dos suspiros nossos,
É fada vaporosa, é flor das flores;
Em vez de carne, vestem-na vapores,
É leve a rapariga, só tem ossos.*

*Os caniços do lago são mais grossos
Que as canelas gentis dos meus amores;
Tem nas lindas bochechas menos cores
Que a seca múmia quando sai dos fossos.*

*Ai! ditoso mancebo, eu te prometo
Que se hoje noivo, trémulo desmaias,
Beijando a anágua que te encobre o espeto,*

*Talvez, quando marido, morto caias
Vendo surgir o pálido esqueleto
Da espessa nuvem de umas oito saias.*

*AMOR E NAMORO**I*

*Amor é vinho forte, em que se apanha
Dessas bruegas de cair no chão;
O namoro é um cálix de champanha
Que nos torna alegrete o coração.*

*Amor, amigos, é clarão que ofusca,
Fogueira alimentada com resina;
Namoro é luz suave que se busca
Como aquela que expande a lamparina.*

*Amor é duro tronco que se aferra
Entranhando no chão forte raiz;
Namoro é linda rosa à flor da terra,
Que se abandona, se perdeu o matiz.*

*Um, trazendo no olhar o desvario,
Aparece com ar de mata-moiro;
Outro à vista do pau tem calefrio,
Faz uso da canela, estima o coiro.*

*Um pula muros e barrancos salta,
Levando quedas que lhe são fatais;*

*O outro anda com cautela; é um peralta
Que em ratoeiras não caiu jamais.*

*Um, às vezes cordeiro, às vezes bruto,
Ora vive a bramir, ora prostrado;
O outro toma café, fuma charuto,
Calça luva, é rapaz civilizado.*

*Um, soberbo e feroz, é-lhe preciso
Prantos que ver e flores que esfolhar;
Para o outro, porém, basta um sorriso,
Um aperto de mão e um breve olhar.*

II

*Agora, meu leitor, ouvir-vos quero;
Deste meu paralelo que dizeis?
Preferindo a qualquer, sede sincero,
Confessai que o namoro é quem dá leis.*

*Eu sou franco: namoro, eu te prefiro!
Dás que fazer do próximo à rabeça;
Mas não jogas cacete, não dás tiro,
Nem fizeste a ninguém levar a breca.*

*Iluminas a vida um breve instante,
Sem consequências nos trazer por fim;
És perfume da vida do estudante
E remédio específico do spleen.*

*Fazes dum criança um Lovelace,
Fazes criança tola dum marmanjo;
Fazes que a feia por sofrível passe,
E que passe a sofrível por um anjo.*

*Por isso quem domina és tu, namoro,
Tanto no homem como na mulher;
Embora grite o pai – é desaforo! –
Embora ralhe a mãe quanto quiser.*

*Hoje, mais do que nunca, estás na moda;
Não há cabeça aí de gente limpa
Que não tenhas já feito andar à roda,
Como ao sopro do vento a leve grimpa.*

*E, ao passo que amor já não ataca,
Neste tempo ao dinheiro só fiel,
Os peitos escondidos na casaca,
Como outrora os cobertos de burel;*

*Tudo, tudo trabalha em tua vinha,
O século contigo simpatiza:
Todo o velho, rapaz, bruxa e mocinha
Tem tomado – namoro – por divisa.*

TOMÁS PINTO BRANDÃO

Era o coronel, o pontífice dos poetas biltres do século XVIII. Nasceu no Porto, floresceu em Lisboa e apodreceu em 1743, não sei onde. Rivalizou com o brasileiro Gregório de Matos no calão de bordel. As suas poesias honestas são más; as fesceninas avantajam-se em graça às de Bocage. No tempo de Tomás Pinto, e do Camões do Rossio, do Lobo e de Frei Simão António de Santa Catarina, cinzelavam-se os rendilhados de uma poesia obscena com buril delicado. Era um Ideal que os porteiros dos palácios deixavam entrar aos toucadores das condessas. O Salomão português não cantava as suas morenas, nem as que tinham seios como dois filhinhos gémeos da cabra montesa que pasce entre açucenas, e mais formosos que o vinho, segundo reza a Bíblia. D. João V usava os poetas como afrodisíacos; a uns fazia corregedores de bairros como a Sottomayor, a outros pregadores régios como a Frei Simão e Frei Pedro de São. Nenhum dos devassos notáveis pediu esmola como o bacharel Domingos Maximiano Torres, que fazia versos sérios e doutriniais.

Tomás Pinto era benquisto das condessas da corte, que o admitiam às folias da sua estúpida ociosidade. É o que se depreende da poesia que lhe aproveitei de entre as suas, inéditas, creio eu. Parte daquelas condessas explica os condes que gerou. Os netos, presentemente, restauram-se, lidam, ao envés da atrofia intelectual dos pais; agarram um boi; e, se não figuram muito distintamente no Jockey Club, é porque, à falta de cavalos, seria indecoroso e estranho aos estatutos do *sport*, correrem-se uns aos outros.

DÉCIMAS

*Senhoras, eu 'stou picado;
 Tenham Vossas Excelências
 todas quantas paciências
 eu tive no seu chamado;
 cuidei que por achacado,
 doídas da minha tosse
 a meter-me-iam na posse
 de uma merenda afamada,
 e que achava quando nada
 cinco condessas de doce.*

*Não me enganei, porque alfim
 todas vinham cheias grátis
 de vanitas vanitatis,
 que isto é fofa em latim.
 Tomara eu para mim,
 por bem ganhada fazenda,
 quanta folhage' estupenda
 traziam nas suas rodas,
 mas com tal donaire todas
 que puxam por muita renda.*

*Oh! quem pudera cantar
 (para bem me vingar dela)
 uma que à sua janela
 mil vezes vejo Assumar!
 Mas obriga-me a calar.
 Outra da mesma feição
 que é capaz, e com razão,
 de prantar-me no focinho,
 que farto de S. Martinho
 tenho sede a S. João.*

*Outra branca em demasia
 não era tão confiada,
 posto que estava enfiada
 talvez do que não queria:
 mas na flor, na louçania,
 na suavidade e na cor,
 podia largar o amor
 por ela redes e barcos,
 porque debaixo dos Arcos
 não vi semelhante flor.*

*Outra tesa de pescoço
 me chamou, por embeleco,
 magro, quando não sou seco:*

*velho, quando sou seu moço;
desdentado, quando eu posso
morder (como bem se prova
no estilo da minha trova).
Mas, se a chamar nomes vai,
ouça novas de seu pai,
folgará de Ouvi-la nova.*

*Outra prezada de prosa,
e em tudo perliquiteta,
bem mostra no ser discreta
quanto seria formosa:
por criar sangue, teimosa
comigo esteve a intender,
e a picar; mas a meu ver
creio que escusava tal;
Pois de sangue em Portugal
veias tem como é mister.*

*Uma hora de ajoelhar
me tiveram posto ali;
mas se faltaram a si,
eu a mim não sei faltar;
que não quero arrebentar
disso que vim embuchado,
pois sem comer um bocado
por tão vergonhoso meio,
não deixei de vir bem cheio,
porque sal muito inchado.*

*Enfim, se neste tratado
alguma tenho ofendido,
já me prostro arrependido
de ser tão arrazoadado:
já tenho desabafado;
já disse tudo o que quis;
porém neste, enquanto diz
a musa praguejadora,
que qualquer é mui senhora
do seu doce, e seu nariz.*

JORGE DE AGUIAR

Os poetas grotescos do *Cancioneiro* de Resende não acham guardanapo numerado neste banquete, porque, apesar de muito fidalgos, se apresentam em mangas de camisa suja. Salvante dois que versejam limpamente, porque o seu assunto eram damas ingratas, mas bem ataviadas de fraldelins estrelados de jóias, os restantes que esperem mais vinte anos o retrocesso da língua, e serão bem-vindos, e bem pagodeados na *Orgia*, que há-de ser o título da 5ª edição deste *Cancioneiro*.

Uma dos admitidos é Jorge de Aguiar, alcaide-mor da vila de Monforte e cavaleiro de Sant'Iago. É o melhor e mais fértil dos poetas que Resende enfeixou na sua colecção preciosa como estudo da língua, como espelho dos costumes e como láudano puro. Casou este poeta com uma nobilíssima Violante que seria a abelha que mais mel segregou de tanta flor montezinha. Diz ele coisas tão modernas a respeito das damas que não parece ter morrido há trezentos e setenta anos no mar. Os poetas do século XV capitaneavam armadas no mar da Índia e morriam por lá. Jorge de Aguiar, se tivesse a dita de ser nosso contemporâneo, não morria no mar, mas sim em seco, na Marinha, de que seria ministro.

CONTRA AS MULHERES

*Esforça, meu coração,
não te mates, se quiseres:
lembra-te que são mulheres.*

*Lembre-te que é por nascer
nenhuma que não errasse;
lembre-te que seu prazer,
por bondade e merecer,
não vi quem dele gostasse.
Pois não te dê à paixão;
toma prazer, se puderes:
lembre-te que são mulheres.*

*Descansa, triste, descansa,
que seus males são vinganças.
Tuas lágrimas amansa,
deixa-as às suas esperanças;
que pois nascem sem razão
nunca por ela lhe esperes:
lembre-te que são mulheres.*

*Tuas mui grandes firmezas,
tuas grandes perdições,
suas desleais acções,
causaram tuas tristezas.
Pois não te mates em vão,
que quanto mais as quiseres
verás que são as mulheres.*

*Que te presta padecer?
que te aproveita chorar?
pois nunca outras hão-de ser,
nem são nunca de mudar.
Deixa-as com sua nação⁴;
seu bem nunca lho esperes:
lembre-te que são mulheres.*

*Não te mates cruamente
por quem fez tão grande errada;
que quem de si se não sente
por ti não te dará nada.
Vive lançando pregão,
por onde fores e vieres,
que são mulheres, mulheres.*

⁴ Nação equivalia a natural, génio, etc.

*Espanha foi já perdida
por le-Tabla uma vez,
e a Tróia destruída
por males que Helena fez.
Desabafa, coração,
vive, não te desesperes;
que o que fez pecar Adão
foi a mãe destas mulheres.*

JOAQUIM DE SOUSA ANDRADE

É o mais estremado, mais fantasista e erudito poeta do Brasil na actualidade. O seu poema *Gueza Errante*, ainda não concluído, é uma leitura que pesa e enfarta pela demasia dos adubos. A alma moderna é como os estômagos dispépticos: digere a poesia leve como uma asa de rola; se lhe embucham almôndegas crassas e pingues, não as esmói e impa de opilação. As *Harpas Selvagens* não desmentem completamente o objectivo: por entre belezas incomparáveis, tem coisas assombrosas, alcantiladas, versos aspérrimos como arestas de rochedos; remugem nos algares umas torrentes de neve exsolvida, que nos põe a alma a tiritar de medo e frio entre os ursos brancos. As *Eólias* têm a formosura de mulheres inglesas da mais fina raça, com uma serenidade álgida no rosto, e às vezes umas rutilações interiores que relampejam e se apagam logo nos olhos. O retrato do poeta está no livro impresso com rara nitidez em Nova Iorque há cinco anos. Eu nunca vi aspecto mais embelecido pela contemplação. Parece que vê, além, um túmulo onde em urna de lágrimas depôs a flor da sua juventude; ou então está cismado no momento crítico em que escreveu esta passagem de uma sua ode:

*Eu vi a flor do Céu – meiga esperança
Sorrindo para mim, Deus verdadeiro!
Eu amei como um doido a formosura,
E eu não tinha dinheiro...*

Se houvesse retratos das caras simbólicas dos mais galhofeiros tipos – Sancho, Panurge, Gil Brás, Falstaff, Pangloss, Figaro, etc. –no momento acerbo em que disseram de si consigo: «e eu não tinha dinheiro», veriam que mesto quebrar de olhos, que palidez de amantes tresnoitados, que dolente pender de faces a contrastar com o júbilo soez desses carões adiposos que a gente conhece nas ilustrações de Cervantes e dos outros!

Quer-me, porém, parecer – e felicito o poeta – que este seu «não ter dinheiro» é retórica, é uma figura que só assim se tolera porque não é triste. Sousa Andrade peregrina na Europa há bastantes anos com muito génio, isso juro eu, e com muito dinheiro, iria também jurá-lo. Esteve em Sintra, em Londres, em França, morou em Auteuil. Viu tudo o que a história esmalta do verde-claro das legendas amorosas à volta de Paris, e andou por Saint-Cloud com uma *mademoiselle* despeitorada como consta largamente, e sem escândalo, da seguinte poesia, que não faz rir, mas descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, tal qual como as inglesas de primeiro sangue, às quais eu com rara felicidade comparei o poema deste brasileiro insigne.

«MADEMOISELLE»

Rien de plus beau que Paris.

PROVÉRBIO

*Fujamos, vida e luz, riso da minha terra,
Sol do levante meu, lírio da negra serra,
Doce imagem de azuis brandos formosos olhos
Dos róseos mares vinda à plaga dos abrolhos
Muita esperança trazer, muita consolação!
Virgem, do undoso Sena à margem vicejante
Crescendo qual violeta, amando qual errante
Formosa borboleta às flores da estação!*

*Partamos para Auteuil, é lá que vivo agora;
Vê como o dia é belo! ali há sempre aurora
Nas selvas, denso umbror dos bosques de Bolonha.
– Ouve estrondar Paris! Paris delira e sonha
O que realiza lá voluptuar de amor –
Lá onde dorme a noite, acorda a natureza,
Reluz a flor na calma e os hinos da devesa
Ecoam dentro d'alma ais de pungido ardor.*

*Aos jogos nunca foste, às águas de Versalhes?
Vamos lá hoje!... ali, palácios e convalles
Do rei Luís catorze alembam grande corte:
Maria Antonieta ali previa a sorte
Dos seus cabelos d'oiro em ondas na bergère. –
Tu contarás, voltando... inventa muita coisa,
Prazer de velhos pais – que viste a bela esposa
Das feras! com chacais dançando La Barrère!*

*Oh! vamos, meu amor! costuras abandona;
Deixa por hoje o hotel, que eu... deixo a Sorbona –
E fugitivos, do ar contentes passarinhos,
Perdidos pela sombra e a moita dos caminhos
Até à verde em flor vila Montmorency!
De lá, és minha prima andando séria e grave;
Entramos no portão: eu dou-te a minha chave
E sobes, meu condão, ao quarto alvo e joli!*

*Hesitas? ou, senão, sigamos outra via;
Do trem que vai partir a válvula assobia,
O povo se acumula, aqui ninguém a ver-nos:
Fujamos para o Céu! que fosse prós Infernos
Contigo... – «Ouí» –. Não deixes estar teu colo nu!
Há gente no vagão... sou fúria do ciúme –
Desdobra o véu no rosto... olhos com tanto lume... –
Corria o mês de Agosto; entramos em Saint-Cloud.*

GUILHERME DE AZEVEDO

Poeta moderno e um dos mais bizarros prosadores. Tem o realismo e as baldas que dão o relevo da forma, as antinomias e engraçados eufemismos de que ainda não abusa. É de esperar que se derranque, porque é novo, e há-de querer que o vejam na primeira luz, na fila dos sapadores. Eu por mim, dado que ele venha a jogar a catapulta aos meus romances «sentimentais» (sentimental, eu?) – assim adjectivados com tão inocente como atilado critério pelo Sr. Ramalho –, hei-de sempre saudar-lhe os triunfos como de príncipe que há-de ser da prosa.

*UM BOTE**(A JOÃO PENHA)*

*Sossega: não troquei a lira da vingança
Pelo doce arrabil dos velhos trovadores,
E em nada justifico, eu penso, os teus furores,
Saudando uma mulher, beijando uma criança!*

*Courbet que tem pintado as corrupções da França,
Não sabes o que fez? desenha, às vezes, flores!
E o realista audaz, cruel, dos Britadores,
Na tela diminuta o braço então descansa.*

*Oh! não conheces bem quanto eu sou generoso!
Entrega-te uma vez ao momentâneo gozo
Dum creme perfumado e um cálix de madeira,*

*Que não te acusarei, João, de apostasia!
Tu és sempre o cantor que poz salchicheria,
Mas que um momento esquece a musa salchicheira!*

OS PALHAÇOS

*Heróis da gargalhada, ó nobres saltimbancos,
Eu gosto de vocês,
Porque amo as expressões dos grandes risos francos
E os gestos d'entremez,*

*E prezo, sobretudo, as grandes ironias
Das farsas joviais,
Que em visagens cruéis, imperturbáveis, frias,
À turba arremessais!*

*Alegres histriões dos circos e das praças,
Oh? sim, gosto de os ver
Nas grandes contorções, a rir, a dizer graças
Do povo enlouquecer,*

*Ungidos para a luta heróica, descambada,
De giz e de carmim,
Nas mímicas sem par, heróis da bofetada,
Titãs do trampolim!*

*Correi, subi, voai num turbilhão fantástico
Por entre as saudações
Da turba que festeja o semideus elástico
Nas grandes ascensões,*

*E no curso veloz, vertiginoso, aéreo,
Fazei por disparar
Na face trivial do mundo egoísta e sério
A gargalhada alvar!*

*Depois, mais perto ainda, a voltear no espaço,
Pregai-lhe, se podeis,
Um pontapé furtivo, ó lívidos palhaços,
Luzentes como reis?*

*Eu rio sempre ao ver aquela majestade,
Os trágicos desdéns
Com que nos divertis, cobertos d'alvaiade,
A troco duns vinténs?*

*Mas rio ainda mais dos histriões burgueses
Cobertos d'ouropéis
Que tomam neste mundo, em longos entremezes,
A sério os seus papéis.*

*São eles, almas vás, consciências rebocadas,
Que, enfim, merecem mais*

*O comentário atroz das rijas gargalhadas
Que às vezes disparais!*

*Portanto é rir, é rir, hirsutos, grandes, lestos,
Nas cómicas funções,
Até fazer morrer, em desmanchados gestos,
De riso as multidões?*

*E eu que amo as expansões dos grandes risos francos
E os gestos d'entremez,
Deixai-me dizer isto, ó nobres saltimbancos,
Eu gosto de vocês?*

CLÁUDIO JOSÉ NUNES

Escrevia versos franceses como Vitor Hugo e versos portugueses como nenhum dos seus coevos em Portugal. Nem pétala de flor lírica.

As *Cenas Contemporâneas*, condignamente prefaciadas por Latino Coelho, são poesia de alta meditação, muito deste tempo, viril, realista, mas cheia de augusto ideal, singularmente filosófico. Não temos outro livro sério com que possamos provar que neste país alguém comungara com os grandes pensadores e dera à poesia, menosprezada por fútil, a força de uma alavanca no dismantelamento do edifício velho. Não dismantelou nada; porque em Portugal – ó felicidade da Rua das Hortas e dos Algibebe! – os sapadores nutrem-se da ciência dos seus direitos, a dez réis, e da ciência dos seus deveres, nas eleições, a quartinho o voto e vinho à discricção.

Cláudio José Nunes cantou o boticário Franco de Belém em quintilhas torentinianas, menos amelaçadas que o xarope de James – poesia que o sobredito boticário manipula em laboratório misterioso, quando não pisa leis no almofariz de S. Bento, que mistura e manda, segundo a fórmula constitucional e farmacêutica, para o presidente. Franco rivalizava com Cláudio José Nunes em influências eleitorais na assembleia de Belém. O citrato de magnésio deu-lhe a maioria a Franco. Laxaram-se nele as simpatias e consciências quase todas. Cláudio Nunes tinha muito espírito e grande dignidade; mas não dispunha dos drásticos.

Ele morreu na opulência do talento aos quarenta anos de idade. Há muito que não li palavra que recorde o assombroso poeta. Envergonho-me de lhes perguntar se o conhecem.

O POETA

(A LUÍS DE CAMPOS)

*Não te iludas, Luís; isto de fazer versos
Não leva a gente longe.*

*Outros e mui diversos
São os caminhos bons para subir aos cumes
Onde os raios do mundo, e da riqueza os lumes,
Aquecem os botões, que em rosas se desatam.
Esqueces-te, Luís, talvez, do que relatam
As crónicas fiéis de gente grave e séria
Acerca da peçonha amarga e deletéria
A que poetas chama, engatilhando os lábios
Num gesto de desprezo, uma porção de sábios
Que engorda o pão de Deus, para felicidade
Quer do reino do Céu, ou quer da humanidade.
Por elas se conhece o quanto é necessário
De cabelo espetado e sujo vestuário,
De preguiça, de vício, e malvadez sem conto
– De tudo quanto é mau – para fazer de pronto
Um desses aleijões, raça bastarda e informe
Que leva a alma devassa até ao ponto enorme
De amar os rouxinóis, as flores, os afagos,
As estrelas do céu, o espelho azul dos lagos,
A criancinha loura em que dorme esquecida,
Por ora, a podridão sob o arrebol da vida!
Numa palavra: tudo o que a moral detesta,
Quando, garganta nua e pó-de-arroz na testa,
Por detrás do seu leque, e atrás das bambinelas,
Conversa, folga e ri coas tímidas donzelas:
Política, e finança, e farda, e beca, e estola,
Ou qualquer outra dama honesta, e de alta escola,
Que ampara o seu pudor, deitando-lhe d'espeques
As frinchas do charão dos arrendados leques!
Luís – quando se sente após um dia gasto
Em labutar tristonho, inútil ou nefasto,
Que é necessário abrir as válvulas da mente
Para que, concentrada a chama inteligente
Num círculo de dor, e pela dor soprada,
Como a pólvora quebra o globo da granada,
Não partam à razão as explosões da ideia –
Isto de se evocar a pálida coreia
Das rimas dentre o pó, em que as sepulta o mundo,
Deve ser, com certeza, o início mais profundo
De uma devassidão, tão negra e tão medonha,
Que deverá tingir, no rubro da vergonha,
A gente que nessa hora engraxa algum calçado
Com a grã-cruz ao peito, ou lança no mercado*

*Alguns frangalhos vis da rota consciência?
 Fazer versos, Luís! pois há maior demência
 Do que estragar papel com esta ninharia
 Nuns tempos em que até a última senhoria,
 Vindo do chafariz, ou não se sabe donde,
 Morreu por fim às mãos do universal visconde?
 Sempre é preciso ter, para esta faina impura,
 Bem duro o coração e a ideia inda mais dura!
 Pois, quando espavorida em meio de trabalhos
 – Como a cansada pomba em cima dos carvalhos
 Forceja por pousar as fatigadas penas –,
 Forceja a alma também por encontrar apenas
 Um tronco onde repouse os voos arquejantes;
 Em lugar de a embeber nos lumes rutilantes
 Dos espaços azuis, atrás de alguma estrela,
 Não vale mais, Luís em baixo aqui prendê-la
 Aos lábios sensuais de alguma Messalina,
 Ou às farpas, talvez, da língua viperina
 Que, em meio às trevas, morde em tudo o que a rodeia?
 Não vale mais jungi-la aos lábios da sereia
 Que canta à moça pobre essa cantiga leda
 Do tlintim da libra, ou do frufu da seda?
 Isso sim, meu Luís tudo isso é que é fidalgo!
 Mas morrer a alma após, esbaforido galgo,
 De uma ideia de amor até à poesia,
 Isso é mui próprio só da truculenta harpia
 Do verso, tão faminta e de olho tão imundo,
 Que até devora a mesa em que consoa o mundo?
 Versos? pois por cada um que vem juntar-se-á conta
 – Atónita, surpresa, espavorida e tonta –
 Não vela a face a lei na banca do advogado?
 Por cada verso mais no limbo profundado,
 Não surge mais um padre atrás da medicina?
 Por cada cantilena, ou grande ou pequenina,
 Não passa em contrabando uma porção de fardos?
 A rosa alva do amor não se transforma em cardos,
 Quando a haste lhe humedece aquele nevoeiro?
 Pois, se não fosse o verso, a cada conselheiro
 Não tocara um conselho, ou pomo inteiro, ou lasca,
 Que nos justificasse o rótulo da casca?
 A política sempre, um pouco mais polida,
 Não falaria bem alguma vez na vida?
 6 verso, emanção do Inferno, torpe e rude,
 Deixa arder à vontade os fogos da virtude!
 Pelo que fica dito, é claro a toda a gente
 Que ser poeta é ser um monstro que somente
 Se pode consentir por mera tolerância.
 Torna-se pois decente, e de maior instância,
 Cavar-lhe funda cova onde desapareça.
 Os manes de Catão lhe pedem a cabeça.*

*Deferida. Depois, à vala infame o busto!
Enquanto que o censor, inchando o papo augusto,
Para poder trepar aos cumes do universo,
Basta que faça... em prosa o que atribui... ao verso!*

EM QUE PARARAM AS MUSAS

*Qual de Clavileflo outrora
Desmontado o herói manchego,
Quem vos viu e vê agora, corte o deus da aurora!
Bas bleus do Parnaso grego?*

*Moças que, no tempo airado
Das velhas Arcádias lusas,
Trazíeis pó no toucado,
Quando até, por desenfado,
Pastáveis os bois, ó musas!*

*Gamos que, dos tabuleiros
De Le-Nôtre, e em curto exílio,
Dos caçadores matreiros
Fugíeis para os salgueiros
Com os seis pés de Virgílio!*

*Desde que Pégaso explora
Os varais da prosa rasa
A seiscentos réis por hora,
Como, ó lindas! por aí fora
Levou volta a vossa casa?*

*E, com tombas no coturno,
Já cada uma de vós lida
Por achar no antro soturno
Deste mundo qualquer turno
De dar algum modo à vida?*

*Pobre adela paralítica,
Melpómene, a da tragédia,
Vende fato velho à crítica;
E botou centro, política,
A outra mana da comédia?*

*Terpsícore, a picaresca,
Fabrica pastas na Lua,
E a da música, mui fresca
Da janela offenbachesca
Tosse a quem passa na rua!*

*A alta Clio é vendedeira
De jornais de miscelânea!
É a Érato inculcadeira!
E vive numa trapeira
Do Largo da Estrela a Urânia!*

*Calíope ata na argola
Um ramo de louro ao vento;
E Polímnia pede esmola,
De muleta e de sacola,
À porta do Parlamento!*

*Qual de Clavileño outrora
Desmontado o herói manchego,
Quem vos viu e vê agora,
Ó corte do deus da aurora!
Bas blues do Parnaso grego!*

TEODORO DE SÁ COUTINHO

Não o conhecem os bibliófilos, posto que no segundo tomo das *Poesias* de Paulino Cabral se compreendam notáveis sonetos dele⁵. Nasceu no fim do século XVII; floresceu e frutificou pouco menos de obscuramente até meado do século XVIII. Era da casa de São João de Rei, descendente portanto de Francisco de Sá Miranda.

No espólio de uma freira, há dez anos já volatizada em essência de serafins, num mosteiro do Minho, apareceu um poema de Teodoro de Sá Coutinho e Azevedo, primorosamente caligrafado e bastante sebáceo do uso. Era datado em 1814. A religiosa quê o possuía tinha sido galante, pouco fiel ao esposo místico, e talvez tão cálida nos seus arroubos profanos quanto a sua madre Teresa de Jesus o havia sido nos ascéticos. Pelo muito que amou, encerrava em si três Madalenas. Parece, porém, que não seria perdoada à proporção, porque em anos já serôdios e desenganados ainda tinha um Ideal teimoso e palpitações indicativas de uma fisiologia de Marion de Lorme. Da data do poema infere-se que Soror Três Estrelas começou a estudar esta *Carta de Guia* desde o noviciado. Era professa em 1815; e, quando foi da Constituição de 20, quis romper a clausura e vir cá fora comungar das liberdades públicas. Depois da restauração da Carta, forcejou novamente por anular os votos com o fim honesto de casar-se com um tenente de cavalos. Dizem que expusera a sua chama ao padre Marcos, D. Prior de Guimarães, homem sentimental e vezado a consolar freiras aflitas como é da obrigação dos padres. Roma não a dispensou do voto de castidade; mas permitiu-lhe tacitamente que amasse dentro dos limites da mesma. Foi o que ela fez em caldas, em banhos de mar, em banhos de chuva, em banhos de canoa, sempre que sala do convento a banhar-se. Honra lhe seja.

Quanto à *Carta de Guia*, este poemeto é decerto um quadro de costumes maus; não há nada, porém, mais perfeito em assunto de conventos de freiras. Deve conservar-se como relíquia, visto que a instituição é mona; porém, quando, no século XXI, se restaurarem os mosteiros, a *Carta de Guia* de Teodoro de Sá Coutinho e Azevedo dará a este *Cancioneiro* uma extracção exorbitante.

⁵ A controvérsia de Paulino Cabral com Teodoro versava sobre insolências que mutuamente revidaram à conta da idade. Teodoro tinha setenta e tantos anos. O abade de Jazente era moço. Como amostra do género, dá-se a delicadeza do seguinte soneto:

*Quem me dera, Paulino, quem me dera
Passar-te a certidão da tua idade!
Mas o assento de um burro na verdade
Em livros não se encontra nem se espera.*

*Inda pelos desfechos bem pudera
Conhecer tua oculta antiguidade;
Mas, se cerrado estás, fora asnidade
Contar-te os anos, descobrir-te a era.*

*Tu em parte puseste o pensamento
Na nova certidão com que procuras
Desluzir-me o valor, prostrar-me o alento.*

*Mas olha que a uma queda te aventuras,
Que se conto os meus anos nesse assento,
Tu contarás os teus nas mataduras.*

CARTA DE GUIA

QUE UMA FREIRA MESTRA DEU A UMA CORISTA
PRINCIPIANTE NO TEATRO AMOROSO

*Filha, dentro do convento
Há duas castas de freiras:
Umás que o são verdadeiras,
Outras só por fingimento;*

*Umás frequentes no coro
E firmes na castidade;
Outras frequentes na grade
E contínuas no namoro.*

*Tu suponho que daquelas
Não queres entrar nas contas,
Pois hoje passam por tontas
As que são santas e belas:*

*Quanto mais que o ser beata
as loucuras maiores;
Pois quem sofre directores
Tem muito de mentecapta:*

*Por isso os teus bons intentos
De ter amores aprovo,
Porém, como entras de novo,
Precisas de documentos.*

*Na costura uma menina
Não se chega a fazer destra,
Se primeiro a douta mestra
Os pontos lhe não ensina;*

*Se primeiro não concorda
Pelo risco a breve agulha,
Rude a mão, o fío embrulha
E sem graça a olanda borda.*

*Assim corista entendida
Sucede a quem sem receio
Se mete no galanteio
Sem ser primeiro instruída.*

*Antes de entrar no projecto
Da amante correspondência,
Consulta a conveniência,
Depois consulta o affecto.*

*Ama, pois que a natureza
Ou to ensina, ou to permite;
Mas primeiro do apetite
Te lisonjeie a riqueza.*

*Filha, sem dinheiro agora
Não se faz nada no mundo;
Tudo com ele é fecundo,
Tanto dentro como fora.*

*Faz a feia linda e bela,
A que é vil faz ser senhora,
Faz santa a que é pecadora,
E faz discreta a singela.*

*Tem pois de amor na baralha
Hoje um trunfo verdadeiro,
A que saca mais dinheiro,
Ou coisa ao menos que o valha.*

*Mas também deve a prudência
As mais acções governar-te;
Que o saber amar é arte.
E o saber viver ciência.*

PRIMEIRA LIÇÃO

*Primeiramente te asseia;
Pois no amante galanteio
Faz muitas vezes o asseio
Parecer bela a que é feia.*

*A arte no alinho ensina
Perfeições à natureza,
Pois com o asseio a beleza
Passa a ser coisa divina:*

*Mas sabiamente reparte
Dos adornos a destreza!
Pareça só natureza
O que for cuidado d'arte.*

*O vestir próprio convenha
Do teu estado à doutrina:
A estamenha seja fina,
Mas seja sempre estamenha.*

Se a camisa for de preço,

*Ou de ordinária despesa,
Seja limpa, que a limpeza
Nunca pode ser excesso.*

*Seja bordado o sapato;
A meia de seda seja;
Será bom que amor a veja
Mas que a rebuce o recato.*

*Ajuste bem no semblante
Branca a touca e transparente,
Mas sempre seja decente
Sem deixar de ser galante.*

*O espartilho algum defeito
Sem muito aperto desminta,
Faça mais estreita a cinta
Faça mais crescido o peito.*

*Deixa ver parte do seio,
Que abri-lo todo é loucura;
Pois passa a descompostura
Sem chegar a ser asseio.*

*Andem das vistas distantes
Os peitos modestamente;
Pois, se os mostras à mais gente,
Que hás-de mostrar aos amantes?*

*Enfim, seja sempre o rosto,
Bem ou mal delineado,
Naturalmente engraçado,
Mas com destreza composto.*

*Se da face a cor primeira
For desmaiada ou remissa,
Embora seja postiça,
Mas pareça verdadeira.*

*Em falar bem sempre estuda,
Sem ter nas palavras mímica;
A que não dá bem à língua
Era melhor nascer muda.*

*Sejam as vozes suaves
As expressões carinhosas,
Para os amantes mimosas,
E para a mais gente graves.*

Da língua emenda os defeitos

*Sem ter de discreta a sécia,
Que às vezes passa a ser nécia
A que fala por conceitos.*

*Nas cartas cuida em ser breve,
Natural, clara e sucinta,
Mas primeiro o peito sinta
O que a mão depois escreve.*

*Deixa as palavras subidas
Para pompados sermões,
Porque as tuas expressões
Basta que sejam polidas.*

*Não só deves estudar
No falar, e no escrever,
Mas em saber-te mover,
Em saber rir e chorar,*

*Qualquer acção que se move
Com graça e ar nos recreia;
Um sorriso nos enleia,
Um suspiro nos comove.*

*Destas, e de mil miudezas
Que o uso ensina somente,
Faz amor continuamente
O triunfo das belezas.*

SEGUNDA LIÇÃO

*Com esta lição primeira
Se segue a eleição do amante,
E ponto o mais importante
Que pode ter uma freira.*

*O fidalgo muitas vezes
Entra por este convento,
Sem outro merecimento
Que os seus Teles e Meneses:*

*Louva a seus avós honrados,
Celebra os seus ascendentes;
Mas, se não mandar presentes,
Zomba-lhe dos seus passados:*

*Se se apeia no terreiro
Com cavalos e criados,
Sabe que uns são emprestados,*

Outros filhos de um caseiro:

*Se te manda é tão-somente
Uma canastra de fruta;
E não sejas dissoluta
Por tão pequeno presente.*

*Mas se algum for liberal
E já senhor de morgados,
Emprega nele os cuidados
Conforme o seu cabedal.*

*Traze-o sempre seguro
E no mandar tão frequente,
Que até chegue, de imprudente,
A tomar dinheiro a juro.*

*Do clérigo, e mais do frade
É maior a sementeira,
Porque neles o ter freira
Não lhe ultraja a gravidade:*

*Pois eles têm por ciência
De achar, não sei por que conta,
No trato de fora, afronta,
E, no das freiras, decência.*

*Mas seja clérigo ou frade,
O teu favor só dispensa
Ao que tiver melhor tença,
Ou mais rica dignidade.*

*Mas dos Franciscanos nossos
Foge, e toma os meus conselhos;
Pois são zelosos em velhos
E são vadios em moços.*

*Nenhum deles que dar tem,
Que é o ponto principal;
Mas, se for provincial,
Podes-lhe então querer bem.*

*Também alguns estudantes
Frequentam a portaria,
E neles se principia
O concurso dos amantes;*

*Mas só servem para aquelas
Que penteiam desenganos,
E que já, pelos seus anos,*

Vão deixando de ser belas.

*Uma questão na verdade
Só definir-te não posso:
Se há-de ser o amante moço,
Se já crescido na idade.*

*No primeiro o fogo activo
Arde, brilha e resplandece;
No segundo se esmorece,
Mas sempre mais afectivo:*

*Arde o moço mais violento
Mas com chama mais segura,
Arde o velho, e mais lhe dura
O fogo quanto mais lento:*

*Um se muda facilmente,
Outro é firme até à morte;
Se ama o primeiro mais forte,
O segundo mais prudente.*

*Todos os enamorados
Querem passar por discretos;
Mas muitos por circunspectos
Se fazem alambicados:*

*Foge destes, se quiseres
Crer-me a mim por experiência,
Que é preciso outra ciência
Para agradar às mulheres.*

TERCEIRA LIÇÃO

*Resta-me agora explicar-te
A frase, o modo e maneira
Com que, na grade primeira,
Deves, menina, portar-te.*

*Em os primeiros favores
Mostra-te sempre remissa,
Que com isso mais se atija
O fogo nos amadores.*

*O mais que podes fazer
É mostrar-lhe o teu sapato,
Mas com tal pejo e recato,
Que o faças enlouquecer:*

*Se bem que há tolinha agora
Que logo ao primeiro rogo
Tem o mesmo desafogo
Que tem qualquer pecadora.*

*Isto, filha, danifica
Das freiras a gravidade;
Pois tanta facilidade
Vergonhoso nome indica.*

*Inda que mostre direito
Para renovar instâncias,
Finge vergonhosas ânsias
Com melindroso trejeito.*

*Vira a cara, torce a vista
Por mais que agradá-lo queiras;
Pois o repúdio das freiras
Novos afectos conquista.*

*Faze na segunda grade
Com que... Mas aqui chegava
A mestra quando a chamava
Para o locutório um frade.*

*«Adeus», lhe disse, «que vou
»Falar com este asneirão;
»Não te esqueça esta lição,
»Que experiências me custou.*

*»O mais que quero dizer-te
»Ficará para outro dia;
»E do meu cuidado fia
» Que cedo mestra hás-de ver-te.»*

PAULINO CABRAL

Este poeta escreveu a sua genealogia em verso. Para desmentir o preconceito de quem assacou à poesia o aleive de mentirosa, o abade foi poeticamente sincero em matéria de linhagem. As grandes calúnias genealógicas acham-se perpetradas e perpetuadas em prosa reles.

*Um de meus bisavós foi mercador,
Outro foi d'alfaiate oficial,
Outro tendeiro foi sem cabedal,
E outro, que juiz foi, foi lavrador.*

*O meu paterno avô foi professor
De latim, que ensinou ou bem ou mal;
E o materno viveu no seu casal
De que inda agora eu mesmo sou senhor.*

*Meu pai médico foi, e homem de bem,
Minha mãe dom teria, porque enfim
Muitas menos do que ela agora o têm.*

*Abade eu fui; e, se saber de mim
Alguma coisa mais quiser alguém,
Saiba que versos faço, e os faço assim.*

Parece que não foi menos verídico nas passagens que nos conta dos seus costumes:

*Eu como, eu bebo, eu durmo, e sem receio
Do que há-de vir a ser, a vida passo,
Ora de Nize no gentil regaço,
Ora das Musas no sonoro enleio.*

Às vezes pesco, às vezes jogo ou leio.

.....

Nize e o jogo principalmente. Não se pode dizer o mesmo da leitura, que as suas poesias denotam menos cultivada que o regaço gentil da dama acima nomeada, e doutras. O padre fez sonetos a Fílis, a Irene, a Rosa, a Márcia, à Anarda e a Lísia; mas Nize foi a predilecta. Passava dos sessenta anos quando sentiu nevarem-lhe no coração estas frialdades que hoje em dia gelam um rapaz, se a mulher amada não lhe infiltra o calórico dos cupãos e do gás em acções da Companhia do mesmo.

Depois dos sessenta anos despedia-se:

*Adeus, Nize gentil: a minha idade,
Que já de lustros doze um pouco passa,
Torpe a mão, tarda a planta, a vista escassa,
É só resto infeliz da humanidade.*

Nize não devia ser muito jovem quando o abade se demitia de lhe atihar os fogos, segundo se depreende de um terceto em que a desaba do ideal com desamorável crueza, expondo-a à irrisão com o nome e apelido:

*E vejo enfim que aquela a quem eu punha
Acima das estrelas, é já agora,
Em vez de Nize bela, Inês da Cunha.*

Não obstante, suspeita-se que ela já madura se fizesse reverdecer em danças com cadetes e peraltas. O padre queixa-se:

*Senhora Nize, a verde mocidade
Já lhe tem dito adeus, tenha paciência;
Porque dama não há que resistência
Saiba fazer dos anos à crueldade.*

*Tudo o tempo destrói: e esta verdade
Principia a chorar Vossa Excelência;
Quando não, meta a mão na consciência,
E mostre a certidão da sua idade.*

*Deixe-se pois de entrar nas danças altas,
De assembleias, de jogos; finalmente
De ouvir cadetes, e escutar peraltas.*

*Olhe que já por'i murmura a gente
E lhe diz que, depois de certas faltas,
O ter sobras de amor fica indecente.*

Devia de ser senhora de mui fina sociedade esta Inês da Cunha a quem Paulino Cabral toucava as cãs de tão melindrosas flores.

O jogo não lhe foi menos funesto que Nize. Da paixão das mulheres resgatou-o a idade; mas o *wisth* e a *arrenegada* reduziram-no a extrema pobreza. Dizia-lhe Teodoro de Sã Coutinho:

*Deixa, Paulino, deixa a travessura
Do jogo a que te arrasta o génio inquieto:
Sossega um pouco mais, e circunspecto
A orgulhosa paixão vencer procura.*

A cada passo faz gala do seu vício:

Passo em casa as manhãs, janto, dou graças,

Monto a cavalo e vou-me para o jogo.

E noutro lanço:

*Ora a pesca, ora o jogo, ora o passeio,
Ora da França um livro me entretinha.*

E ainda:

*O jogo, o amor, a mesa, as musas belas,
Roubaram-me o melhor da mocidade.*

E parece que o restante da mocidade não o consagrou o pastor em desvelos excessivos com o seu rebanho de Jazente. Se é verdade o que ele diz, o amor foi tanto em sua vida que invocava, em prova da sua cálida ternura, as avós das mulheres que amava.

*Enquanto eu pude, e tive actividade,
Nenhuma experimentou em mim tibieza;
E, se queres saber esta certeza,
Tua avó te dirá toda a verdade.*

Pergunta-lhe o que eu fiz...

.....

O padre Paulino Cabral não era um tartufo de vícios que fatuamente se pavoneava em sonetos de chalaça plebeia. Era tudo isso. Foi portanto forçado a renunciar o benefício e ausentar-se do teatro das suas fragilidades senis. Gemeu os restantes anos da vida em pobreza, e desse fúnebre ocaso enviou ele às alegres auroras da sua vida este soneto:

*Eu que junto à cabana em que vivia
Tive uma rica ermida, e afortunado
Ovelhas tantas tive que o montado
Com elas branquejar alegre via:*

*Eu que tive prazer, tive alegria,
Tive nome entre os mais, eu, desgraçado,
De quanto tive agora despojado
Não tenho nada mais que noite e dia.*

*Eu mesmo deixei tudo, e unicamente
A saudade nos cofres da memória
Com desvelo guardei, mas imprudente;*

*Pois lendo nela a minha triste história,
Me fazem ser mais duro o mal presente
Doces lembranças da passada glória.*

Aqui não há raio de graça celestial nem toque de contrição; mas há bastante exemplo para vigários portugueses.

VERDADES SINGELAS

*Estas verdades singelas,
Sem artifício e conceito,
Pode-as ler qualquer sujeito;
E, se vir que alguma delas
Lá pela roupa lhe toca,
Tape a boca.*

*Dizer um senhor fidalgo
Que tem três contos de renda;
E que gasta uma fazenda
Só em sustentar um galgo,
Que todas as lebres mata,
Patarata.*

*Querer outro senhoria
Quando tinham seus avós.
Um tu, um você, um vós,
Somente por cortesia
Do cura, ou do senhorio,
Desvario.*

*Trazer de luto os criados
Um senhor mui reverente,
E dizer a toda a gente
Que gastou três mil cruzados
De seu pai no mortuário,
Gabatório.*

*Andar outro embonecado,
Ter amores, ter afectos,
E depois de ter já netos,
Andar inda namorado
Sem se lembrar da velhice,
É tontice.*

*Dizer um por vários modos
Que nos seus antepassados
Tem trinta réis coroados
Do claro sangue dos Godos
Que pelas veias lhe gira,
É mentira.*

*Andar outro como brasa
Vendendo soberba a molhos,
E metendo pelos olhos
Os brasões de sua casa,
E de seus avós o foro,*

Desaforo.

*Andar um para casar,
Buscando uma entre mil
Senhora rica, e gentil;
E entender que há-de achar
Por cima disto donzela,
Bagatela.*

*Insultar sem causa a gente,
Dar empuxões em quem passa;
Querer que lhe façam praça,
Ser por ofício valente,
Ser carrancudo e severo,
Destempero.*

*O que consente à mulher
Andar na dança aos boléus,
Escrever a chichisbéus,
E que lhe deixa fazer
Em tudo a sua vontade,
Vá ser frade.*

*Na de amor louca contenda
Andar sempre em viva roda;
Gastar nisto a vida toda,
O tempo, a vida a fazenda,
Depois ficar pelitrate,
Disparate.*

*O ter sempre a mesa posta,
Jogar, andar em caçadas,
Ter dama, fazer jornadas,
E nunca tomar resposta
A quem lhe pede dinheiro,
Cavalheiro.*

*O que tendo filha ou filho,
Os vê fazer a miúdo,
Este calção de veludo,
Aquele rico espartilho,
E mostra que não entende.
Que pretende?*

*Sustentar doze cadelas,
Um sacador, um furão,
Só por numa ocasião
Sair ao monte com elas
E caçar coelhos poucos,
É de loucos.*

*Ficar um filho segundo
Sendo da casa embaraço;
E viver como madraço
Com um sossego profundo
Tocando frauta ou viola,
Mariola.*

*A viúva rica e nova,
Que na igreja muito atenta
Lança devota água benta
De seu marido na cova
Só com a ponta do dedo,
Casa cedo.*

*A que não conhece o mês
E que diz que tem catarro,
Ou é velha ou come barro;
Ou algum excesso fez,
Que a curar-lhe leva às vezes
Nove meses.*

*A que entende que nunca
Pode amor entrar com ela,
Seja ingrata, seja bela
Lá lhe há-de vir a maré
Em que caia a formosura
De madura.*

*A senhora a quem o criado
Descalça o sapato e meia,
Se ela não é muito feia
E o moço não for honrado,
Faz um bucho retorcido
A seu marido.*

*A que tem dores da madre,
Que remédio aos mestres pede,
Que vai ao padre da Rede,
Ou toma cedo compadre
E acrescenta a gente em casa,
Ou se casa.*

*Se não é rica uma dama
E estraga airosa veludos;
Se acaso os homens sisudos
Lhe lançam nódoas na fama
Pela ver com indecência,
Paciência.*

*A que dança de arremesso,
Que faz versos e é cortês,
Que joga e fala francês,
Enfim mulher, que eu conheço,
Seja clara, seja bela
Fugir dela.*

*A que lê livros de amores,
Que sabe deitar um mote,
Que estraga olandas a cote,
Que faz cortejo aos senhores,
Se por milagre é donzela,
Ter mão nela.*

*Sair sem causa da terra,
Ir vagar pelas estranhas,
Ir por vontade às campanhas
E trazer sempre na guerra
Pendente a vida de um fio,
Desvario.*

*Ser de damas confessor
E ser cónego em sé vaga,
E ter quem lhe cure a chaga
Do tirano e cego amor
Lá muito pela escondida,
Boa vida.*

*Servir a el-rei toda a vida,
E depois em recompensa
Ter trinta mil réis de tença
Que é somente recebida
Lá no cabo da velhice,
Parvoíce.*

*Trazer títulos de Roma
Sem primeiro ter que gaste,
E ter bispo de Tagaste
Sem ter já rendas que coma,
Pagar a bula e gabela,
Bagatela.*

*Uma fidalga noviça,
Que quer, com grande insolência,
Ser tratada de excelência,
Com chinelas de cortiça
E manto de tafetá,
Arre lá.*

Jogar de abono, e perder,

*E não ter com que pagar;
Ter amor e ver mudar
A dama que bem se quer,
E não ter lenha no Inverno,
É inferno.*

*Ministro que lê Descartes
Em vez de ler por Temudo,
Ou que faz na solfa estudo
Mais que nos feitos das partes,
Está mui bem premiado
Aposentado.*

*No que tem filhas bonitas,
E no dia dos seus anos
Consente que alguns maganos
Lhe façam não só visitas
Mas também algum calote,
Chicote.*

*A que bebe sem vergonha,
Que toma tabaco e dança,
Que do jogo não se cansa,
Que é toda guapa e risonha,
Se por milagre é donzela,
Ter mão nela.*

*Ser bispo sem jurisdição,
Capitão de auxiliares,
Cadete nos militares,
Cavalheiro de esporão,
E casar-se na velhice,
Parvoíce.*

*O que passeia montado
Sobre rocim muito podre,
Com xairel de pele de odre,
Com teliz esfarrapado
E lacaio de capote,
Dom Quixote.*

*A que tem só um amante
E lhe manda a consoada;
E, se o vê fazer jornada,
Nunca mais sobe ao mirante
Pelo respeitar ausente,
É inocente.*

*Ver uma dama noviça
Querer ela ser senhora*

*Tendo vindo de pastora,
Que de alguém o afecto atença
Só por ter quem a sustente,
Não é gente.*

*Ver andar de ceia em ceia
Alguns, que aqui não nomeio,
Ir ao jogo, ir ao passeio,
E pretenderem que eu creia
Que vão só tomar café,
Não bofé.*

*Naquele que anda em carroça
E pretende senhoria,
Sem se lembrar que algum dia
Andava seu pai de croça
E sua mãe de tamanca,
Boa tranca.*

*Letrado que atrasa a causa
Com mui enredos astutos,
Que lê feitos circundutos,
E se passeia com pausa,
Falando só no escritório,
Farelório.*

*Mercador que faz rebates
Depois de casar as filhas,
Que manda navio às ilhas
E não paga aos calafates
Senão depois de citado,
Tem quebrado.*

*O que nega a mão direita
A todo o clérigo, e frade,
E o que por mais vaidade
A senhoria lhe aceita,
E lhe fala impessoal,
Animal.*

*O que namora a mulher
Na igreja ou camarote;
E que a deixa dar um mote
Em noite de baile, e quer
Que aos mais pareça discreta,
É pateta.*

*O que vai sempre ao café,
Que traz papéis no cabelo,
Que dá muito ao cotovelo*

*E que em passo de cupé
Caminha pelo ladrilho,
Peralvilho.*

*Se às vezes traz a verdade
Algum dissabor consigo,
Aquele que das que digo
Não mostrar nunca vontade,
Tenha ao menos por prudência
Paciência.*

EDUARDO VIDAL

O Sr. Eduardo Vidal um poeta lírico e quase singular em duas qualidades excelentes, nesta época de galicismos e de castração do amor ama, primeira qualidade; segunda, e mais rara: faz correctíssimas líricas do seu amor. Não lhe sei a idade. As suas poesias rescendem vinte primaveras. Quando eu era moço, cheirava-as com certa inveja e com tal qual ciúme. Agora, quando o leio – e nunca deixo de o reler –, sinto pruir-me a saudade do anjo que a mim me fugiu, e a ele lhe grudou nas espáduas as nitentes asas.

Os talentos recém-vindos bem forcejam por desasá-lo. Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, ambos engenhos de *prime saut*, simbolizaram-no no romantismo, e não cessam de o morder em holocausto à *Ideia Nova*. Mas o Sr. Vidal refuta-os deste teor:

*A ideia nova, é boa!... em que consiste a ideia?...
 Nova; mas nova em quê?... Na insânia que alardeia,
 Na forma sem primor, no rasgo desonesto,
 Na feia exposição, na chufa, no doesto,
 No delírio falaz que pinta a humanidade
 Em latíbulos vis de infame ebriedade,
 Bebendo a corrupção nas taças sacrossantas?...
 Ideia nova, em quê?... Se a perversão nos cantas,
 Sagrando a lira d'ouro às saturnais lascivas;
 Se no teu ideal só pairam essas divas
 Que a miséria lançou nos antros enlodados,
 Que novidade és tu? Que mundos ignorados
 Pretendes cimentar repletos d'abundância? –
 O que farás do amor – o que farás da infância?...
 O que dirás às mães num límpido conselho?...
 Onde tens o respeito às cãs do pobre velho
 Que é pai, que é bom, que é triste, e em Deus inda confia?...
 És noite e escuridão; negas a luz e o dia,
 Es o velho farsante, a deusa descambada.
 Não ascendes ao belo; andas de escada em escada
 A farejar o crime, e a delatar o vício.
 Que sacerdócio é o teu? – Serves o baixo ofício
 Do polícia que espreita, e agarra o que mal usa:
 Votaste a Boa Hora em templo à tua musa.
 Eu, que persisto há muito em crer no bem florente,
 Que sou da reacção protervo impenitente,
 Que adoro o Céu, a flor, a pálida beleza,
 Os lírios da inocência, a vasta natureza,
 E que sinto em minha alma uns estos de lirismo
 Quando me agita, ó Deus, um vago pantelsmo
 Que me afaga, me enleva, e brando me sorri,
 Mas que, em íntimo ardor, me leva a crer em ti;
 Eu deixo caminhar a procissão judenga,
 E adormeço de ouvir-lhe a chocha lengalenga!*

Estes alexandrinos são tersos, formosos e irrespondíveis. Quando, ao diante, eu historiar esta invasão de Gôngoras entranhados em ideias novas de remendos velhos,

colhidos a gancho nos monturos de Paris, os versos do Sr. Vidal serão citados como o protesto de um Daniel na cova dos leões.

A RAPOSA E AS UVAS

*Dizem que as musas castas doutras eras
Devem meter-se agora a petroleiras
E esfolharem-se as vívidas roseiras,
Enfite das caducas Primaveras;*

*Que o tempo das visões e das quimeras
Desfaz-se à luz das coisas verdadeiras,
Que é néscio o amor, que as aves são palreiras,
E que ninguém se importa coas esferas.*

*Eu ouço dizer isto em rima vária,
E enfim que é bom pôr termo a tantas petas,
Que a ideia nova é nova... e proletária.*

*Ó Herodes cruéis das borboletas!
Quem vos dera a varanda solitária
Onde cismam as pálidas Julietas!*

PAPANÇA E NUNES DA PONTE

Vi-os em Coimbra no seu último ano de formatura. Bacharéis em Direito, despediram-se da mocidade, e levaram cada um seu livro de versos a Primavera, que lhes dava o último beijo no Penedo da Saudade. Com que melancolia, volvidos vinte anos, os dois velhos pedirão à memória a inspiração daquelas páginas!

Macedo Papança faz que um leitor sério se deixe ir atrás das tranças soltas, e da espádua nua, e do desnalgado requebro da poesia moderna. Nunes da Ponte, ao invés, tão moço como o seu condiscípulo, verseja sentimentalidades de há dez anos, no estilo temperado dos poetas que nutriam amores castos e um saudável medo dos equívocos suspeitos. E – singular coisa! – um entre risos, outro entre lágrimas, ambos acusam mulheres ingratas, e principalmente doidas, mulheres que fizeram do coração cuias, e que, situadas à margem do Mondego, onde gemem os suspiros da Colo de Garça, são pouco *Ineses* porque têm muito de *Hortas*.

MACEDO PAPANÇA

INCOMPATIBILIDADES

*Tens a óleo na sala de visitas
Os austeros perfis dos teus parentes,
E disseste-me um dia até que os sentes
Orgulhosos sorrir, se acaso os fitas.*

*Descendes de D. Fitas, ou não sei
Que português ilustre é que tu dizes,
Que defendeu em tempos mais felizes
Com denodo fidalgo o reino e o rei.*

*Tua mãe nunca perde ocasião
De me dizer que nos saraus da corte
Os rapazes gentis de melhor porte
Te fazem a galante distinção*

*De se curvarem logo que tu passas,
Disputando em seguida a primazia
Na tua carteirinha luzidia,
Que os inscreve segundo as suas raças;*

*E teu pai, se me fala, nunca fala
Senão em pergaminhos, em fidalgos,
Nas ligeiras matilhas dos seus galgos,
No conde, na duquesa, na marechala;*

*Em suma nas distintas relações
Do seu nobre solar, abrasonado,
Que é um grande cachimbo requeimado
Das fumaças de muitas gerações.*

*Nos jardins, nos teatros, nas igrejas,
Acompanham-te uns cómicos galãs
Dizendo-te umas frases tolas, vãs,
E enchendo-te de estúpidas invejas,*

*Se os teus olhos, travessas mariposas,
Em mim se vêm fitar, como num fruto;
E eu que os desprezo e às vezes que os desfruto
Sondando-lhes as almas tenebrosas,*

*Sinto-me triste, e triste, porque sou
Um pária social, talvez o neto
Dalgum ser desprezado, e pobre, e objecto,
Que as botas engraxava a teu avô.*

*Portanto já tu vês que não podemos
Unir-nos no futuro (ideia negra!);
É esta uma excepção àquela regra
De sempre se tocarem os extremos.*

*Eu continuo a ser um sonhador
Que te pede em profunda reverência,
Ao dar-te, humilde, a mais altiva excelência,
O teu fúlgido olhar, como um favor;*

*E tu, a fina solarenga austera,
Irás talvez em breve desfolhar
A grinalda da tua Primavera
Nos braços imbecis dum titular!*

DUAS ÉPOCAS

I

*Eras minha e só minha; eu via-te assim como
Um Tântalo d'amor, um Tântalo febril,
Que aspirava a beijar o imaculado pomo
– A tua mão pequena, alvíssima e infantil.*

*Eras humilde e boa; olhava-te e pensava
Que havias de ser tu, ó pálida açucena,
A minha esposa casta, e ouvia-te e aspirava
O fresco musical da tua voz serena.*

*Sentia-me tão bem, tão bem, tão confortado,
Se me vinhas falar baixinho ao meu ouvido,
Doce como um perdão, triste como gemido,
Do teu primeiro amor, meu único cuidado,*

*Que me punha a cismar então, se porventura
Lá onde habita Deus, nos páramos infindos,
Se encontraria azul de cor mais casta e pura,
Que o azul ingénuo e bom desses teus olhos lindos,*

*E aonde os anjos vão cantar coisas do Céu
Nos espaços da luz, no centro da harmonia,
Quando eu subisse lá, se acaso encontraria
Uma voz como a tua e um canto como o leu.*

*Tu eras para mim um culto abençoado,
Perto de ti sentia aquela estranha unção
De muita fé, que sente um rude, um aldeão
Ante o grande esplendor dum templo iluminado.*

II

*Hoje és uma coquete ativa e pretensiosa,
O ideal du monde chic, a flor do cotillon,
Que mostra o colo nu e a meia cor-de-rosa
Premida sob o azul da bota à benoiton.*

*Tu falas na Marie, no Seixas e no Guerra,
Que te hão-de fornecer uns nadas muito caros,
E em que hás-de mandar vir da Escócia objectos raros
E as sedas de Paris, e as rendas de Inglaterra,*

*Para os bailes do Inverno e recepções no paço,
Cujos espelhos vão decerto reflectir
Esse teu corpo unido ao corpo dum palhaço,*

Que só de imaginá-lo até me ponho a rir.

*Desejava escutar a prosa almiscarada
Do teu nobre galã, do teu aristocrata;
Deve sair sublime a frase trabalhada
Na torpe escuridão duma cabeça chata!*

*E dizes que já tens um par muito gentil
Para a primeira valsa – o filho dum visconde:
C'est le plus distingué, la fleur du demi-monde,
Cujo esquecido avô foi dono dum barril.*

*Ele é franco comigo, e um dia há-de dizer-me
Que te falou d'amor, que tu coraste, e que ele
Num beijo te provou o saboroso mel
Das rosas vírginas da alvíssima epiderme;*

*E eu hei-de então contar-lhe um pouco enternecido,
Por ver surgir de novo o sonho doutra idade,
Que o perfume senti da tua virgindade
Por te beijar somente a cassa do vestido.*

*Ai, pobre flor perdida! ai, flor abandonada
À quieta podridão dum pântano maldito!
Hás-de beber o fel dum coração aflito,
Na irónica explosão da minha gargalhada.*

*E nota que ao passar por u, se me cair
Uma lágrima, ó flor, no teu vestido nobre,
Não penses que a gerou a dor que o riso encobre,
Que eu rio de te ver, e choro de me rir.*

NUNES DA PONTE

VAIVÉNS

*Outrora na rua, na sala, nas praias
Onde ela ia dantes,
A altiva senhora das formas esbeltas,
Prostravam-se ao vê-la na curva dos deitas
Os finos galantes.*

*Na Câmara, um dia, um ministro d'Estado
É crónica assente,
Levado d'assombro de tanta elegância,
Tomou a palavra, gemeu uma estância
Ao vê-la de frente.*

*Um rei atrevido de planos estranhos,
Se bem me recordo,
Lembrou-se uma vez de trocar os
Estados Co'amigo sultão, se os povos amados
Se achassem d'acordo.*

*Propondo-lhe a ela por vias travessas,
Por duques e pares,
Fazê-la sultana dos remos caducos,
Doirar-lhe os desejos, cercando-a d'eunucos
Nos ermos palmares.*

*Loucuras dos grandes! A altiva senhora
Pensou um instante
Nos cambios do gozo, na doce aventura
Que o harém escraviza na mole tortura
Dum turco constante...*

*Não quis aceder. E o reinante magoado
Morrera decerto
Se os grandes fidalgos e damas ousadas
O não distraíssem nas longas caçadas
Do corso inexperto.*

*No entanto correram os anos ligeiros,
E coisa estranhável!
Passavam-lhe o pé com fatal insistência
Os finos galantes da morna indolência
Sem coisa notável.*

*Até que dorida de tanto abandono,
Um dia prostrada,
A grande senhora da altiva beleza,*

*Fixou num espelho com mágoa e tristeza
A fronte enrugada!*

*Debalde a açafata da dama chorosa
Procura animá-la
Com falas e risos, cingindo-a nos braços;
O pranto desvenda-lhe os lívidos traços
Dos póis à mar'chala.*

*Passado esse dia, corria na corte,
Com pasmo dos nobres,
Que a altiva senhora fugira do mundo,
Para ir encerrar-se num claustro profundo
E orar pelos pobres.*

CAMÕES

Têm-se escrito notáveis parvoçadas por conta de Camões, umas nacionais, outras estrangeiras. Entre as segundas, é notável uma do príncipe russo Elim Mastscherski, falecido em 1844. Incluído nas suas poesias francesas, póstumas, com o título *Les roses noires*, está um drama chamado *Camões*. O poeta, nas últimas horas da vida, ocupa um quarto do terceiro andar do hospital, onde o vai procurar um merceeiro que tinha sido seu condiscípulo no «colégio de calvas». Camões custa-lhe a reconhecer o condiscípulo; mas dados os seguintes esclarecimentos, recorda-se. Diz o tendeiro:

*Me reconnaitrez-vous, quand vous m'entendrez dire:
Je suis José Castel Branco de Viado,
Vous faut-il plus? Je suis moi José Québédo,
Fils de Marichita qui fut votre marraine.*

Este burguês, filho da Sr. a Manquita, madrinha do fidalgo poeta, era pai de Vasco Mouzinho de Quevedo Castel Branco, também poeta, a quem o príncipe russo, por amor da rima, chama *Pérez*. O motivo que leva o merceeiro ao hospital não é indigno do seu mester: vai ver se conduz o desgraçado poeta para casa a fim de que seu filho *Pérez*, vendo-o morrer tão pobre e sem amparo, perca a mania de fazer versos. Camões não aceita o favor. José Castel Branco de Viado sai zangado do hospital, insultando o moribundo, e manda-lhe o filho a ver se o resolve. *Pérez* assiste ao trespassse de Camões; e, contra o que o pai conjecturava, sente-se cada vez mais aceso em ardor poético na presença daquele sublime espectáculo da morte do príncipe dos épicos. O filho do tendeiro de Lisboa, poucos anos depois, publicava o poema *Afonso Africano*. Os nobilíssimos Cabedos de Setúbal, descendentes colaterais do cantor das empresas de Afonso V, se souberem que o príncipe Elim lhes pôs o tendeiro na estirpe dos bravos batalhadores da corte de Peláio, decerto devem sentir um justo desprezo por todos os príncipes russos.

Camões amou muito; logo, não foi o grande desgraçado que se imagina. Amou muitas senhoras de várias cores, aquém e além-mar, Solteiras e casadas.

*Numa casa fui pôr
Os olhos de si senhores:
Cuidei que fossem amores,
Eles fizeram-se amor.*

Amou uma preta.

*Aquela cativa,
Que me tem cativo,
Por que nela vivo,
Já não quer que viva.*

.....

*Pretidão de amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura*

Que trocara a cor.

.....

*Esta é a cativa
Que me tem cativo,
E pois nela vivo
É força que viva.*

Amou uma Catarina. Uns dizem que era de Ataíde, outros Boca negra – em todo caso, fidalga; mas não a tratava com grandes delicadezas de palaciano:

*Catarina é mais formosa
Para mim que a luz do dia;
Mas mais formosa seria,
Se não fosse mentirosa.*

.....

*Jurou-me aquela cadela
De vir, pela alma que tinha;
Enganou-me, tinha a minha,
Deu-lhe pouco de perdê-la.*

Chamava-lhe *cadela*. Fiem-se lá nos lamuriantes queixumes do falsificado Camões de Garrett:

Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela, etc.

Amou uma Grácia de Morais:

*Olhos em que estão mil flores
E com tanta graça olhais
Que parece que os amores
Moram onde vós morais.*

Amou uma Domingas:

*Esconjuro-te, Domingos,
Pois me dás tanto cuidado,
Que me digas se te vingas,
Viverei menos penado.*

Amou ao mesmo tempo uma Helena, uma Maria e uma Joana:

*Não sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joana;
Não sei qual delas me engana.*

Amou uma pastora:

*Pastora da serra,
Da serra da Estrela,
Perco-me por ela.*

Amou uma fulana dos Anjos, que lhe chamou Diabo:

*Senhora, pois me chamais
Tão sem razão tão mau nome,
Inda o Diabo vos tome.*

.....

*Já que chegais tanto ao cabo
Com as mãos postas aos céus,
Vou sempre pedindo a Deus
Que vos leve este diabo.*

Amou uma Beatriz:

*Formosa Beatriz, tendes tais jeitos
Num brando revolver dos olhos belos,
Que só no contemplá-los se não vê-los,
Se inflamam corações e humanos peitos.*

Até aqui onze, fora as que eu não nomeio para não ofender as famílias honestas que as representam, e as inéditas que ele também não nomeou.

A sincera biografia deste poeta, um dos primeiros da Europa, e o maior do seu século, ainda não está escrita. Os que versaram esse assunto acingiram-se à tradição, a Manuel de Faria e Sousa, embusteiro desprezível, e ao licenciado Manuel Correia, escravo das conveniências. O bispo de Viseu, Barreto Feio, e o Sr. Visconde de Juromenha, bons literatos a muitos respeitos, estavam muito aquém da baliza onde a crítica principia a dilucidar o perfil de Camões. O Dr. Teófilo Braga, se não escrevesse em anos tão verdes e com tanta precipitação, em vez de um chavascal de incongruências estólicas e de hipóteses pueris, teria rastreado a linha recta que levou o grande génio pela desordem da vida aos embaraços da pobreza e do desamparo. Em vez de o fantasiar a carpir-se da perda de Alcácer Quibir, dar-nos-ia, como documento da sua cumplicidade naquele desastre, a *Epístola* a D. Sebastião em que o poeta lhe pede que *tinja as suas setas no sangue sarraceno, que Deus o premiará pelo vingar dos rebeldes, etc.*

Como quer que seja, Luís de Camões, se não tinha costumes exemplares, aconselhava-os às damas que escorregavam, recebendo presentes de *sitim*, já por causa do si (sim) como por causa do *tim*. Esta poesia não é propriedade do século XVII como pintura de maus costumes: cabe à larga no século XIX, e deve entrar num *tesouro de meninas* com preferência à ilha dos amores em que

*De uma os cabelos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas:
Acende-se o desejo que se ceva
Nas alvas carnes, súbito mostradas.*

*Uma de indústria cai, e já releva
Com mostras mais macias que indignadas
Que sobre ela empecendo também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.*

Estes versos crus e nus não são do Sr. Guerra Junqueiro, nem do Sr. Alfredo Carvalhais. São do poeta inculcado e recomendado para leitura das escolas de rapazes e acham-se em edições de seis vinténs no açafate de costura das meninas. Tirem-no de lá, por quem são, mães de família, e façam-nas decorar o que há no *ruim* quando a palavra se decompõe e a mulher se descompõe.

A UMA SENHORA

A QUEM DERAM UM PEDAÇO DE «SITIM» AMARELO

*Se derivais da verdade
Esta palavra sitim,
Achareis sem falsidade
Que após o si tem o tim,
Que tine em toda a cidade.
Bem vejo que me entendeis;
Mas porque não fale em vão,
Sabei que a esta nação
Tanto que o si concedeis
O tim logo está na mão.*

*E quem da fama se arreda,
Que tudo vai descobrir,
Deve sempre de fugir
De sitins, porque da seda
Seu natural é rugir.
Mas pano fino e delgado
Qual a raxa e outros assi,
Dura, aqueita e é calado,
Amoroso, e dá de si
Mais que sitim nem brocado.*

*Mas estes que sedas são
Com quem se enganam mil damas,
Mais vos tomam do que dão;
Prometem, mas não darão
Senão nódoas para as famas.
E, se não me quereis crer,
Ou tomais outro caminho,
Por exemplo o podeis ver,
Quando lá virdes arder
A casa dalgum vizinho.*

*Ó feminina simpleza,
Donde estão culpas a pares,
Que por um dom de nobreza
Deixam dons de natureza
Mais altos e singulares!
Um dom que anda enxertado
No nome, e nas obras não.
Falo como exp' rimentado:
Que sitim desta feição
Eu tenho muito cortado.*

Dizem-me que era amarelo;

*E quem assim o quis dar,
Só para me Deus vingar
Se vem à mão, amarê-lo ⁶,
O que eu não posso cuidar.
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas
(Isto bem pode não ser)
Dá a meninas formosas
Somente por as fazer.*

*Quem vos isto diz, senhora,
Serviu nas vossas armadas
Muito, mas anda já fora;
E pode ser que inda agora
Traz abertas as frechadas.
E, posto que desfavores
O tiram de servidor,
Quer-vos ventura melhor;
Que dos antigos amores
Inda lhe fique este amor.*

⁶ Amá-lo-eis.

*A UMA SENHORA**REZANDO POR UMAS CONTAS*

*Peço-vos que me digais
As orações que rezastes,
Se são pelos que matastes
Se por vós que assim matais?
Se são por vós, são perdidas;
Que qual será a oração
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?*

*Que se vedes quantos vêm
A só vida vos pedir,
Como, vos há Deus ouvir,
Se vós não ouvís ninguém?
Não podeis ser perdoada
Com mãos a matar tão prontas;
Que se numa trazeis contas,
Na outra trazeis espada.*

*Se dizeis que encomendando
Os que matastes andais;
Se rezais por quem matais,
Para que matais, rezando?
Que, se, na força de orar,
Levantais as mãos aos céus,
Não as ergueis para Deus,
Erguei-las para matar.*

*E quando os olhos cerrais,
Toda enlevada na fé,
Cerram-se os de quem os vê
Para nunca verem mais.
Pois, se assim forem tratados
Os que vos vêem, quando orais,
Essas horas que rezais
São as horas dos finados.*

*Pois logo, se sois servida
Que tantos mortos não sejam,
Não rezeis onde vos vejam,
Ou vede para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males que causastes,
Ressuscitai quem matastes,
Não tereis por quem rezar.*

CORREIA DE ALMEIDA

O Sr. Padre José Joaquim Correia de Almeida é da província de Minas Gerais. A sua predilecção é o epigrama e a sátira. Tem cinco volumes estampados, e parece que não chegam para satisfazer as necessidades públicas do império. Ele diz:

*Eu amo a sátira rija,
e o meu fim é corrigir;
se não há quem se corrija,
ninguém posso coagir.*

Suspeito que o Sr. Padre tem mais confiança no epigrama que no *Sermão da Montanha*; e que, tendo de escolher companheiro de missão, preferiria Juvenal a S. Paulo. Era esse também o sistema de corrigir de Gregório de Matos, com a notável e louvável diferença de que o Sr. Padre Correia, menos rico de metros que o seu patrício, é incomparavelmente mais asseado, visa as suas pontarias a alvo anónimo, e daí procede talvez não corrigir ninguém como lhe vai acontecendo com os barões de fábrica portuguesa e brasileira. Desta arte investiu ele com um:

*Esse nome que na pia
receberes, ó cristão,
aspirando à fidalguia,
deixas por seres barão.*

*Não é tudo! Esse apelido,
herdado de honrados pais,
mais não será conhecido,
visto que o não assinais.*

*No lar, no templo, na rua,
este juízo alguém fez:
religião família tua
renegaste duma vez.*

É o Sr. Padre José Joaquim um fino observador do Entrudo no Brasil. Conhece-lhe todas as peripécias truanescas, sabe-as tão bem como os plangitivos lances da Paixão que entre os católicos romanos principia quando acaba o Entrudo. É assim no seio da cristandade. Pierrot e Rigolboche ainda estão cozendo a bebedeira da última noite de cançã quando lhes levam a cinza de quarta-feira para saberem que são pó, a eles, católicos, que de vinho e pó já se tinham feito lama. Deplorável género humano! Se não pode expungir-se o Entrudo sem acabar com a Quaresma, acabem ambas as coisas.

A sátira do Sr. Padre Correia foi muito elogiada pelo primeiro visconde de Castilho quando apareceu na *Gazeta de Lisboa*. Castilho dava como prodígio das opulências inesgotáveis das suas minas. Pois que a ninguém invejava e lhe sobravam diamantes para constelar o palácio das suas íntimas fadas, lançava ao pescoço de todos os poetas um colar das melhores águas, e armava-os cavaleiros; e, como lhes não via a cara, muitos armou que ficaram sendo *cavaleiros de triste figura*.

Com estas liberalidades deu azo a que um poeta de talento superior, Tomás Ribeiro, aquele que mais cativo teve de si o espírito indolente do público, andasse

enaipado em mãos sujas com uns vates bordalengos que o generoso Castilho quisera lixiviar com os seus finos sabonetes de opópanax.

Não está o Sr. Padre Correia na turba dos elogiados caprichosamente por Castilho. Tem graça, metrifica nitidamente, folheia o seu Tolentino, e é mais erudito que o que se espera nestas brincadeiras de Entrudo.

O CARNAVAL

*Em tudo este mundo finge
e ri da credulidade!
Arquemos hoje coa esfinge,
extorquemos-lhe a verdade.*

*Deixemos, leitor, os ramos,
os cartões e o bom confeito;
em boa paz discorramos
em coisas de mais efeito.*

*Tolentino zombeteiro,
autor de frases amenas,
teve papel e tinteiro
das benévolas camenas.*

*Se com tal favor não conto
por me ser Apolo adverso,
darás benigno desconto
às pobrezaas do meu verso.*

*Acho bom que nos postemos
nesta esquina, a ver quem passa.
Ocasião hoje temos
de rir de tanta trapaça.*

*Que figuras esquisitas,
qual a qual com mais asseio!
Se temes, leitor, e hesitar,
é sem causa o teu receio.*

*Inofensivo cortejo
ao folguedo se encaminha;
não temas, eu te protejo;
vem! dá-me o braço e caminha.*

*– Eia! o ânimo recobra!
De riso quase arrebento!
Se é homem aquela cobra,
porque gritas por S. Bento?*

*– Cuidas que a frágil bengala
te queiram fazer em cacos,
se conseguem empolgá-la
esses trêfegos macacos?*

*Isto é pantomina ou farsa.
– E se este, de verde-gaio,*

*se reveste e se disfarça,
nem por isso é papagaio.*

*Mas coa falsa bicharia
nossa atenção não gastemos:
mais saborosa ucharia
para a crítica hoje temos.*

*Essa corja se afugente
e fora daqui se lance:
só a beliscar em gente
nossa audácia se abalance.*

*– Aquele que os outros guia,
e é figura que se nota,
com ares de fidalguia
faz o papel de janota.*

*Se hoje tem fina casaca
e chapéu que as nuvens roça,
já transportou muita saca,
por ser homem de carroça.*

*– Repara no magistrado,
paramentado de beca.
Músico em vez de letrado,
vive do arco e da rabeca.*

*– Vês o ancho brigadeiro
com bordadura na gola?
Infame estalajadeiro,
gato por lebre degola.*

*Hoje garboso se ostenta,
brandindo luzente espada:
amanhã terá oitenta
ou mais fregueses da empada.*

*– Vês o nobre cavaleiro
com seu hábito da Rosa?
Vende lama de atoleiro
por tinta de caparrosa.*

*– Vês ali o sacerdote
de negras roupas talaes?
O bom disfarce é grão dote,
mas longe dos nossos lares.*

*O devasso libertino
sob a máscara se oculta;*

*na crápula e desatino
é o horror de gente culta.*

*– Vês ali apavonada
afigura de um visconde?
Estupidez e mais nada
sob a máscara se esconde.*

*– Vês aquele missionário
que descobre a fronte lisa
e qual mestre em seminário
nossas acções moraliza?*

*Denunciá-lo à justiça
fora bom, mas não assino;
senão, contra mim se atica
o furor desse assassino.*

*– Repara nessas maneiras
do mercador de alta escala,
que, por não dizer asneiras,
impassível ouve e cala.*

*É taberneiro distinto,
e a profissão feliz, boa;
faz vinho que se diz tinto,
põe-lhe o letreiro – Lisboa.*

*– Não ouves como conversa
gente de voz tão macia,
e a discussão toda versa
em reis e diplomacia?*

*Uns falam pró, outros contra;
mas sezões me chove a Lua,
se na súcia se não encontra
mais de um arrais de falua!*

*– Não vês o aspecto sombrio
daquele capitalista
que dos homens de mais brio
é o primeiro na lista?*

*Desmazelado caixeiro
É o tal senhor Francisco,
pois o balcão de mau cheiro
deixa coberto de cisco.*

*Não vês aquele adoptivo
professor de Medicina,*

*que no olhar meditativo
mostra saber o que ensina?*

*Se te descubro o sujeito,
juro que a rir te escangalhas.
Não reconheces o jeito
do atalhador de cangalhas?*

*– Não vês aquele monarca
de manto, ceptro e coroa?
O pobretão não tem na arca
um vintém para boroa.*

*– Não vês o ancião que alveja,
encolhido e desdentado?
Nele cumpre que se veja
um conselheiro d’Estado?*

*A antítese certamente
não pode ser mais exacta:
é fresco, é jovem, e ou mente
ou nem ata nem desata.*

*– Não vês lá o candidato
repartindo circulares?
Quanto ele seja cordato
é fácil de calculares.*

*Criado de galão branco,
ou servente de ucharia,
se o Carnaval achou franco,
a senatória acharia.*

*– Que de heróis do tempo antigo
aquele grupo arremeda!
Aí tens, leitor, contigo
povo assírio, gente meda.*

*– Caminha ao lado d’Isócrates
o longímano Artaxerxes.
– Aspásia, mestra de Sócrates,
caminha ao lado de Xerxes.*

*– Como acolá se mistura,
como se tem confundido
na viva caricatura
a triste, mesquinha Dido!*

*Trai o amoroso contrato
e, conforme se crê, usa*

*do proceder mais ingrato
o viúvo de Creúsa.*

*Não repilas, não enxotes,
meu leitor, o pio Eneias!
Repugna louvar Quixotes
rendidos a Dulcineias!*

*– Horácio empina um almude
para animar estas cenas;
pede aos deuses não se mude
de entre os viventes Mecenas.*

*É filósofo o brejeiro,
e não há quem o apoquente;
acha tudo lisonjeiro,
contanto que ele ande quente.*

*– Virgílio ali se complica
no rebuliço da rua;
a surdos e ao vento explica
o préstimo da charrua.*

*– Ovídio suave e belo,
carpindo suas desgraças,
recomenda ao seu libelo
que evite o palácio e as praças.*

*Do Capitólio descera,
todo assombrado de um raio;
porém a Nasão de cera
ainda nos brade: Honrai-o!*

*Minha razão é tão romba,
que, a despeito dos mentores,
nisto acho exemplo de arromba
a futuros escritores.*

*– Cícero acolá por gesto⁷
se explica, e o sobrolho enruga;
ora folheia o Digesto,
ora coça na verruga.*

*Foi bem apanhado o absurdo
(perdoem-me os palradores):
representa um mudo-surdo
o maior dos oradores!*

⁷ Em figura de Carnaval é desculpável o anacronismo, sobretudo havendo necessidade de rima.

– *Mostra o corpo como emblema
do alto ofício Ganimedes.
Risca e resolve um problema
co'o pau no chão Arquimedes.*

– *Aquela figura austera
grave balança equilibra,
anjo fiel não se altera
por mais libra, menos libra.*

*Parodia o justiceiro
sábio Minos, rei de Creia;
instinto de carnicheiro
só leis de sangue decreta.*

– *Caro leitor complacente!
Nas noções que passo a dar-te
o meu estro se ressentido
da falta de engenho e d'arte.*

*Se acaso não tens notícia
dos habitantes do Olimpo,
esta canalha fictícia
eu te vou tirar a limpo.*

– *Ali o velho Saturno
que devora e não mastiga,
nos recorda taciturno
a régia ambição antiga.*

– *Este é Júpiter potente
sem correctivo, absoluto;
ninguém o ódio lhe tente,
se não quer em casa luto.*

*Bem o conheço, e se o digo
não é para seu desdoiro;
como pode este mendigo
transformar-se em chuva d'ouro?!*

– *Aquele, de arnês provido,
se bem não posso afirmar-te,
pelo menos tenho ouvido
ser o bélico deus Marte.*

*Porém desde que ele há sido
lembrado para recrutar,
não tem amadurecido
no meu quintal uma fruta.*

*Quando a guerra nos assola,
dou-te um bolo se o apanhares;
Aproveita-se da sola,
e dá giz nos calcanhares.*

*– O que trai bigorna e torno,
e amartela férreo cano,
da gâmbia pelo transtorno
Mostra ser o deus Vulcano.*

*– Este que empunha o tridente
com movimento importuno,
que me caia mais um dente
se não é o deus Neptuno.*

*– Esta cara luzidia
menos mal finge a de Apolo,
que ministra luz e dia
à esfera de pólo a pólo.*

*– Aquele que ri à toa
oferecendo tabaco,
e canta mas não entoa,
bem mostra ser o deus Baco.*

*– Prosérpina, Juno e Astreia,
da maneira mais burlesca,
também fazem sua estreia
na cena carnavalesca.*

*– Armado de arco e de flechas
aquele rapaz despido,
que em tantos peitos fez brechas,
é o magano do Cupido.*

*– Trazem naquela berlinda
fogosíssimos cavalos
a personagem mais linda
e ninguém ousa estorvá-los.*

*A deidade se mascara
e grande ilusão me gera:
mas se lhe descubro a cara,
Vénus torna-se Megera.*

*– Ali vem uma donzela,
de Vesta sagrada ao culto;
a sacra pira que zela
não lhe iguala ao fogo oculto.*

*É outra realidade,
que não digo por decência;
conhece-a meia cidade,
tem por alcunha: Inocência.*

*– Entre sedas e veludo,
sobre macia almofada,
olha, leitor, não te iludo,
lá se recorta uma fada...*

*Mas não acredites nela;
é nossa vizinha Olaia.
Ou à porta ou à janela
há muitas da mesma laia.*

*– Formando-se justa ideia,
que ilação daqui se tira?
Tanto deus e tanta deia,
tanto herói, tudo mentira!*

*O Carnaval nos retrata
o mundo em miniatura;
a verdade é coisa ingrata,
por isso reina a impostura.*

*Perdão, gente galhofeira!
Melhor que estes meus resumos,
a próxima quarta-feira diz:
Pulvis et umbra sumus.*

ANTÓNIO DE CABEDO

Este poeta, falecido em Lisboa há quinze anos, era doente, pobre, triste, alanceado de saudades de duas esposas que amara e perdera, e, ainda assim, teve intervalos remansosos em que fez poesias cómicas de rara sensatez e chiste – coisas que por milagre se acolchetam.

O actual visconde de Castilho, em um mavioso livro da sua mocidade, *Memórias dos Vinte Anos*, escreveu esta formosa página a respeito de António de Cabedo:

[...] Eu já conhecia vagamente este nome por signatário de alguma peça de versos aqui ou ali estampada nesta ou naquela folha efémera de alguma árvore periodical. Mas a pessoa de António de Cabedo dizia-me muito outra coisa que me não diziam os seus versos. Era débil, mimoso, aflitivo. Tinha um corpo frágil e mesquinho, e uma estatura pouco acima da adolescência. Tinha uma voz gasta e doentia, maneiras simpáticas e insinuantes, e no rosto e no porte não sei que sofrida e poética expressão. Dir-se-ia ao vê-lo: «É um infeliz.» «Não é», respondia logo com altivez delicada o seu sorriso, que se esforçava por sorrir. «Não me enganas, sorriso! é um infeliz, e é um poeta.»

Não sei por que razão confraternizámos logo; é que ele possuía um ar cândido, que punha logo toda a gente bem com ele, e bem consigo mesma; raríssimo condão que em poucas pessoas conheci. Tinha as faces amarelas e muito cavadas; era dos trabalhos; era do estudo; era da meditação; era das vigílias; era dos dissabores; era da afecção pulmonar que dai a dois meses (oh! juízos do Supremo!) no-lo deviam arrebatam a despeito de tudo. Tudo nele era simétrico, ordenado, composto; sem peralvilhice nem afectação; desde o cabelo sempre penteado até à bota sempre escovada; esta feição de apuro e alinhado era um singular complemento e uma galante aplicação ao traje e ao porte, da sua honradez e pontualidade em tudo:

pontual até no fato e nos ademanes. Duas vezes casado por amor; viúvo duas vezes. Pobre e contrariado sempre em todas as suas veleidades, em todas as suas justas pretensões. O seu espírito e o seu talento enfermavam de melancolia. Poetava, mas pouco e a medo. Era satírico, mas de uma sátira quase inocente, mansa e sempre justa; sinalava os ridículos e as pechas com toda a chistosa energia do seu epigrama: dir-se-ia que por ali desabava a sua desventura. Havia no tom geral da sua conversação um travo de amargor; no fundo dos seus escritos um frio de descrença, quase saudosa; como no seu aspecto, até quando recitava as suas torentinianas e facetas poesias, um não-sei-quê de trevas e melancolia. De si nunca falava. Era utopista sincero, progressista dedicado. Di-lo-íeis precito para a felicidade. Ler a sua biografia, se alguma vez mão piedosa a descerrar aos leitores meditabundos e solitários destas coisas tristes, será o mesmo que divagar num cemitério; além uma cruz; aqui as valas da pobreza; para ali as campas da família, os túmulos do amor; e os ciprestes a apontarem o céu; para outro lado uma capela; acolá uns cardos; ali uma relva enfermiça, que amanhã será pó sobre pó; e por toda a parte o peso, a ideia negra, a morte.

Aqui está em prosa de poetas a mais santa das poesias: a saudade do amigo. Júlio de Castilho, o primogénito do primeiro visconde, foi tão melancólico em sua mocidade

que nos não deu para este *Cancioneiro* uma poesia sequer alumiada de um juvenil sorriso irónico. Eu não sei se ele é também um dos precitos para a infelicidade.

CARTA A UM REGEDOR

*Cidadão indispensável,
que regeis com tacto fino
o duvidoso destino
desta famosa nação: –
saúde a paz vos envio,
como fez Narciso a Eco
e depois mercê depreco
nesta humilde petição.*

*Vós que, sem ser estadista,
resolveis coisas do Estado,
e sois, em lance apertado,
dos governos assessor;
que desprezais por modéstia
a carta de conselheiro,
e persistis em... tendeiro...
algibebe... ou cortador;*

*Vós, que fazeis deputados
ao sabor do ministério –
e, quando o caso é mais sério,
até mesmo os inventais;
enchendo enfim esse templo
das cortes beneditinas,
que, ao menos, nas oficinas
dão que fazer aos jornais:*

*Ouvi-me, e sede benigno,
magistrado venerando,
que o tal posso, quero e mando
já lá vos chegou também.
E, sem mais palavreado,
vou tratar do meu assunto,
prometendo um bom presunto
se o negócio sair bem.*

*Tenho um filho, já crescido,
dum talento desmarcado!
O rapaz há-de dar brado,
se bom caminho seguir.
É pacato e mui sisudo
sem palrar de papagaio,
sempre, sempre, quando eu saio,
fica ele em casa... a dormir.*

*Abre um livro, e fecha-o logo,
pregando os olhos no tecto –*

*que o rapaz, como discreto,
medita mais do que lê.
A leitura, só, não basta:
o ler muito nada prova:
olhe esta geração nova!
olhe-se mesmo você!*

*Sim: você, da sua loja,
analfabeto chapado,
pode escolher a seu grado
um varão legislador;
você, do pobre cantinho
em que de sábio não timbra,
pode mais que uma Coimbra,
faz de repente um doutor!*

*Hoje custa achar emprego
para um moço bem-nascido:
o comércio está perdido;
a marinha nada vale;
no exército de terra
são bandas por toda a banda;
e qualquer arte demanda
jeito e gosto especial.*

*Por essas secretarias
reina justiça de moiro;
aos néscios oiro e mais oiro;
os outros... ouvem-lhe o som.
Além disso a inteligência
em breve lá se atrofia:
quem fez uma portaria
nunca mais faz nada bom!*

*Médicos ganharam muito;
mas esse ganho fez termo:
quando um homem jaz enfermo
é quando menos os quer.
Depois dos vários sistemas,
que todos por fim têm pata,
fica a morte mais barata
quando ela por si vier.*

*A mina da advocacia
teve bons exploradores,
que antigamente os doutores
não assinavam de cruz.
Mas agora a velha escola
tem dado tanto camelo!
bicho de borla e capelo*

quase sempre foge à luz.

*Feito rápido bosquejo
em que 'inda tudo não digo,
há-de ser o meu amigo
não só patrono, juiz:
ajuíze, que isto é claro,
se acaso há mor embaraço
que um homem, sem ser ricoço,
ver-se pai neste país!*

*Lá marchou direito ao ponto.
A gente às vezes acerta;
eu fiz uma descoberta,
que me não parece ma:
para um moço delicado,
que põe mira no orçamento,
uma cadeira em S. Bento –
arranjo melhor... não há.*

*Levanta-se ao meio-dia;
vai almoçar ao Chiado;
vem às Cortes repimpado
em traquitana veloz:
chega à sala – traça a perna,
endireita o colarinho,
e escreve o seu bilhetinho
à menina dos bandós.*

*Nos interesses da Pátria,
sua filha em bom direito,
quando vota, diz: «Rejeito»,
ou diz: «Aprovo» também.
Não entrega o voto à sorte,
vai alternando as respostas;
e se acaso volta as costas,
é que não entendeu bem.*

*Tem sarau em certas noites
nas altas secretarias,
onde há chá, doces, fatias,
e até neve, de Verão.
Faz quase um conto por ano;
emprega quatro parentes;
e as damas, por entre dentes,
perguntam: «Já é barão?»*

*Eis aqui para meu filho
brilhantíssimo futuro;
e o negócio está seguro,*

*se aprouver ao regedor:
um gesto de tal potência
torna maus fados propícios,
pode mais que dez comícios
a trabalhar por vapor.*

*Ponho em vós minha esperança,
ponde em mim vosso cuidado;
criai-me este deputado,
e então mostrarei quem sou.
Esta empresa, em que martelo,
deixa-me a cabeça calva,
se a Pátria não fica salva,
fica salvo... um seu avô.*

*Acedereis, como espero,
ao meu instante pedido;
e por mim ficareis tido
grande herói entre os heróis.
Basta já d'impertinência;
não pouco tenho abusado.
Sou – vosso amigo e criado –
João Fernandes d'Anzóis.*

RESPOSTA DO REGEDOR

*Ilustríssimo senhor
João Fernandes d'Anzóis: –
Recebi o seu favor,
estando a fazer uns róis
mau a minha Leanor.*

*Ela é quem m'escreve e lê
toda a minha papelada;
eu nunca; e não sei porquê,
que eu dei de cor e salteada
a carreira do á-bê-cê.*

*Mas letra por minha mão
dá lugar a que alguém pense
ser eu materialão,
como um pobre amanuense
de qualquer repartição.*

*Isso nunca! Assento a giz
certas coisas cá da tenda,
os queijos, paios, pernis;
ou marco alguma encomenda,
que às vezes chega em barris.*

*Enquanto à regedoria
é tudo lá da patroa –
trabalha de noite e dia;
e que letrinha tão boa!
parece fitografia.*

*Mas onde vou eu parar
coas prendas da minha aquela,
sem do negócio tratar?!
É sempre: em falando nela,
sou pior que ela a falar!*

*Vamos lá ao seu rapaz.
Não é de João Fernandes
a proposta que me faz:
você tem ideias grandes,
e eu cá não lhe fico atrás.*

*Quer seu filho deputado;
e quem é que não quer disso?...
tão amargo é o bocado!
fazer à Pátria serviço
na poltrona recostado!*

*Tem razão, meu caro amigo;
Eu também quisera ter...
armazéns cheios de trigo;
fora melhor que viver
cá dentro do meu postigo.*

*O negócio tem seu osso;
a coisa não vai assim:
anda por'i muito moço,
há tempos, atrás de mim,
e gente que tem caroço!*

*Olhe que numa eleição
entendo bem da manobra;
vejo muito medalhão
que, suplicante, se dobra
diante do meu balcão.*

*Porém, apesar do jeito
com que levo a tal campanha,
às vezes um lugar feito
passa a outro que o apanha,
e bumba! lá fica eleito.*

São pedidos a não mais!

*pedidos da minha classe,
e doutras classes que tais;
e, perto do desenlace,
as cartas ministeriais.*

*Se o senhor lesse uma lista
que recebi noutra dia
dum machucho meu bairrista,
decerto que se benzia;
era coisa nunca vista!*

*Ainda no mês passado
arranjava-lhe o rapaz;
tinha um lugar despejado,
e vai de repente: zás!
aparece outro afilhado.*

*É um doutor franganote,
que perdeu o casamento
com menina de bom dote,
e quer ir ao Parlamento
desferrar-se do calote.*

*Em vagando este lugar,
é despacho imediato:
tenho por força de o dar
a um capitão mulato,
que chegou do ultramar.*

*Assim que vagar segundo,
há-de ir um periodiqueiro
em solecismos fecundo,
por quem pede... o mundo inteiro,
não digo, mas meio mundo.*

*Irá depois um janota
que teve muito de seu.
Nesse toda a gente vota,
que ele enfim ensandeceu,
e alegre o ser idiota.*

*Estes candidatos são
para a próxima fornada.
Eu, por temer confusão,
tenho a gente separada
em secções de batalhão.*

*E além de tais pretendentes
à nobre candidatura,
andam cá os meus parentes*

*em contínua secatura,
porque têm as costas quentes.*

*Não tem fim esta encomenda
de cadeiras em S. Bento!
Tomara na minha tenda
um freguês por cada cento;
fazia um milhão de renda.*

*Eu qualquer dia desisto
de tão tremenda maçada!
Deram-me o hábito de Cristo;
mas pela fita encarnada
hei-de eu sofrer tudo isto?!*

*Em resumo: o seu intento
não pode cumprir-se já.
Perdoe se o não contento;
porém que remédio há?
deixe vir maré e vento.*

*Nunca se perde a esperança,
meu caro senhor Anzóis:
está sempre a haver mudança;
vêm à cena outros heróis,
porque a mesma gente cansa.*

*Neste lindo Portugal
há milagres com frequência:
qualquer ente irracional
saboreia uma excelência,
amarrado ao tribunal.*

*Meu pai, pobre surrador,
pôde sonhar porventura
que um dia haviam de pôr
esta humilde criatura
no cargo de regedor?!*

*Agora tudo se faz;
que importa saber de castas?
Há-de ver o seu rapaz
ministro com duas patas,
e dois correios atrás!*

*Aposto, e verá que acerto.
E adeus; fico ao seu dispor.
Já enfatio, decerto!
Cá me grita a Leonor
que já tem o pulso aberto.*

*Peço-lhe o maior segredo
dessas coisas que aí vão.
Até um dia bem cedo.
Sou de iodo o coração,
– seu amigo – Zé Penedo.*

GONÇALVES DIAS

Os quilates deste poeta brasileiro eram os da melhor moeda, quando a sua poesia circulava nos corações das mulheres pálidas e ruborizava o sangue das pulsações mais vitais da sua fisiologia. Visto desta distância, apenas me entreluz como estrela candente nas brumas da serra que transpus, e para a qual, ao dobrar os espigões de outra mais alcantilada, olho com saudade. Raros são os príncipes da literatura que não assistam vivos aos funerais da sua glória. Gonçalves Dias morreu coroado imperador da lira americana; sumiu-se tragicamente no mar, como Elias no azul, quando o seu nome era o símbolo da musa cisatlântica e a sua vida, um pouco falida ao dinheiro, uma glória nacional. Se vivesse mais alguns anos, entraria com os seus versos na região glacial do esquecimento, e, a menos que não quisesse fazer literatura dândi, poesia de macáçar em anos de prosa, iria à Rua do Ouvidor oferecer aos falidos e aos roubados a sua ciência do Código Comercial. O Senado do Rio de Janeiro deu-lhe no cunhal de uma esquina o espaço necessário para se esculpir o seu nome: *Rua de Gonçalves Dias*. Isto faz nevroses de entusiasmo. Entretanto, a mãe do poeta na antecâmara da morte, que é a decrepitude, tinha fome: e, se não tinha frio, abençoado sejas tu, é sol dos antípodas! Há poucos meses que a velhinha, a mãe do imperador dos poetas brasileiros, recebeu uma pensão vitalícia da mão de D. Pedro II, que por acerto da fortuna é um monarca tão ilustrado que chega a vestir-se como um poeta pobre.

QUE COISA É UM MINISTRO

I

*O ministro é a Fénix que renasce
Das cinzas de outro, que lhe a vez cedeu:
Nasce num dia como o Sol que nasce,
Morre numa hora como vil sandeu!*

*Se nódoas tem, uma excelência as caia;
Mortal sublime, que não sabe rir,
Do vulgo inglório não pertence à laia,
Dará conselhos, se se lhe pedir!*

*Um bípede de pasta, não de barro,
Nos pés se firma por favor de Deus!
Dois fardas-rotas trotam trás do carro
Em ruços magros como dois lebreus.*

*Agora, sim: temos a Pátria salva,
Não fará este o que já o outro fez;
Grande estadista! basta ver-lhe a calva,
D'homem assim não há dizer – talvez!*

*Vede-lhe a pasta, que de cheia estala
Só de projectos que farão feliz
A Pátria ingrata, que seus feitos cala,
Ou, mais que ingrata, o nome seu maldiz!*

*Vede-lhe o saco – carga de um jumento,
Com borlas d'ouro e verde! – No costal,
Castigo de ordenança, lê-se atento
Projectos mil! secretaria tal!*

*Cansai-vos pois! – Quem veste aquela farda
Há-de fazer o que mui bem quiser!
Vem-lhe com ela uma sabença em barda!
Por isso acerta, quando Deus lá quer!*

*Se lhe lanças baldões na própria cara
Diz a alguém que o defenda, e chega a si
Com intrínseco amor a pasta cara,
E exclama: «Ó Pátria, morrerei por ti»*

*Ó Codros, Cúrcios, Fábios, Cincinatos,
Carunchosos heróis da antiga história,
Vinde-me aqui, e ponde-vos de rastos
Junto deste que vence a qualquer glória!*

*Pois que faríeis vós? Verter do peito
O melhor sangue... pela Pátria acabar⁸...
Imbecis! – pois mais vale com proveito
Da Pátria à custa a vida flautear!*

*Ou senão, vede-me este que anafado,
Néδιο, de cara alegre, ânimo audaz,
Faz de si quando quer um deputado,
Ministro quando quer! Mas que mal faz?*

*Notas-lhe a fronte de cuidados cheia,
Nuvens e nuvens vedes i passar,
Como na praia turbilhões de areia,
Como em tormenta os vagalhões no mar!*

*Grande homem! disse: que temor te afronta?
A nau do Estado salvarás talvez!...
Qual nau do Estado?! é a horrorosa conta
Dos ruços magros, que alugou por mês!*

II

*Basta enfim, que é mortal feito com pasta,
Fardado com teteias, com galão!
Trata-se de comer – nada lhe basta;
Mas dizem que é sujeito à indigestão!*

*Trata-se de falar!... Aplauda-o junta,
Em peso a maioria – homem feliz!
Mais modesto que o grego não pergunta,
Tem a certeza de que asneira diz!*

*Trata-se de escrever!... Vede em que espaço
Folhas e folhas de papel encheu!
Cem vezes mil em ruim papel de almaço
Soberbo assina o nome ilustre seu!*

*Mas num dia nefasto, a turba-multa
Irosa vai-se à estátua do imortal,
Com duro esparto o ilustre colo insulta
'té dar com ele em fundo lodaçal!*

*Logo, farda, florete, pendrucalhos
Vão para um canto a criar mofo lá!
Limpa-se o carro! pensam-se os cavalos,
Memento homo! – Está bem morto já!*

Mesmo os sendeiros dos dois fardas-rotas,

⁸ Não se entende como Gonçalves Dias fizesse versos deste feitio!

*Na rua empacam, sem querer seguir!
Debalde os tosam coo tacão das botas,
Deitam na rua a papelada: é rir!*

*Agora, pois, que não há dessa gente,
Vão nossas coisas caminhar a sós!...
Mas que poeira vê-se de repente
Lá no horizonte em direitura a nós?...*

*Inda um ministro!... grande Deus bendito!
Doirado d'inda agora, e fresco, e assim
Vem tão contente de se ver bonito,
No olhar parece que vos diz... Eu, sim!*

*Eia, depressa! meus dois fardas-rotas,
Toca de novo pasta e saco a encher,
Dá-lhe que dá-lhe coo tacão das botas
Trás do ministro largando a correr!*

*E ei-lo que passa, o homem doutro barro!
Que tem dois pés; mas por favor dos céus!
E os dois fardas-rotas lá vão trás do carro,
Nos rocins magros, como dois lebreus!*

III

*Bípede, sim; mas a cair de bruços,
Não poderia ter-se em pé jamais,
Por isso marcham na vanguarda os ruços,
Sem terem culpa, pobres animais!*

*Dizem também, mas não o dou por certo,
Que um desses lesmas, já assim falou –
Foi um discurso de zurrar aberto,
Do Senado um taquígrafo o tomou:*

*«Ó tu que tens de humano o gesto e o peito,
»Se de humano é matar um bicho feio
»Só porque o costado tem sujeito
»A quem lhe soube pôr o sujo arreio,
»A estas mataduras tem respeito;
»Pois te não move a rigidez do freio!*

*»Põe-me onde se use toda a crueldade,
»Entre leões e tigres, e verei
»Se neles achar posso a piedade
»Que em peitos de ministros não achei!
»Ali co'amor intrínseco e vontade
»No capim por que morro, viverei!*

*»Pois de algum deputado a resistência
»Sabes domar, sem ser com fogo ou ferro,
»Sabe também dar vida com demência
»A quem para perdê-la não fez erro.»*

*Mas ia por diante o monstro horrendo
Coo o sermão, que ninguém lhe encomendara,
Quando inimiga mão lhe foi batendo
Com o chicote estalador na cara!*

SOUSA VITERBO

É médico, como Júlio Dinis, e também do Porto, donde os poetas, que lá não morrem como o rouxinol do amator da *Menina e Moça*, alam-se para outras montanhas como as cotovias quando ouvem crocitar o corvo na escarpa da serra.

Viterbo, se quisesse estabelecer-se na Rua de Santo António ou Clérigos, com *écrits* e chitas ou efeitos de guta-percha, poderia sustentar a sua primazia entre os poetas do Norte, sustentando-se a si da percentagem da chita e do caucho; porém, na qualidade de médico, a reputação que lhe cabe como poeta constituí-lo-ia na posição de considerar-se o representante das vitimas do Ceará na Praça Nova.

Todos os médicos portuenses com poesia, antigos e recentes, fugiram para outros getas à morte de Ugolino, ou abjuraram a clínica. João Evangelista de Moraes Sarmiento foi para Guimarães, onde poetou e viveu. O Dr. Ferro casou rico antes que se lhe fechassem as alcovas dos doentes. Alheira morreu pobre, recitando os sonetos que o perderam na confiança dos seus fregueses feridos da hidropisia ou do laparão. Luís António Pereira da Silva deixou as filhas à caridade particular. Não me lembram de outros. Modernamente não há poeta algum médico no Porto. Dos que se preparam para esse funcionalismo lutuoso, a Escola Médico-Cirúrgica, no ano passado, reprovou um terceiranista que fazia versos rubros como as carnes frescas das cantoneiras que escalpelava no anfiteatro. É como está o Porto.

Sousa Viterbo, em Lisboa, de vez em quando, abria às fadas da sua mocidade a porta do seu gabinete, e para não espavorir escondia a canastra dos ossos. Depois, quando entendeu que era preciso respeitar os costumes, pensou no mais sumário expediente para de uma vez se calar. Em vez de encerrar os ouvidos como os legendários nautas à insídia das sereias, casou. E depois, nunca mais cantou. Triste coisa! Vinte mulheres colaboram em trezentas páginas de versos in-8.^o francês. Depois, vem uma só que aspira todos os aromas dessas flores até lhes fenecerem as pétalas. E o poeta vai secando como a flor, e torna-se fruto sem aroma. Tal é Viterbo, o médico, o gentilíssimo poeta que foi.

ÀS SENHORAS FIDALGAS DA CONFRARIA DE S. TARTUFO

*Podeis pecar, esplêndidas senhoras,
podeis cair da tentação no abismo.
Para o pecado velho há o baptismo,
e para os de hoje, ó santas pecadoras,*

*há-de haver umas rezas, uns bentinhos,
a bênção telegráfica de Roma.
Eia, envolvei-vos nesse casto aroma,
e embriagai-vos nos celestes vinhos!*

*Não tenhais medo; o Cristo que se adora
nas vossas perfumadas sacristias
é um Cristo que vive das orgias
e que da cruz, sorrindo vos namora.*

*Podeis arder nos fogos da impureza;
decerto que o teólogo mais fino
dirá do vosso amor que ele é divino
e que sois tal e qual Santa Teresa.*

*Podeis pecar. Eu sei duns nêveos braços
que envolveram um dia o seu vigário,
e não foram pregados no Calvário
porque os salvou Nosso Senhor dos Passos.*

*Podeis pecar. Ao dar a vossa esmola,
vi tremer de vergonha a caridade;
mas que importa que chore a castidade,
se está contente Inácio de Loiola?*

*Podeis pecar! Vós sois as carnes alvas,
sois a grave e terrível formosura:
amais no Carnaval os Marialvas,
e durante a Quaresma o padre-cura...*

*Podeis pecar, podeis; agora eu
já não tenho ninguém que me proteja;
deitou-me um sacristão fora da igreja
como um cão miserável, como ateu.*

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

Fez rir lusitanamente Garrett naquela poesia, que sabem de cor, do galego que inundou com água benta a entrada baixa do espírito imundo repulso do corpo de outra criatura. Agachado na pia baptismal, o galego dizia sarcasticamente ao demónio:

.....Agora, seu Diabo,
Venha pra cá, se é capaz!

É a graça portuguesa – chalaça de botica seguida sempre de outra da mesma laia, depois do «não se vá sem resposta», em assembleia de ginjas, bem ceados e enroupados, cheios de froixos de riso, entre o arrote e a pitada.

Trouxe Garrett do exílio excelentes prendas. Trouxe o lânguido sentimentalismo, a arquitectura compósita do estilo – o anglicismo castiçado com a francesia, e colorido à portuguesa com tintas cediças de Filinto –; trouxe o ideal que dramatizou, e as lindas ligeirices do *humour* britânico com que esmalto as *Viagens*, em que a parte romanesca é banal. Trouxe, enfim, elementos de regeneração literária que pouco deram de si; porque o visconde não era trabalhador que caboucasse os alicerces do edifício novo: era em letras e tudo o mais um casquilho a narcisar-se entre o espelho e o livro, a pentear a cabeleira e a frase, a fazer de dia a *toilette* do corpo e do espírito a fim de, à noite, entrar nas salas com ares de divindade enfasiada de ambrosia olímpica. O que ele não trouxe de Paris foi a graça gaulesa. Era uma compleição tão biologicamente portuguesa e portuense

– ali nascida na Rua do Calvário – que regressou intacto do andaço das subtis argúcias que em Paris se pegam aos espíritos como as finas essências às casacas nos salões onde as duquesas se fazem ver, ouvir e cheirar – quando é só isso. Os seus amigos contam que ele, na roda dos íntimos, reclinado em morbidezas de califa numa otomana, com auditório de lábio suspenso, desatava colares de diamantinas facécias e *égrillardises*, e conceitos *badines* que era de um homem rebentar a rir. Gastava-se oralmente, pois. Conversava como rapaz parisiense e escrevia odes jocosas como desembargador português. Na prosa das *Viagens* e nas caricaturas do *Arco de Sant'Ana* tem tonalidades ridentes que eram, há quarenta anos, milagres de espírito – um prato da culinária de Vatel oferecido ao paladar enfarado desta nossa gente cevada na cabeça de porco e feijão dos arcades e dos académicos. Em poesia nunca manifestou desejos cruamente homicidas de fazer estourar a gente a rir.

Eu de modo nenhum pretendo enviar a este astro de primeira grandeza e luz perpétua um sopro com o propósito assaz temerário de apagá-lo. O que pretendo dizer é que ele não teve graça que nos faça rir a nós.

Repatriaram-se portugueses incorruptíveis os mais engenhosos exilados. Alexandre Herculano era de uma insulsez além da permitida ao escritor público. Os seus tipos burlescos no *Monge de Cister*, com as suas pilhérias do século XIV, são esparramados e salobros até pruírem a indulgência mais patriótica. Só um génio primacial como Herculano poderia indicar-nos a graça misteriosa e sublinhada de *Bobo* e dos outros goliardos dos seus romances históricos.

Se me replicarem que o Dr. Pata-Burro não podia ter o sal que hoje em dia nos tempera as leituras predilectas, não tenho que redarguir. Isso é assim. Mas, se eu tive a felicidade de não ser contemporâneo nem conhecido do Dr. Pata-Burro, peço-lhes o favor de me não obrigarem a ouvi-lo – o sensaborão.

Ficamos entendidos para todos os efeitos, a crítica e eu.

Quanto a Garrett, recordo-me de ter rido de boa fé há trinta anos quando li este seu *Natal em Londres*. Faço-o transcrever agora porque sei que ainda os há – bons portugueses que lêem isto a rir e digerem um tímbale de borrachos sem cólicas intestinais.

O NATAL EM LONDRES

*Que Natal este! – Sempre sois hereges,
 Meus amigos Ingleses!
 Bem haja o santo padre, e a sua bula
 De fulminante anátema
 Que excomungou estes ilhéus descridos!
 Oh! nunca a mão lhe doa.
 – Ver na minha católica Lisboa
 As festas de tal noite!
 Sinos a repicar, moças aos bandos
 Coa bem trajada capa,
 E o alvo teso lenço em coca airosa,
 Donde um par d'olhos negros
 Dão as boas-festas ao vivaz desejo
 Do tafulo devoto
 Que embuçado acudiu no seu capote
 À pactuada igreja!
 Natal da minha terra, que lembranças
 Saudosas e devotas
 Tenho de tuas festas tão gulosas,
 E de teus dias santos
 Tão folgados e alegres! Como vinhas
 Nos frios de Dezembro
 De regalados fartes coroado
 Aquecer corpo e alma
 Coo vinho quente, dos mexidos ovos,
 E farta comezana!
 E estes excomungados protestantes
 (Olhem que bruta gente!),
 Sempre casmurros, sempre enregelados
 Bebendo no seu ale,
 E tasquinhando na carnal montanha
 Do beef cru e insípido!
 Pois os Christmas-pyes, gabado esmero
 De sármatas manjares!...
 Olhem estas pequenas... são bonitas!
 Mas que importa que o sejam
 Se das graças donosas praguejadas,
 Rústicas e selvagens,
 Nem dança airosa, nem alegre jogo
 De divertidas prendas
 Arranjar sabem, e passar o tempo
 Em honesto folguedo!
 Jogar um whist morno e taciturno,
 Sentar-se em mona roda
 Junto ao fogão, fazer um detestável
 Chá preto e fedorento,
 Sem ar, sem graça... – Ó madre natureza,*

*Quanto mal empregaste
À formosura, o mimo, as lindas cores
Que a tais estátuas deste!*

AS FÉRIAS

(A UM AMIGO)

*E em que pensas, amigo, que se ocupa,
Neste grande aldeão que chamam Porto,
O teu G... amigo? – Come e ronca,
Come, e torna a dormir.*

*Dormir! que bela vida! E nos pequenos,
Lúcidos intervalos, por debique,
Duas odes de Filinto, uma d’Horácio,
Três cenas de Racine.*

*Que vida! A longe e longe, um rober de whist,
Mais longe ainda, breve passegiata
Ao monte das irmãs, castas donzelas,
Costas, sim, que não obsta*

*A autoridade de Camões brejeiro;
Porque, se Orfeu pariu a linda dama,
Como dantes ficou donzela e casta,
Virgem depois do parto.*

*– E o namoro? (dirás) Abunda o Porto
Em Delmiras, em Márcias, grato emprego
A um rapaz amador do belo sexo,
Entusiasta e cálido!*

*Foi bom tempo esse tempo do namoro:
Muitas já me roubou horas e dias,
E da amiga pachorra à gorda pança
Me cerceou bom naco.*

*Acabou-se: num cercle o mais luzido
Passeio agora os olhos indiferentes;
Qual arrotando, espreguiçando os braços
Bocejando amiúde,*

*Inda sabendo a boca a ferros velhos,
No outro dia da longa comezana,
Mui disputado toast, em lauta mesa
Fastiento atentara.*

*– E a súcia galhofeira dos rapazes?
– Rapazes! Não conheces esta terra,
Que perguntas por tal. Aqui o gérmén,
Aqui os elementos*

*Escondidos estão que a vida nova
Hão-de chamar a abastardeada espécie
Da corrompida gente lusitana.
Daqui, donde houve nome*

*O velho Portugal, seu nome ainda
Honrado surgirá. Pressago vejo
Na geração crescente ir despontando
As feições renovadas*

*Com que antiga família portuguesa
Se distinguia outrora: o brio, a honra,
Os são costumes, puro amor da Pátria,
A singela franqueza,*

*A nobre independência de outras eras
Ressurgirão daqui. – E então o aspecto
Desta formosa terra, hoje encoberto
De nevoeiros britânicos,*

*Resplenderá coa natural beleza
Que vilões fidalguinhos de má medra,
Cockneys caixeiros, frades ignorantes
Agora lhe deturpam.*

*Oh! quando te hei-de eu ver, Pátria querida,
Limpa de ingleses, safa de conventos,
E varridas tuas ruas da imundície
Do fidalguesco lixo!*

*Irá com ele a sórdida ignorância,
E o seu teimoso bê, nasal resfol'go
Que arrepiá, nauseia, aturde e zanga;
Irá co esses galegos*

*Coaxar no lodo vil donde a mofina
Nos trouxe o sestro brácaro maldito
Que o rotundo falar da nossa origem,
Tão feio corrompeu.*

*Rústicas misses, ladies sensabores
Em tola affectação de inglês bronquice
Enfronhadas à força, à força gebas,
Desairosas bonecas!*

*Arrojai-me no Doiro co esses trajes,
Portuenses donzelas. – Quem pudera
Pleitear convosco em formosura e graças
Se quais sois vos mostrásseis?*

*Formas que Vénus para si tomara,
Dessa mortalha de invenção fradesca
Quem as libertará? Bioco negro,
De donde mal vislumbra*

*Raro lampejo de celeste face,
Oh quem o rasgará! Purpúreos lábios
Em que o Desejo, coa Inocência riem,
Donde Amor seus tesoiros,*

*Alvo dos beijos de sequioso amante
Coa mão divina dadivoso esparze;
Lábios que entr'abrem folgazãs e alegre
As nuas Graças lindas.*

*Quem lhe há-de restituir o som canoro
Que torpes fradanhões desafinaram
Coo ensino ignorante – e o presunçoso
Morgado lá de xima*

*Acostumou às inflexões galuchas?
Oh! será teu poder, celeste númen
A quem por ora, como a Deus ignoto,
Tácito adora o Luso*

*Em misterioso altar erguido a ocultas
De sáfaros patricios, de ímpios flâmines,
E oh! mais que tudo, do estrangeiro odioso
Que no insofrido jugo*

*Nos rebitou os cravos que abalavam.
E mercador chatjm, de nosso sangue,
De nossa honra fez tráfico e ganância
Coos baxás do tirano.*

*Sim, amigo, esta corja odiosa e bárbara,
Opressora da lusa liberdade,
Esta canalha d'Al-bi-on soberbo
Aquifixou seu trono.*

*De botelhas coroadas, e d'olhos, boca,
Das orelhas, nariz e doutras partes
Esguichando cerveja numa glória
De espesso nevoeiro,*

*Pousou seu génio bruto em nossos muros;
Co'o nacional God-damn, e o frasco a pino,
Nos bebe o vinho, nos esbulha as bolsas,
Dá-nos em troco os sestros,*

*Dá-nos as manhas, os costumes feros,
As ridículas modas, enfim tudo
Quanto não é o amor de certa coisa
Que a bonzos, naires fede.*

AZEVEDO CASTELO BRANCO

Vi-o quando ele nasceu em uma aldeia côncava da serra do Mesio. Aos oito anos era loiro, bonito. Aos doze, fugia dos colégios e vagava errabundo nas chapadas dos montes, a contemplar com saudade e fome lá ao fundo o penacho de fumo ondulando por sobre os castanhais da sua aldeia. Aos quinze anos vivia comigo; e, quando eu o imaginava versando com mão nocturna o seu Virgílio, ele assistia no Teatro de Camões, com a insensibilidade de um Cláudio subalterno, recostado no meu camarote de assinatura, à flagelação da Arte que o saudava moribunda.

Depois, fez-se bacharel em Leis com o fastio indolente de um homem que se faz... bacharel em Leis. Acariciava as criações translúcidas de Antero de Quental, o meigo sonhador, o panteísta que chorava saudades dos deuses banidos e os ressuscitava com o fervor apóstata de Juliano. Azevedo Castelo Branco não ressuscitava ninguém; mas admirava tudo que era bom e sonoro, menos a *cabra*. Escreveu prosas e versos, revezando a circunspecção e a ironia, como quem, estimando ambos os feitos de escrever, preferia com especialidade não escrever nada. Cheio dos hinos de Rig-Veda e do Mahâbhârata e do Râmayna, foi administrar um concelho transmontano, onde compreendeu Schiller, na convivência que teve com salteadores. Em seguida, funcionalizou-se num governo civil, e premeditou comentar o Código Administrativo com alexandrinos, a ver se abria um sulco de poesia nas almas dos povos desde a Ovelhinha até São Gonhedo. Era tarde. O lagarto das vinhas havia afugentado de Trás-os-Montes os únicos civilizadores possíveis daquela região: Sileno e o burro. Um dia, Azevedo Castelo Branco olhou em si com atenção, e viu que era bacharel em leis autêntico. Sentou-se à banca, elevou o concelho à exorbitância de cinco tostões e sacudiu as sandálias de oficial-maior no capacho da autoridade superior do distrito.

Belo e digno rapaz, quando a musa, a devassa, te aparecer lagrimosa, limpa-lhe os olhos com o lenço escarlate e tabaqueiro do teu Pascoal José de Meio.

FRUTOS PIEDOSOS

– É teu filho, Joaquina?
 – É verdade, meu senhor.
 – E esta bonita menina?...
 A quem pertence esta flor?...
 – É minha.
 – Pois tu, Gracinda,
 Com tão pouca idade, tens
 Uma filha assim tão linda?!
 Eu dou-te os meus parabéns.
 – Obrigado, meu senhor.
 – E a gordanchuda pequena?
 – Já é filha da Helena.
 – E o rapaz?
 – Da Leonor.
 – Estais todas já casadas?!...
 – Não senhor...
 – Então?
 – Morreram
 Os noivos...
 – Bem sei. Coitadas!
 (Pecados da mocidade,
 Loucuras do coração!...)
 – São todas da mesma idade,
 Joaquina?
 – Sim... nasceram...
 Naquele ano da missão.

*

Ouvi dizer, Madalena,
 Que há meses o teu estado
 A todos dava cuidado,
 A muitos causava pena.

Trazias a cor do rosto
 Desmaiada, e pensativa
 Andavas como cativa
 Do mais íntimo desgosto.

Chegara a um tal extremo
 A tua melancolia
 Que toda a gente dizia
 Que tinhas no corpo... O Demo.

Depois o padre que veio,
 De longes terras chamado,
 Modificou esse estado

Com rezas, segundo creio.

*Há quem diga, teime e insista
Em que o Demo se mudara
Num anjinho. E coisa rara!
Foi assim? Oh, que exorcista!...*

BARÃO DE ROUSSADO

Meu caro Manuel, quando tu já tinhas dentro de ti o bailo, e eu tinha dentro de mim a ténia, ceámos pescada cozida com batatas no Penim, e bebemos um torres amargo como o ciúme. Saímos da taberna que A. Herculano elevara à grandeza de «Agulheiro dos sábios» e parámos no cunhal da esquina, aureolados com o resplendor suspeito do gás, como dois magos do Oriente que parassem onde aquela estrela moderna e civilizada até ao lampião nos mandou parar. *P* que ia ali nascer de nós o que quer que fosse. Encostou-se a gente ao cunhal numa atitude de digestão difícil disfarçada em medição profunda. Nenhum de nós, batendo na frente, repetiu o *j'avais pourtant* de Chenier, porque a ideia já estava tão estafada que nem mesmo a convivas do já agora extinto Penim era lícito fazer com ela um alarde de génio inflamado pelo fósforo da pescada e pelo ácido acético do torres. Perguntei-te o que sentias, porque te vi arfarem as bossas frontais, como se estivessem em ânsias parturientes duma epopeia ou dum almanaque. Fitaste-me os teus olhos fulgurantes; e, como quer que visses nos meus gestos um jeito de inspirado, perguntaste-me se não seria mau tomarmos genebra. Entrámos no Martinho, à hora alta da noite em que dois majores reformados e um homem de letras, que encontrara no alfabeto a sua desgraçada inutilidade, acentuavam a murros no mármore as suas convicções da necessidade da república. Procurámos a mesa mais afastada dos três celerados, que bebiam capilés para acalmar a sede de sangue e expectoravam as suas iras nas cadeiras em projecteis de catarro. Foi ali, na mesa do canto, que se realizou o advento da ideia que amadureceste com compota de genebra. A tua mão vibrante do *ecce Deus* de Ovídio, e do *pur so muove* de Galileu, pesou-me na espádua como um dos bons murros que tu tens visto levar em New-Castle. Depois, com umas rutilações de pupilas que tanto podiam ser um projecto de regicídio como indigestão de peixe, disseste: «Vou parodiar o *D. Jaime* de Tomás Ribeiro.»

E, no dia seguinte, recitaste-me as passagens da paródia mais risonha, mais delicada e menos ofensiva que ainda se viu neste pais em que a paródia é quase uma cobarde mordacidade. Estes fragmentos que tão de molde se casam num *Cancioneiro Alegre* são os que eu recordo com saudade, com tristeza, com a desesperação de nunca mais te encontrar no Penim, nem te ver o festivo rir da tua inalterável alegria. Ah! barão, barão! Os *possidónios*, quando se confederaram para te despontar as farpas, levaram até ao trono as suas súplicas insidiosas e cingiram-te na frente a coroa de ferro do velho feudalismo que te exilou da feliz boémia da imprensa como se ta soldassem no tornozelo à guisa de grilheta.

Adeus, meu caro poeta!

ROBERTO

DOZE ANOS DE AGONIA

*Bem custa o pesadelo de uma noite
sofrido em contorções de ânsias terríveis,
nos fumos de carneiro tormentoso,
sobre má digestão!
quando as vagas do sangue proceloso
batendo como açoite,
coas rápidas marés do coração,
o põe em mil corcovos desiguais!
Quando os roncões de tripas turbulentas
lembram mula manhosa entre os varais!
Bem custa o pesadelo de uma noite,
levada a ver da cama
longas cenas de horrível melodrama,
que representa uma indigesta ceia,
e a fantasia a produzir comparsas,
e o vinho a refterver de veia em veia!*

*O silêncio do quarto abre-se em vozes,
roucas, profundas, engrolando requiems,
para extrair de um morto os maus pecados.
A solidão povoa-se de gente,
morto, prior e sacristão, na frente!
seguem atrás os gatarrões pingados,*

*E o mísero mortal ardendo em sede,
da cama se esqueceu, e o solho mede.*

*Acorda no sobrado o agonizante,
olha, escuta, espantado,
os moços do Lagóia!*

*Estende a mão ... encontra a lamparina.
Pergunta quem morreu, fala ao finado,
responde-lhe uma voz, ao longe, e fina,
do gato esperto a remiar distante,
único som, na casa entregue ao sono.
Suor quente lhe escorre da camisa,
alagando-lhe o peito chamejante,
e pelo chão desliza.*

*Ao morto quer fugir, não pode vê-lo;
sob a roupa se furta, os olhos cerra,
mas não se furta a novo pesadelo;
carneiro com batatas não dá tréguas,
se conserva connosco!*

*Transfigura-se o quadro. Os vultos negros
transformam-se em credores,
severos, ásp'ros, brutos, furibundos;
são dez, e vinte, e cento, e mais, e inúmeros,
compridos, curtos, magros e rotundos;
e juntam-se, recrescem, multiplicam-se,
juros, penhoras, querelas e sentenças;
e o carneiro tenaz, que tudo cria,
sobe, desce, ressalta e se mistura
coas sombras da torvada fantasia.*

*E o mísero mortal ardendo em sede,
da cama se esqueceu, e o solho mede.*

*Passada a noite longa da agonia,
doutor com toda a luz da medicina
vem achar os sinais dessa tormenta
nas olheiras da face macilenta,
e curar os estragos do carneiro
coa mistura salina.*

*E que serão doze anos de agonia?
doze anos de sonho tormentoso,
doze anos coa bolsa erma de pintos,
doze! doze! sem ter da fama o gozo?
sem cavaco no Grémio Literário,
sem um sorvete à noite no Martinho,
Sem um copo do termo no Penim,
sem bailar em nenhum noticiário,
sem ouvir da Canária agudo grito,
sem nome no Almanaque de Lembranças,
sem ter à perna um dia o Brás Tisana,
sem ocupar o estro do Agapito,
sem coisas estudar transcendentais,
sem hábito da ordem – Sant' Iago,
sem nas Cortes ouvir Zê de Moraes?!*

(Canto IV.)

«HOC OPUS HIC LABOR EST»

*Eu conheço Lisboa, e tenho pena;
éden dos charlatães do todo o mundo;
lago formoso de mentiras lindas,
tem nas margens o amor, traição no fundo.*

Rainha do Ocidente envolta em pó,

*vaidosa de seus mil comendadores;
dos seus guanos e dos seus trapiches,
rica de realejos e credores.*

*Hospitaleira mãe do passeante,
Cícero do Marrare, audaz talento;
lanterna maga que alumia a estrada
que vai do botequim ao Parlamento.*

*Árvore a cuja sombra o pretendente,
em torno do ministro em vão suspira;
onde o memorial constante entoa
hinos sonoros que a barriga inspira.*

*Onde o talento se protraí de rastos,
e o charlatão pomposo se irradia
por entre os beleguins eleitorais,
potências do presente, heróis do dia.*

*Em ti o amor, Lisboa, é como o fósforo,
na juvenil endiabrada mão,
que morre, qual se acende, em breve instante,
sem faísca deixar do seu clarão.*

*San Bento palrador, contai os feitos
dos mil Catões da minha pátria bela;
quanto sangue leal nos teus combates
verte o senso comum e só por ela!*

*Oh! falem Coruscantes e Ravisius,
ala dos faladores tão secante!
conta, Zé de Moraes, as sanguessugas,
que aliviam a Pátria agonizante.*

*De Lisboa os cataventos,
quem vos poderá pintar!
os políticos portentos,
que vem a Pátria salvar,
ricos de cores aos centos
de mil diversas bandeiras!
nobres peitos-prateleiras
dos antigos democratas,
a pedante mocidade,
e a cómica majestade
desses gordos pataratas!*

(Canto V.)

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
